

UNIVERSIDADE FEDERAL DOS VALES DO JEQUITINHONHA E MUCURI

Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* Profissional em Educação

Isabela Pardino Reis

**ESTADO DO CONHECIMENTO: práticas pedagógicas com o uso de filmes nas
dissertações e teses dos programas de pós-graduação das universidades brasileiras
(2014 a 2018)**

Diamantina

2019

Isabela Pardini Reis

**ESTADO DO CONHECIMENTO: práticas pedagógicas com o uso de filmes nas
dissertações e teses dos programas de pós-graduação das universidades brasileiras
(2014 a 2018)**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, como requisito para obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Maria do Perpétuo Socorro de Lima Costa

Diamantina

2019

Elaborado com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

R375e

Reis, Isabela Pardinho

Estado do conhecimento: práticas pedagógicas com o uso de filmes nas dissertações e teses dos programas de pós-graduação das universidades brasileiras (2014 a 2018) / Isabela Pardinho Reis, 2019. 129 p. : il.

Orientadora: Maria do Perpétuo Socorro de Lima Costa

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Educação) - Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Diamantina, 2019.

1. Cinema. 2. Educação. 3. Práticas pedagógicas. 4. Uso de filmes.
I. Costa, Maria do Perpétuo Socorro de Lima. II. Título.
III. Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri.

CDD 371.3

Ficha Catalográfica – Serviço de Bibliotecas/UFVJM
Bibliotecária Nádia Santos Barbosa, CRB-6/3468

ISABELA PARDINHO REIS

ESTADO DO CONHECIMENTO: práticas pedagógicas com o uso de filmes nas dissertações e teses dos programas de pós-graduação das universidades brasileiras (2014 a 2018)

Dissertação apresentada ao MESTRADO EM EDUCAÇÃO, nível de MESTRADO como parte dos requisitos para obtenção do título de MESTRA EM EDUCAÇÃO

Orientador (a): Prof.^a Dr.^a Maria Do Perpetuo Socorro De Lima

Data da aprovação : 04/11/2019



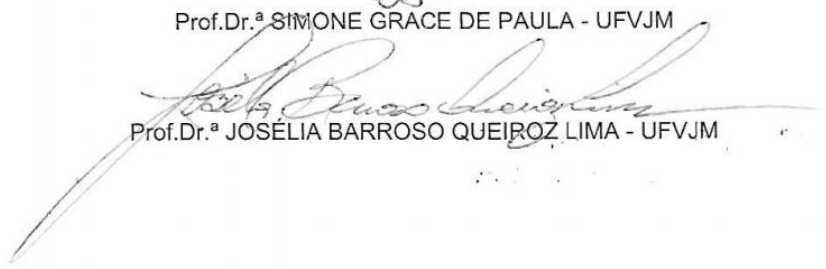
Prof.Dr.^a MARIA DO PERPETUO SOCORRO DE LIMA COSTA - UFVJM



Prof.Dr. JOSANIEL VIEIRA DA SILVA - UPE



Prof.Dr.^a SIMONE GRACE DE PAULA - UFVJM



Prof.Dr.^a JOSÉLIA BARROSO QUEIROZ LIMA - UFVJM

DIAMANTINA



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DOS VALES DO JEQUITINHONHA E MUCURI
DIAMANTINA – MINAS GERAIS



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

ATESTADO DE DEFESA POR VIDEOCONFERÊNCIA

Atesto para os devidos fins que no dia 04 de Novembro de 2019, às 09h, nas dependências da UFVJM – em Diamantina, foi realizada a defesa de dissertação/tese da discente **ISABELA PARDINHO REIS** com o trabalho intitulado “*ESTADO DO CONHECIMENTO: práticas pedagógicas com o uso de filmes nas dissertações e teses dos programas de pós-graduação das universidades brasileiras (2014 a 2018)*”, no Programa de Pós-graduação em Educação (PPGED/UFVJM).

Na qualidade de presidente da banca, atesto (a) **Prof. (a) Dr. JOSANIEL VIEIRA DA SILVA**, docente da Universidade de Pernambuco - UPE, participou através de videoconferência.

Em virtude da participação remota do membro da banca acima indicado, eu, **MARIA DO PERPETUO SOCORRO DE LIMA COSTA**, enquanto servidor público, no gozo de fé pública, assino no lugar desse na Ata de Defesa e na Folha de Aprovação da referida defesa.

Por ser verdade, dou fé e assino o presente atestado.

Diamantina, 04 de Novembro de 2019.

Prof^ª. Dr^ª MARIA DO PERPETUO SOCORRO DE LIMA COSTA

Presidente da Banca

Para minha mãe Cida, meu pai Delmir, meus irmãos Vinícius, Raphael e minha irmã Mariana. Com todo amor e afeto ao meu companheiro que sempre me apoiou e me incentivou ao longo dessa trajetória, Albér Carlos.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vida e saúde, fazendo com que todos os meus planos pudessem ser concretizados.

À minha orientadora Prof^a Dr^a Maria do Perpétuo Socorro de Lima Costa, pela oportunidade, pelo crescimento, trocas e aprendizado construído durante todo o mestrado. Agradeço-lhe por todas as orientações, pelos bate papos e por me receber na sua casa com tanta disponibilidade. Saiba que a sua história me inspira e que, além de orientadora, você é a professora que poderei contar em todas as minhas inquietações e projetos a serem construídos ao longo da minha caminhada na educação básica.

À UFVJM, ao PPGED e a todos os professores que fizeram parte da minha formação, desde a graduação até o mestrado.

Às diretoras das escolas que trabalhei nesse período, pela compreensão e apoio na reorganização dos meus horários de aula.

Aos meus alunos e alunas que, mesmo sem saberem, são meus maiores estímulos e desafios. Eles que me instigam a buscar sempre me capacitar e ser uma professora melhor.

Aos colegas do Mestrado em Educação pelas trocas ao longo desses anos. A Lidy por todo companheirismo e apoio na fase difícil que enfrentamos no início do trajeto. Um agradecimento mais que especial aos amigos queridos que o mestrado me deu, e que fizeram essa caminhada se tornar mais leve, divertida e prazerosa, Círio, Waldimar, Narlisson, Virgínia e Luís Carlos. Sou muito grata por todos os momentos, aprendizados e prosas que trocamos. Já sinto falta de todos. Luís, obrigada por ser minha dupla de sempre e por todos os desabafos, angústias, artigos e alegrias que dividimos nesses dois anos. Valeu, amigo!

Às minhas amigas da escola, Mariana, Carol e Amanda; e da Biologia, Janice, Mari e Kamila, que sempre torceram por mim e me incentivaram a todo o momento. Aos amigos Kleber, que cuidadosamente me auxiliou na leitura e correção da dissertação, e Luís Paulo Sant'ana pela disponibilidade e boa vontade em traduzir o meu resumo.

À minha família que são minha base, minha fortaleza, meus maiores apoiadores e exemplos de vida. Sem vocês nada disso seria possível. À minha mãe Cida, meu pai Delmir, meus irmãos Vinícius e Raphael, e minha irmã Mariana, pelo incentivo, amor,

cuidados e por compreenderem minha ausência em alguns momentos. À minha prima- irmã Jacky que, mesmo distante, sempre esteve presente em minha vida, me apoiando em tudo. À minha prima Débora pela amizade, incentivo e presença constante em minha vida. À minha sogra Vera pelas orações e por sempre se preocupar e cuidar de mim. Vocês são minha maior conquista!

A Albér Carlos, meu maior incentivador e parceiro em todos os momentos da minha vida. Seu apoio, compreensão, conselhos, paciência e afeto foi o que me motivou a iniciar e trilhar todo esse caminho. Sou muito grata a Deus pelo nosso encontro e por tudo que estamos construindo. *“Se você vier, pro que der e vier, comigo. Eu lhe prometo o sol, se hoje o sol sair, ou a chuva, se a chuva cair...”*.

Olhar para trás após uma longa caminhada pode fazer perder a noção da distância que percorremos, mas se nos detivermos em nossa imagem, quando a iniciamos e ao término, certamente nos lembraremos o quanto nos custou chegar até o ponto final, e hoje temos a impressão de que tudo começou ontem. Não somos os mesmos, mas sabemos mais uns dos outros. E é por esse motivo que dizer adeus se torna complicado! Digamos então que nada se perderá. Pelo menos dentro da gente...

(João Guimarães Rosa)

RESUMO

Este estudo parte da inquietação, dúvidas e desafios enfrentados na minha vida profissional enquanto professora. A partir disso, observa-se que práticas pedagógicas com exibição de filmes não ocorrem com muita frequência e, devido aos desafios encontrados para que essas práticas aconteçam de fato, buscamos investigar as pesquisas sobre práticas pedagógicas com o uso de filmes nas dissertações e teses dos programas de pós-graduação (*stricto sensu*) das universidades brasileiras no período de 2014 a 2018, em especial na região sudeste. O ano de 2014 foi escolhido como ponto de partida da pesquisa porque foi o ano que houve a promulgação da Lei 13.006/ 2014. Nesse sentido, a problemática central dessa investigação parte da seguinte questão: como as pesquisas com cinema e educação têm enfatizado as práticas pedagógicas com uso de filmes na educação básica? Para a realização deste estudo, optou-se pela metodologia de pesquisa bibliográfica do tipo “Estado do Conhecimento”, com abordagem qualitativa, de natureza quanti-qualitativa. Como referenciais teóricos, foram adotados principalmente os estudos de Azevedo (2014), Bergala (2008), Duarte (2002), Freire (1967, 1979, 1981, 1989 e 1993), Fresquet (2007, 2009, 2010, 2013 e 2016), Silva (2017) e Teixeira (2017) no campo dos estudos sobre cinema e educação. Lüdke e André (2013) e Bardin (1977) nas veredas da pesquisa qualitativa e análise de dados. A busca na Biblioteca Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) resultou em um total de 109 produções sobre práticas com o uso de filmes na educação. Desse total, 28 trabalhos foram selecionados e constituíram foco desta pesquisa por se enquadrarem no objeto de estudo. Na pesquisa realizada no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, com os descritores ‘cinema *and* educação *and* práticas *and* pedagógicas’ foram encontrados 50 resultados nesse mesmo período, 2014 a 2018. Deste quantitativo, foram selecionadas 16 pesquisas. Ao final, um total de 44 produções constitui este trabalho, sendo 35 dissertações de mestrado e 09 teses de doutorado. Desse modo, foi realizado um mapeamento e análise de conteúdo das produções com o tema práticas pedagógicas com o uso de filmes na educação básica. A fim de delimitar tais produções, optamos em aprofundar a pesquisa na região sudeste, região com maior número de produções nessa área. A partir da seleção dos resumos dos trabalhos foram criadas categorias análise dos mesmos. Concluiu-se que são diversas as práticas pedagógicas com o uso de filmes na escola e que parte dos trabalhos desenvolvidos na região sudeste ainda seguem a linha do uso dos filmes como recurso didático, porém, vários pesquisadores vêm defendendo a presença dos filmes na escola na perspectiva artística, de ampliação cultural e prática social, como caminho para formação humana dos estudantes.

Palavras chave: Cinema. Educação. Práticas Pedagógicas. Uso de Filmes.

ABSTRACT

This study starts from the intriguing points, doubts and challenges faced in my professional life as a teacher. From this, it is observed that pedagogical practices with film screening do not occur very often and, due to the challenges encountered to make these practices actually happen, we seek to investigate research on pedagogical practices with the use of films in theses and dissertations from post-graduate programs (*strict sense*) at Brazilian universities from 2014 to 2018, especially in the Southeast Region. The year 2014 was chosen as the starting point of the research because it was the year that Law 13.006 / 2014 was promulgated. In this sense, the central problem of this research starts from the following question: how researches regards to cinema and education have emphasized the pedagogical practices with the use of films in basic education? For the accomplishment of this study, we chose bibliographic research of the type "State of Knowledge" as the methodology, with qualitative approach, of quantitative and qualitative nature. As theoretical references, the main studies adopted were Azevedo (2014), Bergala (2008), Duarte (2002), Freire (1967, 1979, 1981, 1989 and 1993), Fresquet (2007, 2009, 2010, 2013 and 2016) Silva (2017), and Teixeira (2017) in the field of film and education studies. Lüdke and André (2013) and Bardin (1977) in the paths of qualitative research and data analysis. The search in the Brazilian Library of Theses and Dissertations (BDTD) resulted in a total of 109 productions on practices with the use of films in education. From this amount, 28 papers were selected and became the focus of this research once they fit the object of study. In the research carried out in the CAPES Catalog of Theses and Dissertations, with the descriptors 'cinema and education and pedagogical practices' 50 results were found in the same period, 2014 to 2018. From this amount, 16 researches were selected. In the end, a total of 44 researches constitute this work, being 35 master's dissertations and 09 doctoral theses. Thus, a mapping and content analysis of the productions with the theme pedagogical practices with the use of films in basic education was performed. In order to delimit such productions, we decided to deepen the research in the southeast region, region with the largest number of productions in this field. From the selection of the abstracts of the works were created categories analysis of them. It was concluded that there are several pedagogical practices with the use of films at school and that part of the work developed in the southeastern region still follows the line of the use of films as a didactic resource. However, several researchers have been defending the presence of films at school in artistic perspective, cultural expansion and social practice, as a way for human formation of students.

Keywords: Cinema. Education. Pedagogical Practices. Use of Films.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Percentual e o número total de teses e dissertações sobre práticas pedagógicas com uso de filmes, disponibilizadas no BDTD e no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, referentes ao período de 2014 a 2018.	89
Gráfico 2- Quantidade de produções por região do Brasil (BDTD)/2014-2018).....	90
Gráfico 3- Quantidade de produções por região do Brasil (CAPES)/2014-2018)	91
Gráfico 4- Quantidade de teses e dissertações no período de 2014 a 2018.....	105
Gráfico 5- Distribuição de produções por estado da região sudeste do Brasil	107

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Teses e Dissertações encontradas no BDTD sobre práticas pedagógicas com o uso de filmes – BDTD/2014-2018.....	23
Tabela 2 - Teses e Dissertações encontradas no CAPES sobre práticas pedagógicas com o uso de filmes – CAPES/2014-2018.....	25
Tabela 3 - Teses e Dissertações publicadas no ano de 2014 sobre práticas pedagógicas com o uso de filmes.....	92
Tabela 4 - Teses e Dissertações publicadas no ano de 2015 sobre práticas pedagógicas com o uso de filmes.....	93
Tabela 5 - Teses e Dissertações publicadas no ano de 2016 sobre práticas pedagógicas com o uso de filmes.....	97
Tabela 6 - Teses e Dissertações publicadas no ano de 2017 sobre práticas pedagógicas com o uso de filmes.....	99
Tabela 7 - Teses e Dissertações publicadas no ano de 2018 sobre práticas pedagógicas com o uso de filmes.....	100
Tabela 8 - Relação das dissertações e teses que compõem o corpus documental desta pesquisa	102
Tabela 9 - Categorização das teses e dissertações de acordo com as categorias que serão analisadas sobre as práticas pedagógicas com o uso de filmes na educação básica.....	108

LISTA DE SIGLAS

BDTD - Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CONCINE - Conselho Nacional de Cinema
CTAv - Centro Técnico Audiovisual
EMBRAFILME - Empresa Brasileira de Filmes
EUA - Estados Unidos da América
FURB - Universidade Regional de Blumenau
IES - Instituição de Educação Superior
INCE - Instituto Nacional de Cinema Educativo
PUC-RJ - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
UCP - Universidade Católica de Petrópolis
UEL - Universidade Estadual de Londrina
UEMG - Universidade do Estado de Minas Gerais
UEPB - Universidade Estadual da Paraíba
UFES - Universidade Federal do Espírito Santo
UFF - Universidade Federal Fluminense
UFG - Universidade Federal de Goiás
UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora
UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais
UFOP - Universidade Federal de Ouro Preto
UFPB - Universidade Federal da Paraíba
UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina
UFSCar - Universidade Federal de São Carlos
UFT - Universidade Federal do Tocantins
UnB - Universidade de Brasília
Unesp - Universidade Estadual Paulista
Unicamp - Universidade Estadual de Campinas
Unicap - Universidade Católica de Pernambuco
UNINOVE - Universidade Nove de Julho
UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

UNOCHAPECÓ - Universidade Comunitária da Região de Chapecó

UNOESTE - Universidade do Oeste Paulista

VHS - *Video Home System*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	18
CAPÍTULO I: O CINEMA EM DIÁLOGO COM A EDUCAÇÃO	29
1.1 Breve histórico do cinema mundial	29
1.2 Breve histórico do cinema no Brasil	31
1.3 A relação cinema - educação e suas potencialidades	34
1.4 Práticas Pedagógicas utilizando filmes em sala de aula	43
CAPÍTULO II - CAMINHOS METODOLÓGICOS DE PESQUISA	48
CAPÍTULO III: DESCRIÇÃO DOS RESUMOS DAS TESES E DISSERTAÇÕES PRODUZIDAS NOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO BRASILEIROS NO PERÍODO DE 2014 A 2018	55
CAPÍTULO IV: AS PRODUÇÕES NOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO BRASILEIROS (2014-2018): ABORDAGEM SOBRE O USO DE FILMES NA EDUCAÇÃO BÁSICA	89
CAPÍTULO V: AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS COM O USO DE FILMES NA EDUCAÇÃO BÁSICA DA REGIÃO SUDESTE DO BRASIL – UM OLHAR NA PRODUÇÃO ACADÊMICA (TESES E DISSERTAÇÕES/ 2014-2018)	102
4.1 A presença das categorias de análise	108
4.2 Análise e descrição dos dados da categoria “O uso de filmes como recurso didático”	109
4.3 Análise e descrição dos dados da categoria “O uso de filmes como Pedagogia da Criação/ Educação do Olhar”.....	113
4.4 Análise e descrição dos dados da categoria “O uso de filmes em sala de aula e contribuições para as interações sociais”	116
CONSIDERAÇÕES FINAIS	119
REFERÊNCIAS	122

INTRODUÇÃO

Quando a educação – tão velha quanto a humanidade mesma, ressecada e cheia de fendas – se encontra com as artes e se deixa alargar por elas, especialmente pela poética do cinema – jovem de pouco mais de cem anos –, renova sua fertilidade, impregnando-se de imagens e sons. Atravessada desse modo, ela se torna um pouco mais misteriosa, restaura sensações, emoções e algo da curiosidade de quem aprende e ensina (FRESQUET, 2013).

O meu encanto pelos filmes começou desde a infância. Nessa fase assistia muitos filmes infantis porque o meu pai sempre levava para casa fitas de vídeo (VHS) da coleção “VIDEOTECA da CRIANÇA¹” do Jornal Folha de São Paulo. Esses filmes me marcaram muito e fazem parte das minhas melhores lembranças da infância, reforçando assim a certeza de que os filmes marcam e influenciam a vida dos seus espectadores, independente da faixa etária, podendo assumir diferentes papéis na nossa formação. Após essa fase, já atuando na docência, o encontro com os filmes foi diferente. Percebi como os estudantes gostam de ver filmes nas aulas, na maioria das vezes, para entreterem e saírem das aulas convencionais. No entanto, observei que alguns colegas professores usavam os filmes para ilustrar o conteúdo abordado nos livros didáticos, mostrando assim a presença dos filmes também na escola.

Essas reflexões me levaram a buscar conhecimento sobre o cinema na educação, já que esse assunto me atraía enquanto pesquisadora e professora que pensa suas práticas. Nesse contexto, este estudo parte da inquietação, dúvidas e desafios enfrentados na minha vida profissional enquanto professora. É inquestionável que esta pesquisa tem uma forte ligação com a minha formação acadêmica e da minha relação com a educação. Sou licenciada em Ciências Biológicas e, desde a graduação, estive envolvida em projetos dentro do ambiente escolar. Há cinco anos trabalho em escolas de educação básica no Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais, com as disciplinas de Ciências e Biologia. Nessa trajetória docente, de alegrias e angústias, comecei a refletir sobre os impactos que os filmes causam nas nossas vidas e como ocorrem as práticas pedagógicas com uso de filmes no espaço escolar.

No cotidiano da escola, observa-se que práticas pedagógicas com exibição de filmes não ocorrem com muita frequência e, devido aos desafios encontrados para que essas

¹ Fitas de vídeo com desenhos animados infantis e revistas-pôsteres com jogos para as crianças. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1997/10/26/brasil/6.html>>. Acesso em: 14 set. 2019.

práticas aconteçam de fato, buscamos investigar, em resumos de teses e dissertações, como tais práticas foram observadas pelos pesquisadores dos cursos de pós-graduação de diversas universidades brasileiras, públicas e/ou privadas, que estudam cinema e educação em escolas.

Nesse caminho de indagações sobre a presença do cinema na escola, busco responder a seguinte problemática de pesquisa: como os trabalhos de pós-graduação (*stricto sensu*), produzidos em diversas universidades do Brasil, em especial na região sudeste, têm enfatizado as práticas pedagógicas docentes com uso de filmes na educação básica no período de 2014 a 2018?

Antes de tratar da presença do cinema nas escolas é importante compreender: o que é cinema? Cinema e filme são a mesma coisa? E cinema e educação? Tais questionamentos colocam em evidência o mesmo campo semântico dos substantivos, embora apresentem sentidos diferentes para os estudiosos da área.

Cinema, a sétima arte, articula diversas características das artes tradicionais, como a música, poesia, arquitetura, dança, pintura e escultura. É uma linguagem que abarca diversos recursos, em especial os elementos de imagem e som. No dicionário², a palavra cinema traz três significados distintos: 1 - arte de compor e realizar filmes destinados a serem projeções cinematográficas; 2 - estabelecimento ou sala de projeções cinematográficas; 3 - fingimento, simulação. O cinema como arte para Aumont e Marie (2009) é aquele que não busca uma abordagem realista, e sim que cria novas formas, que não reproduz o real, por isso é considerado arte. Além desta, os autores abordam o cinema como reprodução ou substituto do olhar, como linguagem, como escritura, como modo de pensamento e como produção de afetos e simbolização de desejos. (AUMONTE; MARIE, 2009, p.289-290). Fantin (2009) aponta que

antes de perguntarmos o que é cinema para as crianças, poderíamos nos perguntar *o que é o cinema para nós?* É arte, entretenimento, indústria, cultura? É narrativa, linguagem, dispositivo? É instrumento, meio ou fim? Enfim, quais dessas dimensões estão mais presentes na perspectiva da educação? (FANTIN, 2009, p.206)

Mesmo buscando diversas fontes que contam a história do cinema, é provável não encontrarmos respostas fechadas e definitivas sobre o que é cinema devido à diversidade de olhares, sentimentos e significados na relação deste com o espectador. (FANTIN, 2009).

² Dicionário do Aurélio, disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/cinema>> . Acesso em: 08 ago. 2019.

Sobre definição de filme, Silva (2017, p.19) apresenta como “uma película montada, sonorizada, com um sentido relativamente fixo e definido. Filmes são objetos do cinema, que se referem aos produtos da indústria cinematográfica”.

Para Teixeira Coelho (1999), cinema e filme muitas vezes se confundem quando nos referimos a eles, pois usamos ambos como sendo uma única entidade, mas, para o autor, eles são bem diferentes

[...] um filme é algo delimitado; o cinema, mais especificamente a cultura do cinema, remete a domínio bem mais amplo. Um filme é uma película impressionada, montada, sonorizada, com um sentido relativamente fixo e definido. A cultura do cinema é um universo sempre em expansão [...] (COELHO, 1999, p. 110).

Para Duarte (2002), é um complexo de sistemas significadores, que se complementam quando em conjunto. Dessa forma,

“o significado de um filme é o todo”, diz o lingüista Milton de Almeida, “amalgama desse conjunto de pequenas partes, em que cada um não é suficiente para explicá-lo, porém todas são necessárias e cada uma só tem significação plena em relação a todas as outras (1994, p. 29)” (DUARTE, 2002, p.37).

Quando nos referimos ao encontro do cinema e educação, sabemos que essa relação acontece há décadas, porém, com diferentes propostas no momento em que o cinema é utilizado no espaço escolar. No entanto, “quando acontece na escola e supera o formato instrumental, ela propicia o encontro do cinema com a infância e com a adolescência acentuando a intensidade do mesmo” (FRESQUET, 2010, p.1).

De maneira geral, nem o cinema nem o filme foram pensados pela indústria cinematográfica com o objetivo pedagógico, mas seu uso está muito presente nas escolas, com foco no ensino e aprendizagem (Christofolett, 2009) e no cotidiano dos alunos, fora da escola. Grande parte dos professores, que utilizam filmes em suas aulas, vê a mídia cinematográfica como um valioso recurso pedagógico de disseminação da informação e como linguagem imagética, para ajudar no ensino e aprendizagem, viabilizando a compreensão de conceitos mais abstratos, através de experiências que aproximam o aluno do conteúdo estudado.

A partir de uma pesquisa realizada por Teixeira (2017), entre os anos 2011 e 2016, intitulada, “Telas da Docência – professores, professoras e o cinema”, Pereira *et al.*(2014) aplicaram os questionários dessa pesquisa em escolas de Diamantina/MG e, ao analisarem os dados, observaram que muitos docentes utilizam filmes em suas aulas para

ilustrar, ampliar e estimular a compreensão de determinados conteúdos. Porém, grande parte dos professores conhece pouco acerca das possibilidades do uso de filmes na escola, como produção e conceito cultural, arte sensibilizadora, inclusive como elemento que pode qualificar e aprimorar as relações entre educadores e educandos no dia a dia escolar.

Fantin (2014) contribui para as bases desse estudo quando afirma nos seus escritos que “habitualmente, as atividades relacionadas ao cinema e audiovisual nas escolas, são a leitura e análise de filmes, com o objetivo de motivar discussões e ilustrar conteúdos curriculares”. Ainda, segundo essa autora, o entendimento acerca do uso de filmes como função didática no contexto da educação brasileira, remonta ao início do século passado, desde o surgimento do cinema no Brasil. (FANTIN, 2014, p.48-49).

Por sua vez, Zanini e Bernardi (2013) relatam que o uso dos filmes como recurso pedagógico começa a partir da segunda Guerra Mundial, tendo o professor como transmissor da temática apresentada, reforçando, assim, sua figura como detentor do saber. Chaves e Frazão (2014), a partir do pensamento de Adorno e Horkheimer, destacam que os produtos da indústria cultural³, como o cinema, são poderosos instrumentos de manipulação de massas, sendo importantes para que muitas elites deliberadoras e governos fossem consolidados levando sua mensagem a partir do uso de filmes na educação. Os filmes, nessa fase, entram nesse contexto e desempenham uma função “pedagógica” de veicular as propagandas oficiais do governo por meio dos professores nas escolas, enfatizando o poder dessa mídia na construção e manipulação de opiniões. Esse modelo de educação é bem retratado por Paulo Freire (1979) com o seu conceito de educação bancária:

Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção “bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los (FREIRE, 1979, p. 66).

Desse modo, o aprendizado na escola não deveria se resumir ao professor como detentor do conhecimento e ao aluno como mero receptor de tudo que é ensinado pelo educador. A troca de saberes e práticas são fundamentais para a construção coletiva do conhecimento e para que o aluno tenha autonomia e confiança em si na busca pelo saber.

Silva (2017) traz, por essas vias, a prática pedagógica, não como uma ação de reprodução de conteúdo, e sim como uma prática social, que engloba os saberes de todos os

³ Esse tema é aprofundado na obra de ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas. In: _____. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 99-138.

envolvidos no processo do conhecimento, como professor e o estudante. Cada um traz para o meio escolar seus contextos, experiências e condições vividas, suas histórias e memórias dadas por suas condições muito peculiares.

Uma nova abordagem do cinema, como fruição da arte na escola, avalia o uso de filmes a partir de sua vasta possibilidade de utilização no ambiente escolar sem reduzi-lo a uma ferramenta metodológica de ensino. Para Fresquet (2009), ainda que o cinema não tenha a finalidade educacional, é possível aprender, desaprender e reaprender, seja através da análise crítica ou criativa de filmes, seja por meio de exercícios de introdução à história ou à linguagem cinematográfica, produções audiovisuais ou leituras e releituras de filmes. Um filme não é apenas um estímulo para a discussão ou introdução de um novo conteúdo. Ele tem a capacidade de despertar emoções, reflexões, nos colocar no lugar do outro, estimular a criação artística, aprender sobre os temas por ele tocados, e também acessar um pouco da linguagem cinematográfica.

Dessa forma, Bergala (2008) discute que “o uso de filmes”, nesse trabalho educativo da escola e do professor, pode estimular a atividade de criação e não do consumo, que é praticado por grande parte dos alunos devido à imposição do mercado cinematográfico. Os filmes possuem grande potencial educativo que possibilita ver, sentir, criar, vivenciar experiências e, principalmente, disseminar arte e cultura entre alunos e professores (PEREIRA, *et al.*, 2014).

Como uma forma de aproximação da educação com o cinema, este trabalho tem como objetivo geral investigar práticas pedagógicas com o uso de filmes nas dissertações e teses dos programas de pós-graduação (*stricto sensu*) das universidades brasileiras no período de 2014 a 2018, em especial na região sudeste.

Os objetivos específicos da pesquisa são: caracterizar e identificar, por meio de uma revisão bibliográfica, a relação do cinema com a educação; identificar e analisar, em resumos de teses e dissertações, pesquisas sobre práticas pedagógicas realizadas com filmes na educação básica; descrever e discutir as experiências com o uso de filmes em escolas de educação básica, na região sudeste.

No percurso metodológico da investigação, partimos do conceito de “Estado do Conhecimento” para apresentar e discutir, por meio dos resumos de teses e dissertações, como se apresentam as práticas pedagógicas com o uso de filmes na educação básica nos trabalhos selecionados, considerando a visão de diversos autores. Assim,

Estado do conhecimento é conceituado como um estudo quantitativo/qualitativo, descritivo da trajetória e distribuição da produção científica sobre um determinado objeto, estabelecendo relações contextuais com um conjunto de outras variáveis como, por exemplo, data de publicação, temas e periódicos, etc (UNIVERSITAS, 2002 *apud* MOROSINI, 2006, p. 113).

Vale esclarecer que as fontes de pesquisa utilizadas (BDTD e CAPES) não são consideradas como única e inquestionável referência para a compreensão do cenário das práticas pedagógicas com filmes na educação básica nos últimos cinco anos, sendo este um recorte que focou apenas nas teses e dissertações da área de interesse.

Após a pesquisa nos bancos BDTD e CAPES, quarenta e quatro (44) trabalhos foram selecionados *a priori* por tratarem de práticas pedagógicas com filmes, destes, vinte e quatro (24) foram produzidos na região sudeste, por isso foram descritos e analisados ao longo deste estudo. Após esse levantamento de dados, foi feito *download*⁴ dos trabalhos completos, com o objetivo de armazenar esses arquivos para posterior leitura e análise dos resumos. Para organizar todos os trabalhos selecionados, foi construída uma tabela contendo: autor, título, ano de defesa, tipo (tese ou dissertação), região, IES e o banco de dados utilizado na pesquisa. O quadro foi um importante suporte para trabalhar os dados posteriormente.

Considerando que o objetivo deste trabalho consiste em realizar o estado de conhecimento de práticas pedagógicas utilizando filmes na escola, optamos em apresentar uma tabela descritiva contendo os dados levantados na revisão de literatura. Esses dados serão discutidos com maior ênfase, no quarto capítulo. A seguir, demonstramos abaixo as tabelas com os dados coletados. A tabela 1 apresenta as teses e dissertações selecionadas a partir da pesquisa realizada no BDTD no período de 2014 a 2018.

Tabela 1- Teses e Dissertações encontradas no BDTD sobre práticas pedagógicas com o uso de filmes – BDTD/2014-2018

Fonte	Região	Autor (a)	Título	Ano de defesa	Tipo	IES
BDTD	Centro Oeste	Dumont, Luiz Maria	A formação do leitor na filmografia de Walter Salles	2017	D	UFG
BDTD	Centro Oeste	Araújo, Runo Eduardo Moraes de	Cinema de ficção científica na escola	2018	D	UFG
BDTD	Centro Oeste	Silva, Helena Narciso da	O uso das linguagens audiovisuais nos anos iniciais do ensino fundamental: uma perspectiva curricular	2014	D	UnB

⁴ Significa transferir para um computador, geralmente através da internet, um arquivo que pertence a outro computador. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/download/>>. Acesso em 05 set. 2019.

BDTD	Centro Oeste	Silveria, Luana Beatriz	Trabalho, vida prática e tempo: consciência histórica de trabalhadores em situação escolar a partir do contato com a narrativa cinematográfica	2018	D	UFG
BDTD	Centro Oeste	Oliveira, Alex Mateus Santos de	Uma reflexão sobre questões de gênero em uma escola pública na cidade de Goiânia através da personagem Dawn Davenport em duas cenas do filme problemas femininos	2014	D	UFG
BDTD	Centro Oeste	Costa, Marcelo Henrique da	Olhares móveis: narrativas audiovisuais, aparatos móveis e experiências cartográficas	2018	T	UFG
BDTD	Nordeste	Carvalho, Júlio César Brandão	Aquisição da língua inglesa: curtindo curtas na sala de aula	2016	D	Unicap
BDTD	Nordeste	Filho, Michele Santino	Além do que se vê, além do que se come: alimentação e cinema como novas linguagens pedagógicas no ensino de história na educação de jovens e adultos	2017	D	UEPB
BDTD	Norte	Bringel, Eliane Leite Barbosa	O uso do filme no ensino e aprendizagem de história na educação de jovens e adultos - EJA em Araguaína-TO	2016	D	UFT
BDTD	Sudeste	Melo, Vanusa Maria de	Aproveitando brechas: experiência com cinema em escolas prisionais do Rio de Janeiro	2014	D	PUC-RJ
BDTD	Sudeste	Doimo, Diego Augusto	A filosofia vai ao cinema: o uso do filme como recurso didático no ensino de filosofia	2015	D	UNOESTE
BDTD	Sudeste	Pinto, Tatiane Mendes	Cinema e educação: entre o eu estético e o nós político uma análise de experiências sensíveis a partir do projeto cinema para todos	2015	D	UFF
BDTD	Sudeste	Fonseca, Danuza de Oliveira	Cinema, formação, invenção de si e do mundo: o que pode o cinema?	2015	D	UFES
BDTD	Sudeste	Rossato, Camila Josefa Nunes	Cultura digital e a experiência estética na educação básica	2018	D	Unesp
BDTD	Sudeste	Lino, Vitor Ferreira	Da escola ao cinema, pelas trilhas de um projeto	2014	D	UFMG
BDTD	Sudeste	Caprecci, Denise Sorpione	Da língua portuguesa à linguagem cinematográfica: do roteiro ao vídeo	2016	D	UNINOVE
BDTD	Sudeste	Ria, Rodrigo Garcia Lopez	Educação musical através dos desenhos animados SillySymphonies	2018	D	Unesp
BDTD	Sudeste	Coelho, Roseana Moreira de Figueiredo	O uso do cinema como ferramenta educativa no ensino de matemática: uma experiência com alunos do ensino médio de Ouro Preto (MG)	2015	D	UFOP
BDTD	Sudeste	Persegueiro, Karoline Gessiane	Inteligências múltiplas e a educação especial: um debate sobre cinema e educação.	2016	D	Unesp
BDTD	Sudeste	Persegueiro, Kelcilene Gisela	“Olhar Caleidoscópico”: a experiência do cinema como prática pedagógica.	2017	D	Unesp
BDTD	Sudeste	Barra, Regina Ferreira	Cinema e educação: narrativas de experiências docentes em colégios de aplicação	2015	T	UFRJ
BDTD	Sudeste	Stecz, Solange Straube	Cinema e educação: produção e democratização do audiovisual com crianças e adolescentes em Curitiba	2015	T	UFSCar
BDTD	Sudeste	Lanza, Renata	Conjunções entre escola e cinema: pesquisa-intervenção em duas escolas da rede municipal de ensino de Campinas	2015	T	Unicamp
BDTD	Sudeste	Azevedo, Ana Lúcia de Faria e	Fora do quadro: discursos sobre educação e cinema (Argentina e Brasil- 1910/1940 e	2014	T	UFMG

1990/2010)							
BDTD	Sudeste	Gomes, Alessandra		Poéticas, cinema e educação- um estudo sobre experiências de aprendizagem com cinema na escola	2015	T	UFSCar
BDTD	Sudeste	Miranda, Whonrath	Fabianna Maria	Produção de vídeo na escola: um estudo sobre processos de aprendizagem audiovisual.	2015	T	Unicamp
BDTD	Sudeste	Peres, Helga Caroline		Entre choques, cortes e fissuras – a (semi)formação estética: uma análise crítica da apropriação de filmes na educação escolar	2016	D	Unesp
BDTD	Sul	Ro, Luciana Tubello		"Clube das 5": transformação e criação de si em práticas cinematográficas no espaço escolar	2016	D	UFRGS

Fonte: Dados coletados e organizados pela pesquisadora.

* Legenda: D- Dissertação T- Tese

A tabela 2 apresenta as teses e dissertações selecionadas a partir da pesquisa realizada no Catálogo de Teses e dissertações da CAPES no período de 2014 a 2018.

Tabela 2 - Teses e Dissertações encontradas no CAPES sobre práticas pedagógicas com o uso de filmes – CAPES/2014-2018.

Fonte	Região	Autor (a)		Título	Ano de defesa	Tipo	IES
CAPES	Centro Oeste	Lopes, Daniela	Miller de Araújo	O cinema nos discursos e nas práticas pedagógicas de professores de história do ensino médio no distrito federal: entre o ideal e o possível.	2016	D	UnB
CAPES	Nordeste	Barquete, Leal	Felipe	O discurso da criação fílmica como mediação da aprendizagem do saber escolar	2017	D	UFPB
CAPES	Nordeste	Coringa, Nunes	Ricardo	Luz, câmera, ação: uma experiência com o cinema no ensino de artes na escola	2018	D	UFRN
CAPES	Sudeste	Miranda, Maria Whonrath	Fabianna	Produção de vídeo na escola: um estudo sobre processos de aprendizagem audiovisual.	2015	T	Unicamp
CAPES	Sudeste	Rodrigues, da Silva	Cacilda	As percepções das crianças sobre o cinema nas práticas pedagógicas em uma escola de Poços de Caldas/MG	2015	D	UEMG
CAPES	Sudeste	Belcavello, Paula Santos	Maria Pinto dos	Cinemaquinação entre montanhas e vale, um sobrevoo	2017	D	UFJF
CAPES	Sudeste	Peres, Caroline	Helga	Entre choques, cortes e fissuras – A (semi)formação estética: uma análise crítica da apropriação de filmes na educação escolar	2016	D	Unesp
CAPES	Sudeste	Machado, Gonçalves	Líria	Luz câmera educação: projeto de cinema na escola, uma experiência possível	2016	D	UCP
CAPES	Sudeste	Neto, Mario Abbade		O papel do cinema como ferramenta para o ensino e suas contribuições para uma turma de educação de jovens e adultos da escola municipal Dr. Cocio Barcellos	2018	D	UCP
CAPES	Sudeste	Sampaio, Damianne		O real, a atenção e o tempo: uma	2017	D	UFJF

		Aparecida de		cinematografia possível para pensar um estar na escola			
CAPES	Sudeste	Costa, Ronney de Paula	Silvio	Pedagogia da imagem: a autoria na relação educador / educando durante o processo de produção de vídeos na escola	2014	D	UNIRIO
CAPES	Sul	Silva, Daniela da		Hoje tem filme: a abordagem da diversidade em experiências com o cinema na educação	2018	D	UNOCHAPECÓ
CAPES	Sul	Rosa, Rosângela Silveira da		Filmes cinematográficos como organizadores prévios para uma aprendizagem matemática significativa	2015	D	FURB
CAPES	Sul	Izabel, Thiago de Alencar		Geografias de cinema: contribuições ao ensino da história e cultura do negro-afro-descendente	2014	D	UEL
CAPES	Sul	Freitas, Daniel Assis		A produção de curtas-metragens nas aulas de geografia	2017	D	UFSC
CAPES	Sul	Scoparo, Regina Toledo	Tânia Montanha	Entre romance e filme: leitura e ensino em lavoura arcaica	2017	T	UEL

Fonte: Dados coletados e organizados pela pesquisadora. * Legenda: D- Dissertação T- Tese

De modo geral, foram realizadas buscas por trabalhos acadêmicos que abordassem o estado da arte das práticas pedagógicas com filmes na educação básica. Do total de trabalhos encontrados, foram selecionadas 44 (quarenta e quatro) produções sobre o tema. Destas, 35 (trinta e cinco) dissertações de mestrado e 9 (nove) teses de doutorado.

Após a seleção dos trabalhos de interesse, foi realizada uma nova busca para encontrar trabalhos que se assemelham ao meu objeto de estudo. Desses, destacam-se as seguintes dissertações: “Contribuições do uso do Cinema para o Ensino de Ciências: tendências entre 1997 e 2009” (2012) e “Educação e Cinema: aspectos da produção acadêmica em educação disponibilizada em plataformas digitais de divulgação científica do Brasil (1987-2016)” (2019). O primeiro estudo teve como foco as produções que pesquisaram as contribuições do cinema no ensino de Ciências. O segundo, que se assemelha mais a esta pesquisa, buscou inventariar e apresentar as produções dos Programas de Pós Graduação em Educação sobre cinema. Tais trabalhos não se encontram na delimitação temporal da pesquisa, mas consideramos pertinente abordá-los, por se tratar de pesquisas sobre “Estado do Conhecimento” e “Estado da Arte”, objeto de estudo deste trabalho.

Dessa forma, este trabalho se justifica por descrever e discutir cinema e educação com ênfase na diversidade de práticas pedagógicas que são realizadas com filmes no ensino básico, a partir das experiências relatadas nas produções analisadas, e também para refletir sobre o uso de filmes, mediante estudo e aprofundamento proporcionado pela

pesquisa, destacando assim sua relevância. Diante da importância desse tema, é necessário que mais pesquisas sejam desenvolvidas e que seus resultados contribuam para a discussão, enriquecimento e encaminhamento das práticas pedagógicas com filmes nas escolas de educação básica.

Para estudo dos dados foi usado o método de análise de conteúdo, com a elaboração das categorias a partir da leitura e revisão dos resumos dos trabalhos da região sudeste. As categorias de análise utilizadas são:

- 1- *O uso de filmes como recurso didático;*
- 2- *O uso de filmes como pedagogia da criação/educação do olhar e*
- 3- *O uso de filmes em sala de aula e contribuições para as interações sociais.*

O presente trabalho está organizado em quatro capítulos. No primeiro capítulo, intitulado “O cinema em diálogo com a educação” é apresentada uma breve história do cinema no Brasil e no mundo para situarmos as diferentes fases e evolução do cinema, principalmente o brasileiro. Em seguida, expõem-se a relação do cinema com a educação, as concepções de cinema, filme, cinema e educação e práticas pedagógicas. Todos esses aspectos são trazidos nos diversos objetivos e práticas que o uso de filmes apresenta nas escolas de educação básica e, sobretudo, na importância de se ampliar as possibilidades do seu uso para além do recurso didático, buscando outras instâncias de formação dos sujeitos. Estas discussões têm como referências estudos de Bergala (2008), Duarte (2002), Freire (1967, 1979, 1981, 1989 e 1993), Fresquet (2007, 2009, 2010, 2013 e 2016), Silva (2017) e Teixeira (2017) e outros que trazem diversos olhares e práticas com o uso de filmes nas escolas.

No segundo capítulo, “Caminhos metodológicos de pesquisa”, apresentamos os procedimentos e etapas da pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa, do tipo “Estado do Conhecimento”. Delineia-se o percurso investigativo, desde a busca por teses e dissertações nos bancos de dados (BDTD e CAPES) até a sistematização, ou seja, o cotejamento de informações, que é responsável por traçar o caminho investigativo proposto nessa análise.

O terceiro capítulo, denominado “As produções nos programas de pós-graduação brasileiros (2014-2018): abordagem sobre o uso de filmes na educação básica”, apresenta os resultados da busca por teses e dissertações nos programas de pós-graduação (*stricto sensu*) nos últimos cinco anos, no banco de dados BDTD e CAPES. Além disso, expõem-se os dados coletados em forma de tabelas. Os dados são identificados com o objetivo de mapear as produções, discutir e fazer uma leitura de como as práticas

pedagógicas têm sido mediadas, nas escolas de educação básica da região sudeste, por meio do uso de filmes.

Por fim, no quarto capítulo “As práticas pedagógicas com o uso de filmes na educação básica na produção acadêmica (teses e dissertações) da região sudeste do Brasil (2014-2018)” reapresentamos os dados da região sudeste e discutimos os resumos dos trabalhos selecionados a partir das fundamentações teóricas de autores que nortearam a construção desta pesquisa, como Alain Bergala, Rosália Duarte, Adriana Fresquet, Inês Teixeira, Josaniel Silva e tantos outros, que são a base para a minha reflexão, enquanto professora e pesquisadora, sobre práticas pedagógicas com filmes na escola. Logo, pretende-se apresentar as práticas pedagógicas com filmes na visão de diferentes pesquisadores da região sudeste, no intuito de realizar uma análise descritiva dos dados selecionados em busca de conhecimento e divulgação do tema.

CAPÍTULO I: O CINEMA EM DIÁLOGO COM A EDUCAÇÃO

Este capítulo apresenta alguns elementos da história do cinema no contexto mundial e brasileiro, com foco nos principais nomes que participaram da origem do cinema, suas descobertas e a evolução desta mídia, ao longo dos anos pelo mundo. Um *zoom* maior é dado ao cinema brasileiro, enfatizando seus desafios e o crescimento dessa arte no nosso país, além de mostrar o destaque que o cinema ganha há anos no contexto escolar e educativo. Esse destaque perdura até os dias atuais, com diversos pesquisadores que aproximam o cinema da educação, a partir de diversos olhares e reflexões sobre o tema, mostrando como a relação cinema/educação é antiga e atual ao mesmo tempo. Assim, discute-se o cinema, os filmes e as práticas pedagógicas com filmes como um meio de buscar construir uma escola mais interessante, participativa, que dialogue com os jovens, crianças e com a educação de maneira mais prazerosa e criativa, dentro desse mundo de possibilidades e descobertas que o uso de filmes oferece.

1.1 Breve histórico do cinema mundial

Antes de discutir a importância do cinema nas salas de aula, é importante conhecer um pouco da sua história e como ele passou a fazer parte das nossas vidas e reconstruir nossa história. A síntese foi feita a partir dos livros de Rosália Duarte, *Cinema & Educação* (2002) e do *Caderno de Cinema do Professor: dois*⁵ (2009).

O cinema que existe nos dias de hoje é diferente, sobretudo, em função dos equipamentos e das projeções que eram exibidas no século XIX, período de sua criação. Dessa forma, é complexo denominar o “criador” do cinema, dentro de um contexto em que diversos aparelhos e projeções eram feitas em vários cantos do mundo, cada uma com sua peculiaridade. Um dos criadores da fotografia, Louis Jacques Mandé Daguerre, desenvolveu, em 1822, o Diorama, onde o público se sentava em torno de um grande cenário formado por regiões opacas e translúcidas e eram bombardeados por um jogo de luzes que faziam mudar a aparência das imagens, contudo, tinha uma aparência mais teatral. A partir da invenção da fotografia, a simulação de imagens em movimento deixou

⁵ Este caderno foi parte integrante do Projeto “O cinema vai à escola - a linguagem cinematográfica na Educação”, que fez parte do Programa “Cultura é Currículo”, que integrou o conjunto de ações definidas pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo no ano de 2008, para concretização da sua política educacional.

de ser feita através de pinturas e desenhos e foi substituída por representações fotográficas que simulavam melhor a realidade, surgindo assim o Fenaquistoscópio⁶. Tanto o Diorama quando o Fenaquistoscópio são exemplos de equipamentos precursores do cinema, mas não podem ser considerados o ‘cinema’, propriamente dito.

No ano de 1895, os irmãos Auguste (1862-1954) e Louis (1864-1948) Lumière fizeram a primeira exibição pública e comercial do cinema, utilizando o cinematógrafo⁷, no “Grand Café” em Paris. Eles exibiram filmes curtos, com aproximadamente 50 segundos cada um, retratando a vida cotidiana na cidade, como a saída de operários de uma fábrica, o jardineiro molhando as plantas do jardim, a chegada de um trem na estação, dentre outros. Os irmãos Lumière exibiram pela primeira vez fotografias por transparência e reproduziram o real em movimento, concretizando um sonho. Esse acontecimento marca o surgimento do cinema, destacando os irmãos Lumière como os principais atores no processo de criação do cinema e na sua história.

Alguns pesquisadores relatam que neste mesmo período, nos EUA, Thomas Edison (1847-1931), inventou a lâmpada elétrica e o fonógrafo⁸ e, em 1893, o cinetoscópio, também conhecido como a "máquina de reproduzir a vida". Esse aparelho permitia que um espectador de cada vez visualizasse, com um dos olhos, as imagens em movimento através de um pequeno visor composto de uma lente que aumentava ligeiramente as imagens. São diversos os nomes considerados importantes por dar o pontapé inicial para o que denominamos cinema, mostrando que foram vários os caminhos que levaram à sua invenção. Dessa forma, o nascimento do cinema teve como marco a exibição realizada pelos irmãos Lumière, mas é resultado de diversas pesquisas que ocorreram anteriormente em várias partes do mundo.

Além dos irmãos Lumière, outro francês, Georges Méliès, foi considerado um importante pioneiro no uso artístico desse invento, realizando vários filmes e utilizando

⁶ É um aparelho com um disco e várias figuras desenhadas em diferentes posições que criam a ilusão de movimento quando o disco gira. Disponível em: <https://precinema.wordpress.com/2009/10/28/brinquedos-opticos/> Acesso em 29 mar. 2019.

⁷ É uma máquina de manivela que captava as imagens, revelava o filme e também funcionava como projetor de imagens animadas. . Fonte: Magi, Luzdalva S. 80 invenções que mudaram o mundo. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=qxSJDwAAQBAJ&printsec=frontcover&dq=80+inven%C3%A7%C3%B5es+que+mudaram+o+mundo&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwjdvGu6rThAhUeEbkGHS0YCCcQ6AEIKTAA#v=onepage&q=fon%C3%B3grafo&f=false>> Acesso em 29 mar. 2019.

⁸ Aparelho inventado para a gravação e reprodução de sons através de um cilindro. Foi o primeiro aparelho capaz de gravar e reproduzir sons. Fonte: Magi, Luzdalva S. 80 invenções que mudaram o mundo. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=qxSJDwAAQBAJ&printsec=frontcover&dq=80+inven%C3%A7%C3%B5es+que+mudaram+o+mundo&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwjdvGu6rThAhUeEbkGHS0YCCcQ6AEIKTAA#v=onepage&q=fon%C3%B3grafo&f=false>> Acesso em 29 mar. 2019.

cenários, efeitos especiais e atores, com a intenção de contar uma história. Sua produção fílmica mais famosa é *Viagem à Lua*, de 1902. Os gêneros mais comuns, no início do cinema, eram as comédias e os teatros filmados.

O novo aparato técnico mostrou suas potencialidades e começou a ser usado na documentação de sociedades e culturas diversas, de ambientes naturais, gerando imagens de grande valor científico e etnográfico. Na década de 1920, as câmeras só registravam imagens mudas e o som era gravado nos estúdios e, posteriormente, associados a imagem. Filmes jornalísticos e documentais continuaram sendo produzidos em larga escala no contexto cinematográfico mundial, ao mesmo tempo em que a ficção científica se expandia e se aprimorava, encantando e divertindo pessoas por todo o mundo.

1.2 Breve histórico do cinema no Brasil

O cinema brasileiro teve início por intermédio de uma máquina chamada “Omniographo⁹”. Esse fato aconteceu no dia 08 de julho de 1896, na cidade do Rio de Janeiro. Como salienta Gomes (1980), essa chegada do cinema veio marcada desde o início com grande presença estrangeira.

O quadro técnico, artístico e comercial do nascente cinema era constituído de estrangeiros, notadamente italianos cujo fluxo imigratório foi considerável no final do século XIX e nos primórdios do XX. No terreno mais propriamente artístico, os encenadores e intérpretes provinham de elencos dramáticos em tournée sul-americana ou de grupos aqui radicados onde predominava o elemento estrangeiro (GOMES, 1980, p. 28).

A data da chegada do Omniographo ao Brasil, se aproxima do invento dos irmãos Lumière na França, destacando a rápida imersão do cinema em regiões, para além da Europa. Para Morettin (2009, p.53), em 1897, as primeiras imagens que começaram a ser produzidas no Brasil são de autoria de José Roberto da Cunha Salles.

As primeiras imagens de que se tem notícia feitas no Brasil são de autoria do médico, advogado, bicheiro e empresário teatral José Roberto da Cunha Salles, que em 27 de novembro de 1897 solicitou a patente de um invento denominado “fotografias vivas”, juntando à solicitação dois fragmentos de filmes, 24 fotogramas no total, correspondendo a um pouco mais de um segundo de projeção (MORETTIN, 2009, p.53).

⁹Aparelho que projeta, sobre uma tela colocada ao fundo da sala, diversos espetáculos e cenas animadas, por meio de uma grande série de fotografias. Fonte:< <https://efemeridesdoefemello.com/2016/07/08/primeira-sessao-de-cinema-do-brasil-e-realizada-no-rio/>> Acesso 29 mar. 2019.

Duarte (2002); Viana e Teixeira (2009) apontam que a produção cinematográfica foi vagarosa, desde 1898, com produções, no período de 1908 a 1911, de curtas-metragens de ficção. No entanto, a “idade do ouro” (1907-1911) – chamada também de Bela Época (LEITE, 2005) – do cinema brasileiro não se manteve e, após 1912, por uma década, foram pequenas as produções cinematográficas brasileiras.

Ao início da primeira década do século XX, os EUA venceram a Primeira Guerra e consolidaram seu poderio econômico. Isso refletiu também no cinema, conquistando o controle dos mercados de exibição de filmes, destacando-se como grandes produtores da cinematografia mundial, posição mantida até os dias atuais.

Por alguns anos, o cinema brasileiro teve um aumento nas produções cinematográficas e grande público nas salas de cinema. A maioria dos filmes produzidos era de curta metragem e documentários, de diversos gêneros. Já em 1912, o cinema brasileiro enfrentava dificuldades, assim como os outros países em contexto econômico menos desenvolvido, e a produção industrial cinematográfica estrangeira ganhava destaque. Assim, a produção de cinema nacional ficou estagnada na década de 1920 devido à exibição frequente de filmes da Europa e dos Estados Unidos, mas voltou a reerguer-se. (DUARTE, 2002).

Essa idade do ouro não poderia durar, pois sua eclosão coincide com a transformação do cinema artesanal em importante indústria nos países mais adiantados. Em troca do café que exportava, o Brasil importava até palito e era normal que importasse também o entretenimento fabricado nos grandes centros da Europa e da América do Norte. Em alguns meses o cinema nacional eclipsou-se e o mercado cinematográfico brasileiro, em constante desenvolvimento, ficou inteiramente à disposição do filme estrangeiro. Inteiramente à margem e quase ignorado pelo público, subsistiu, contudo um debilíssimo cinema brasileiro (GOMES, 1980, p. 29-30).

Com o intuito de incentivar a produção e exibição de filmes que valorizassem a cultura brasileira, em 1937, Getúlio Vargas cria o Instituto Nacional de Cinema Educativo (INCE), órgão que produziu mais de quatrocentos filmes educativos, a maioria de curta metragem. A lei nº 378, de 13 de janeiro de 1937, que dá nova organização ao Ministério da Educação e Saúde Pública, em seu texto dispõe que

Art. 40. Fica creado o Instituto Nacional de Cinema Educativo, destinado a promover e orientar a utilização da cineamatographia, especialmente como processo auxiliar do ensino, e ainda como meio de educação popular em geral. 3) Instituições de educação extraescolar.

(Fonte: Diário Oficial da União de 15/01/1937).

Segundo Duarte (2002), o objetivo era incentivar a produção e exibição de filmes com temáticas nacionais e direcionar o uso destes como apoio no ensino, voltando-os para a educação popular. Galvão (2004, p. 30) descreve que o INCE

nasceu de um projeto articulado no governo de Getúlio Vargas, que valorizou os instrumentos de difusão cultural dentro da perspectiva de construir uma identidade nacional correlacionada com a ciência e o desenvolvimento industrial do país. Foi o primeiro órgão estatal brasileiro voltado para o cinema, tendo se transformado também em um dos pilares de um projeto mais amplo, que buscava organizar a produção cinematográfica nacional, assim como o mercado exibidor e o importador.

Após essa época, nos anos 1920 e 1930, o Brasil chegou a buscar o cinema industrializado com objetivo comercial, mas foi nos anos 1960 que criou a primeira grande escola cinematográfica do “Terceiro Mundo”. Apesar disso, não houve uma produção regular e um público fiel, tendo grande dificuldade para se consolidar. Em 1969, foi criada, no Regime Militar, a Empresa Brasileira de Filmes S.A. (Embrafilme), cuja finalidade era a divulgação do filme brasileiro no exterior, mas este objetivo foi sendo gradualmente transformado. Em 1975, uma reforma na empresa modificou seu perfil e a tornou mais ágil para a disputa no mercado cinematográfico, produzindo e distribuindo filmes brasileiros. Durante os anos seguintes, a produção nacional promovida pela empresa foi expressiva, tendo conquistado cerca de quarenta por cento do mercado. Esse fato incomodou tanto as companhias norte-americanas que elas recorreram a pressões diplomáticas contra o governo brasileiro para que este abrandasse o perfil protecionista da política cinematográfica adotada (FRANCHINI, 2005, p.13).

No ano de 1980 o sucesso da empresa foi tão grande que o público que consumia os filmes brasileiros chegou a uma média de 239 mil espectadores por filme, 30 mil a mais que o filme estrangeiro. Nessa fase se vivia um momento de euforia: “fim da censura, crise e esgotamento do regime militar e a sonhada anistia política. Mas tudo isso, rapidamente foi se dissipando, até sumir de vez no fim do horizonte dessa mesma década” (CTAv¹⁰, 2008).

Além da Embrafilme, em 1976, foi criado o Conselho Nacional de Cinema (CONCINE), que tinha como objetivo apoiar a produção e exibição de filmes nacionais e, também, pesquisar e preservar a memória da cultura cinematográfica. (FRANCHINI, 2005)

¹⁰ Centro Técnico Audiovisual – Secretaria do Audiovisual / Secretaria Especial da Cultura. Ministério da Cidadania. “A EMBRAFILME”. Disponível em: <<http://ctav.gov.br/2008/10/10/a-embrafilme/>> Acesso em 14 set. 2019.

As décadas seguintes seriam marcadas por um período relativamente estável de fortalecimento da cinematografia brasileira, tendo como pano de fundo as polêmicas geradas pela atuação da Embrafilme e do Concine, órgãos estatais destinados a apoiar diretamente a produção e a exibição de filmes nacionais. Com a extinção desses organismos, em 1990 nossa produção cairia praticamente a zero, numa das mais graves crises enfrentadas pelo setor. Em meados dos anos 90, com a criação das leis de incentivo fiscal, o cinema do Brasil ressurgiu, dando mostras do mesmo vigor, diversidade e criatividade que conquistaram admiração, interesse e reconhecimento internacional (DUARTE, 2002, p. 36).

Essa história de altos e baixos do cinema trouxe mudanças e maturidade à produção nacional, fazendo com que os filmes não buscassem apenas o circuito cultural, mas um espaço no mercado e um ganho financeiro. Na busca por explorar novos caminhos, o cinema nacional não perdeu sua identidade de problematizar a realidade social, cultural e econômica do país.

1.3 A relação cinema - educação e suas potencialidades

As pesquisas sobre o cinema na educação não são recentes. Estudos, como o de Catelli (2005), apontam que o cinema educativo já era discutido nos anos de 1920 e 1930 no Brasil e, nessa época, o “uso de filmes” era tratado como ferramenta pedagógica, enfatizando suas possibilidades no ensino e na aprendizagem. Dessa forma, não se buscava apenas introduzir as novas tecnologias nas escolas, mas, sim, pensá-las como instrumento de ação pedagógica.

Nesse período em que o Brasil se consolidava como República, políticos e educadores viram no cinema uma ferramenta capaz de difundir imagens que auxiliassem na criação de uma consciência histórica, resgatando a origem do povo brasileiro e sua formação, construindo um tipo de identidade e orgulho nacional, e difundindo o modo de ser do homem do campo e seus costumes. Educadores, cineastas e Estado compartilhavam concepções em torno da necessidade de educar o povo (CATELLI, 2007). Como o cinema foi visto com adoração pelo público, naquela época foi definido qual cinema serviria para os ideais modernos, já que determinadas cenas eram consideradas prejudiciais para a formação das crianças e jovens (SALIBA, 2003).

Na época, diversas revistas brasileiras sobre cinema abordaram o tema ‘Cinema e Educação’ em suas páginas, dando maior visibilidade ao tema. O cinema, desde seu surgimento no final do século XIX no Brasil, tornou-se um tema de interesse dos autores da época, que enfatizavam seu potencial de entretenimento e também de abordar questões de cunho social, como ciência e educação. Catelli (2005) relata que, no início do século XX,

diversos atores da sociedade, como os cineastas, educadores e políticos escreviam sobre a importância de se levar o cinema para as escolas, criando propostas de um cinema educativo.

Essas propostas de um cinema educativo foram implementadas a partir das reformas educacionais que ocorreram em diversos estados brasileiros no final dos anos de 1920, e em 1937, no Estado Novo, foi criado o Instituto Nacional de Cinema Educativo (INCE), sob a direção de Roquette Pinto. A elaboração dos filmes educativos foi designada ao cineasta Humberto Mauro, tendo este realizado mais de 400 documentários até os anos de 1960, quando o INCE deixa de existir (CATELLI, 2005, p. 2).

Segundo Neta (2017, p.5), o INCE foi fundado com a intenção de construir uma imagem para a nação, amparando-se na teoria positivista de que os depositários do conhecimento deveriam transmiti-lo aos desprovidos para que todos tivessem acesso, afinal acreditavam que o progresso do país dependia do desenvolvimento da ciência e viam a educação como uma promessa de salvação do Brasil e o cinema seria um importante aliado, assumindo uma função educativa que era antes de tudo, cívica. Nessa perspectiva, se desempenha a função da educação de massa, que contribui na produção de um pensamento hegemônico.

Nos anos de 1920 e 1930, Catelli (2005) aborda que havia um grupo da Escola Nova que formulavam as ações do cinema educativo, desencadeando várias análises sobre o assunto. Sobre esse grupo, Catelli (2005, p.10-11) destaca os trabalhos de alguns autores que se referem a esses estudiosos, como o de Morrone (1997) sobre o uso do cinema na perspectiva católica; dos anarquistas, que viam a utilização do cinema para educar o povo, na perspectiva de transformação social; de Matte (2002), onde a autora mostra o cinema educativo com a finalidade de reeducar a sociedade através da transmissão de modos de comportamento. Nessa visão de Matte (2002), Antonacci (1993) chama atenção para a polarização “entre um cinema que educa e outro que deseduca, entre um cinema perturbador da formação sadia das crianças e outro que seria agente da educação moral, patriótica e dos padrões culturais (CATELLI, 2002, p.11).

Cabe lembrar que a relação entre cinema e educação, nos termos postos pelos autores dos anos de 1920 e 1930, como aponta Saliba (2003), não se restringe exclusivamente às ações desencadeadas nos bancos escolares. A visão com relação à educação possui uma abrangência maior, e por isso o cinema é posto como um fator de educação e como um elemento civilizador da sociedade brasileira. (CATELLI, 2002, p.11).

A fala da autora acima reforça o papel do uso de filmes como ferramenta de ensino e, também, como instrumento de formação cívica dos cidadãos. A partir desse

histórico, é possível observar o quanto a relação entre o cinema e educação é antiga, mostrando que as discussões e estudos em torno desse tema sempre foram feitas e perduram até os dias atuais. Desde que surgiu, o cinema tem participado da formação cultural de diversas gerações, mesmo que, inicialmente, fosse considerado apenas um meio de diversão. Dessa forma, foi ganhando espaço nos currículos escolares, onde ainda predomina a linguagem escrita.

Estudos realizados por Adriana FRESQUET (2017), Rosália DUARTE (2002), Monica FANTIN (2014), Nelson Vieira da Fonseca FARIA (2011) e Inês TEIXEIRA (2017), indicam que o cinema, para além de entreter, divertir, criticar e emocionar, é uma linguagem que estimula o olhar, a competência para ver e, por isso, traz uma importante contribuição no campo educacional. Competência para ver, segundo Duarte (2002), é “uma certa disposição, valorizada socialmente, para analisar, compreender e apreciar qualquer história contada em linguagem cinematográfica” (DUARTE, 2002, p. 13).

Quando se fala em ensinar e aprender, há uma gama de possibilidades e caminhos que constroem efetivamente o conhecimento. Para Sousa (2017), a dimensão educativa é ampla e diluída, pois, o aprendizado acontece mesmo quando não se objetiva ensiná-lo, como é o caso da televisão, que ensina sem ter essa intenção, como acontece também com o cinema.

Vivemos, cada vez mais, em uma sociedade audiovisual e, dessa forma, compreender essa linguagem, nas suas diversas formas de expressão, torna-se fundamental para melhor compreensão dos diversos espaços sociais ocupados. Pesquisadores como Bergala, Teixeira, Fresquet e Duarte defendem as potencialidades educativas do uso de filmes e discutem as formas que essa mídia é apresentada nas escolas.

Para Duarte (2002, p. 21), os filmes participam de modo intenso na formação das pessoas e é necessário compreender a pedagogia do cinema, suas estratégias e sua linguagem para atrair um número tão grande de pessoas, em especial os jovens. A autora ainda reforça o papel dos filmes na prática educativa, para desconstruir a relação ativa/passiva entre professor e aluno, valorizando a elaboração do conhecimento, a partir da interação entre todos os envolvidos na relação de aprendizagem.

Quando se busca trazer a linguagem cinematográfica para dentro da escola, Bergala (2008) aponta que o cinema no espaço educacional não deve apresentar o formato de disciplina, como acontece no ensino do tipo tradicional, mas, sim, um momento de encontro com a arte no ambiente escolar. O autor relata em sua “hipótese cinema”, que

diz respeito à relação entre abordagem crítica, a “leitura” dos filmes, e a passagem ao ato, à realização. Estou cada vez mais convencido de que não existe, de um lado, uma pedagogia do espectador que seria forçosamente limitada, por natureza, à leitura, à deciptagem, à formação do espírito crítico e, de outro, uma pedagogia de passagem ao ato. Pode se haver uma pedagogia centrada na criação tanto quando se assiste filmes como quando se os realiza. Evidentemente, é essa pedagogia generalizada da criação que seria preciso conseguir implementar numa educação para o cinema como arte (BERGALA, 2008, p. 34).

Dessa forma, o uso de filmes como prática educativa, na visão de diversos autores, mostra a importância de se levar essa mídia para a sala de aula na perspectiva de educar o olhar (já que vivemos em uma sociedade imagética), apresentar a linguagem cinematográfica, socializar, trocar saberes e buscar a aprendizagem numa perspectiva que vai além dos conteúdos tradicionais, para, assim, proporcionar a ampliação da cultura e experiência dos estudantes, através de um encontro com a arte cinematográfica.

Quando se busca educar o olhar, também por meio dos filmes, é importante ressaltar que esse educar não diz respeito apenas a conscientizar, estimular a atitude de estar atento ou alerta ao que se passa à sua volta, mas, sim, liberar o olhar, na perspectiva de sair, provocar uma mudança interior e duvidar das certezas que temos. (LEITE; CHRISTOFOLETTI, 2015). Assim, para educar o olhar, não basta apenas discutir os conteúdos dos filmes, é necessário, também, ampliar os conhecimentos sobre a linguagem cinematográfica, buscando decifrar as narrativas, valorizar as experiências e realidades dos envolvidos nessa trama.

Além disso, ainda que na sua autonomia, como arte, o cinema deve ser tomado como produto cultural de relevância no processo de socialização, não é possível realizar análises fílmicas sem pensar os setores que produzem os filmes, como os da economia, das técnicas, das ciências, da política e das outras artes (VANOYE; GOLIOT-LÉTÉ, 1994).

Nessa perspectiva, práticas pedagógicas com cinema na educação básica podem possibilitar um espaço de trocas e construção coletiva, fazendo com que o cinema adentre no espaço escolar e busque “reunir, no espaço da sala de aula, arte e educação como processos, criando novos métodos de assimilação de múltiplas manifestações culturais” (COUTINHO, 2009, p. 6). O cinema, por meio das imagens e sons, aflora sentimentos, emoções, revelando o papel da arte nas nossas vidas. Assim, o professor pode extrapolar os currículos e se apoderar da linguagem cinematográfica junto com seus alunos, para, juntos, percorrerem outros caminhos que levem a uma aprendizagem pautada na sensibilização pela arte.

Quando falamos da linguagem cinematográfica, nos referimos ao conjunto de planos, ângulos, movimentos de câmera e recursos de montagem que compõem o universo

de um filme. Ao assistir a um filme, percebemos que ele carrega um sentido que pretende ser “desvendado”, que tem sua forma própria de expressão, por isso, é tão importante conhecer a linguagem cinematográfica. Os recursos dessa linguagem são diversos, - imagens em movimento, som, luz, música, fala - e nos permite ampliar nossas visões sobre os filmes assistidos. Isso é relevante porque os cineastas usam truques de filmagem que, muitas vezes, fazem o espectador enxergar o filme como algo real. Contudo, é preciso lembrar que o cinema é uma imagem do real, e não o real em si. Além disso, o espectador compreende o filme de maneiras variadas, pois, cada um traz consigo uma visão diferente, e essa visão faz com que existam diferentes filmes em um só.

A linguagem do cinema, ao contrário da escrita que apresenta variados códigos, está ao alcance de todos e não precisa ser ensinada, sobretudo, na sociedade audiovisual em que vivemos, onde somos levados a lidar, desde cedo, com esse meio de comunicação. Porém, a linguagem cinematográfica possui uma gramática própria, que vai se renovando a cada novo aparato técnico que chega. Dessa forma, é necessário aprofundar nosso conhecimento nessa linguagem, compreender os modos que articulam seu discurso, sua importância na prática social e para desenvolver nossa competência para ver e viver a experiência fílmica (DUARTE, 2002).

Portanto, [...] ir ao cinema, gostar de determinadas cinematografias, desenvolve os recursos necessários para apreciar os mais diferentes tipos de filmes etc., longe de ser apenas uma escolha de caráter exclusivamente pessoal, constitui uma prática social importante que atua na formação geral das pessoas e contribui para distingui-las socialmente. Em sociedades audiovisuais como a nossa, o domínio dessa linguagem é requisito fundamental para se transitar bem pelos mais diferentes campos sociais (DUARTE, 2002, p. 14).

Dentro dessa riqueza de recursos que o cinema apresenta, podemos explorar e criar várias possibilidades para incluir essa linguagem na escola, para que ela seja parte integrante na formação dos sujeitos, seja por meio da exibição de filmes ou da produção deles pelos próprios alunos. Não se trata apenas de levar filmes ou um tipo de filme para o espaço escolar, mas, sim, de oferecer a oportunidade de criarem e debaterem as experiências compartilhadas, fortalecendo o diálogo entre estudantes e professores.

A escola se tornou um espaço em que a relação de ensino e aprendizagem apresenta diversas dificuldades. Vários estudos apontam que, para os jovens, as atividades em sala de aula são “desinteressantes”, “cansativas”, “repetitivas”, “chatas” e “sem sentido”, evidenciando, de maneira geral, que as escolas não estimulam o prazer e o interesse em estudar (CORROCHANO; PISTILLI, 2015). É nesse sentido que a busca por atividades que envolvam os estudantes com seu cotidiano e com o mundo que os cerca se

torna fundamental para construir uma nova perspectiva de educação escolar. Ainda que não solucione todos os desafios apresentadas à escola, hoje, a presença do audiovisual possibilita um forte meio de percepção dos jovens sobre si mesmos, sobre os outros membros da escola e da comunidade em que vivem. É a partir do envolvimento e da possibilidade de ler e reler suas relações com os outros e consigo mesmos que os jovens, a partir do cinema - que é uma arte capaz de emancipar sujeitos, podem criar espaços de diálogo, de socialização, de autonomia, de aprendizagem e de redescoberta da escola.

A utilização de filmes na escola tem sido um caminho percorrido por professores e pesquisadores do tema. Foi possível perceber que a maioria dos estudos reforça a importância da democratização do audiovisual nas escolas, numa perspectiva que vai além do uso de filmes como auxílio nos conteúdos disciplinares, e sim como um caminho de encontro com a arte cinematográfica. Ficou bastante evidente, nos trabalhos encontrados, que a formação docente é peça fundamental para realização dos projetos de educação cinematográfica nas escolas, reforçando a importância de educar o olhar dos professores, para que possam utilizar, satisfatoriamente, essa linguagem em suas aulas, enfatizando seu potencial educativo, criativo e artístico. (AZEVEDO, 2014; LEITE, 2012; VILAÇA, 2013; CORDEIRO, 2016; LINO, 2014; FARIA, 2011; SILVA, 2017 dentre outros).

As ciências e as tecnologias se expandiram muito nas últimas décadas, o que mudou drasticamente a relação entre as pessoas e a sociedade. A escola, dentro deste contexto, é uma instituição que sofreu grandes impactos com essas mudanças, sobretudo, em sua relação com os alunos e a sociedade. Klammer (2006) observa que a escola já não é mais o único local de aprendizagem e nem o educador o único detentor do conhecimento ou da informação, esses dados revelam a necessidade de uma ação pedagógica mais dinâmica, que associe os diversos canais de comunicação existentes no cotidiano dos alunos, dentre os quais se incluem os filmes.

Na linguagem audiovisual, as imagens ocupam lugar de destaque, rompendo os processos educacionais baseados apenas na linguagem falada e escrita. Ela trouxe para o ambiente escolar também sons, imagens, fantasias, sensações que aguçam a curiosidade do aluno e facilitam o processo de aprendizagem. Essa diversidade de estímulos revela o cinema como arte que, para Fresquet (2007, p. 2), “[...] solicita todos os sentidos e todas as emoções e é, por isso, considerado uma arte múltipla, plural” (FRESQUET, 2007).

Por isso, abordar o cinema como arte na escola é trazê-lo como um gesto de criação, percebendo cada plano como uma pincelada de um pintor na tela, buscando

compreender seu processo de criação e não vê-lo como objeto de leitura descodificada (BERGALA, 2008). Todavia, o uso da mídia cinematográfica na escola, muitas vezes, tende a apresentá-la, apenas, como ferramenta de ensino aprendizagem, não exercendo a função de cinema que educa e faz pensar. Bergala (2008) propõe o cinema como linguagem artística, desconstruindo a proposta funcionalista muito presente na escola. Para o autor, “o filme” seria introduzido na escola como algo diferente, estranho ao comum.

Nessa perspectiva, o cinema chega à sala de aula como um outro, um estrangeiro que provoca a instituição escolar com o ato criativo, alterando rotinas de espaço e tempo, perturbando a ordem estabelecida. Dessa forma, incluir a ideia do uso de filmes como arte nas instituições de ensino básico, numa perspectiva artística, é realizar um encontro com a alteridade. Logo, o “filme” visto nessa outra perspectiva interroga, muda as percepções, os olhares, as ideias, bem como amplia as possibilidades para outras histórias e vivências, além de ampliar o conhecimento (BERGALA, 2008).

Ao assistirmos um filme, interagimos e vivenciamos as situações e emoções por ele apresentadas, de tal modo que parece que somos carregados para dentro da tela. Isso possibilita nos identificarmos com aquele contexto e, assim, somos influenciados pelo mesmo. Influência essa que pode se manifestar de várias maneiras, a depender do nível de percepção e realidade de cada indivíduo (BALÁZS, 1983). Dessa forma, percebemos o impacto que o cinema pode exercer sobre seus espectadores e daí sua importância educativa.

Vale ressaltar que, devido a esse poder que a arte cinematográfica exerce sobre nós, é importante a formação audiovisual de sujeitos críticos, para não se limitarem a ser meros espectadores passivos dessa linguagem, e sim buscar reflexões e indagações ao assistir ao filme. É aí que entra a importância de se inserir a linguagem cinematográfica na escola sob outra perspectiva, pois, como afirma Duarte (2002),

Se o domínio dos códigos que compõem a linguagem audiovisual constitui *poder* em sociedades que consomem e produzem esse tipo de artefato, é tarefa dos meios educacionais oferecer os recursos adequados para aquisição desse domínio e para ampliação da *competência para ver*, do mesmo modo como fazemos para a competência para ler e escrever (DUARTE, 2002, p. 82)

No ano de 2014, a Lei nº 13.006 tornou a exibição de filmes de produção nacional obrigatória nas escolas de ensino básico por, no mínimo, duas horas mensais, exigindo, assim, que sejam criadas ou repensadas as práticas com o cinema que, muitas vezes, já acontecem na escola. A obrigatoriedade da exibição de filmes na escola trouxe

diversos questionamentos sobre a importância dessa lei e da formação de professores para que essas exposições sejam um meio de ampliação da cultura escolar.

A preocupação em se preparar o professor para que ele utilize o cinema em sala é fundamental. Uma experiência diferenciada daquelas já oferecidas faz com que professores e estudantes se apropriem dessa linguagem. No entanto, alguns autores questionam a obrigatoriedade dessa lei e levantam questões que nos fazem refletir sobre qual é o principal objetivo dessa lei e seus reais impactos na educação brasileira. O texto da lei 13.006/2014 acrescenta o § 8º ao art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, exposto conforme a seguir, sancionado pela Presidenta da República Dilma Rousseff,

[...] Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:
 Art. 1º O art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescido do seguinte § 8º:
 “Art. 26. [...] § 8º A exibição de filmes de produção nacional constituirá componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola, sendo a sua exibição obrigatória por, no mínimo, 2 (duas) horas mensais.” (NR)
 Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.
 Brasília, 26 de junho de 2014; 193º da Independência e 126º da República.
 DILMA ROUSSEFF.
 José Henrique Paim Fernandes
 Marta Suplicy

(Fonte: Diário Oficial da União de 27/06/2014).

Nesse contexto, antes de impor a exibição de filmes na escola, algumas questões são levantadas, dentre elas: quais filmes serão exibidos? Quem fará a seleção? Como as exposições dos filmes contribuirão efetivamente para a formação dos estudantes? Serão exibidos filmes que buscam fugir do perfil hegemônico de produção cinematográfica? Os professores estão preparados para discutir e problematizar o cinema dentro da escola? Esses são alguns dos vários pontos questionados por pesquisadores, como CABRAL (2019), e que devem ser considerados antes de fazer uma discussão com os principais envolvidos nesse processo de implantação da lei do cinema: os professores e a comunidade escolar.

Nessa perspectiva, Fresquet e Paes (2016, p.165) apontam que,

[...] as discussões com contextos escolares raramente são estabelecidas antes das leis serem sancionadas. Relacionando o texto da lei e as declarações¹¹ do senador à citação de Ball, temos um exemplo de como as coisas operam dentro do campo

¹¹Ele afirma que (...) *a única forma de dar liberdade à indústria cinematográfica é criar uma massa de cinéfilos que invadam nossos cinemas, dando uma economia de escala à manutenção da indústria cinematográfica. Isso só acontecerá quando conseguirmos criar uma geração com gosto pelo cinema, e o único caminho é a escola.* Fonte: < <https://opinio.estadao.com.br/noticias/geral,mais-aula-e-menos-filme-imp-,1531408>> Acesso em: 27/10/2018.

das políticas educacionais. A questão de se obrigar a presença do cinema brasileiro na escola acaba por desconsiderar qualquer tipo de preparação para que tal conhecimento possa ser debatido de maneira adequada. Essa postura impositiva incorre no risco da perpetuação de uma reprodução enviesada do cinema, comumente usada na escola (FRESQUET; PAES, 2016, p. 165).

Dessa forma, é necessário que se façam as discussões nos espaços escolares, antes de “empurrar” as propostas nas escolas, apenas com o objetivo de cumprir as exigências legais (Fresquet; Paes, 2016), reforçando o papel do cinema como mero recurso didático e não valorizando sua importância cultural e artística.

Os filmes são, muitas vezes, usados na escola para entreter e como ferramenta pedagógica nas disciplinas escolares, porém, é visto por muitos pesquisadores como possibilidades que vão muito além dessas. Silva (2017, p. 80) aponta que

[...] hoje, também a literatura acadêmica e seus estudiosos veem o cinema como mais do que isso, porque a experiência e/ou o contato dos sujeitos com cinema tem o potencial de atravessar a existência dos mesmos, e isso faz do cinema um importante objeto com presença e significado social. Em outras palavras, as imagens cinematográficas midiáticas disseminaram ideias, valores e comportamentos e hoje podem ser problematizadas em tempos e espaços escolares. O cinema possibilita o desenvolvimento das aprendizagens sobre a existência humana, constituindo-se como uma prática social (SILVA, 2017, p. 80).

A partir desses vários olhares que abordam o uso de filmes na escola, este estudo traz diferentes concepções de uso de filmes que busquem uma vivência cultural, um contato com a arte, visando uma experimentação criativa e sensível, a partir da descrição de experiências com filmes na educação básica presentes nos resumos das teses e dissertações selecionadas. Assim, a proposta é discutir as produções, da região sudeste, que abordam as práticas pedagógicas com o uso de filmes na educação básica.

O professor, ao incluir o uso de filmes para além do recurso didático na escola, favorece a discussão, a criação, a arte, a diversão, a reflexão e o aprendizado por meio de atividades com filmes que ultrapassam experiência cotidiana. Deus (2016) relata que, com o desenvolvimento dessas ações, professores e alunos compreendem que a arte não se ensina, mas, encontra-se, experimenta-se e transita em outro lugar, além do discurso da transmissão. Através de leituras mais ambiciosas das imagens, os filmes levam a caminhos que vão além do puro lazer e entretenimento, fazendo a ponte entre emoção e razão de forma mais consciente, levando o aluno espectador a se tornar um sujeito mais exigente e crítico do mundo que vê. Este é o desafio.

1.4 Práticas Pedagógicas utilizando filmes em sala de aula

Até aqui tratamos das diversas práticas pedagógicas com filmes, seus objetivos e contribuições na formação dos estudantes, mas, afinal, o que é uma prática pedagógica? Esse questionamento é muito comum no âmbito educacional, entre professores e alunos. A educação se baseia em uma prática social humana que se constrói a partir de práticas educativas que podem, ou não, ser intencionais. Dessa forma, não se restringe apenas ao comportamento utilizado pelo professor durante sua aula, ao contrário, pode ir muito além dela. No entanto, o professor representa o agente principal da educação intencional no espaço escolar, por meio de uma prática educativa que também é intencional. Assim, as práticas educativas que se desenvolvem na escola são práticas pedagógicas porque apresentam um caráter pedagógico (Luccas, 2016). Dessa forma,

a Prática Pedagógica é entendida como uma prática social complexa, acontece em diferentes espaços/tempos da escola, no cotidiano de professores e alunos nela envolvidos e, de modo especial, na sala de aula, mediada pela interação professor-aluno-conhecimento. Nela estão imbricados, simultaneamente, elementos particulares e gerais. Os aspectos particulares dizem respeito: ao docente - sua experiência, sua corporeidade, sua formação, condições de trabalho e escolhas profissionais; aos demais profissionais da escola – suas experiências e formação e, também, suas ações segundo o posto profissional que ocupam; ao discente - sua idade, corporeidade e sua condição sociocultural; ao currículo; ao projeto político-pedagógico da escola; ao espaço escolar – suas condições materiais e organização; à comunidade em que a escola se insere e às condições locais (CALDEIRA; Z Aidan, 2010, p.21).

De acordo com Aurélio Ferreira (2010, p. 525), pedagogia é uma palavra vinda do grego, *paidagogía*, e se refere ao “conjunto de doutrinas, princípios e métodos de educação e instrução que tendem a um objetivo prático”. Libâneo (2007) traz que o pedagógico da prática educativa se manifesta na intencionalidade, na deliberação prévia de metas e estratégias para a ação. Assim,

[...] uma aula ou um encontro educativo tornar-se-á uma prática pedagógica quando se organizar em torno de intencionalidades, bem como na construção de práticas que conferem sentido às intencionalidades. Será prática pedagógica quando incorporar a reflexão contínua e coletiva, de forma a assegurar que a intencionalidade proposta é disponibilizada a todos; será pedagógica à medida que buscar a construção de práticas que garantam que os encaminhamentos propostos pelas intencionalidades possam ser realizados (FRANCO, 2016, p. 536).

Nessa mesma ideia, CARVALHO; NETTO (1994, p.59) apontam a prática pedagógica como uma prática social que

[...] é determinada por um jogo de forças (interesses, motivações, intencionalidades); pelo grau de consciência de seus atores; pela visão de mundo que os orienta; pelo contexto onde esta prática se dá; pelas necessidades e possibilidades próprias a seus atores e própria à realidade em que se situam.

Carr (1996) diferencia o conceito de *poiesis* e o de *práxis*, sendo o primeiro definido como uma forma de saber fazer não reflexivo e o segundo como uma ação reflexiva. Dessa forma, há práticas que são elaboradas pedagogicamente e há práticas desenvolvidas sem a reflexão pedagógica, num agir mecânico que não leva em conta o processo da formação humana. Assim, para que não se tornem meras atividades mecânicas, de reprodução de conteúdo, as práticas pedagógicas no sentido de *práxis* caracterizam-se como uma ação, consciente e participativa, que está sustentada em uma teoria que dê aos elementos envolvidos, sentido e clareza.

Partindo da concepção de Freire (1989), a pesquisa foi baseada em uma prática pedagógica com princípio dialógico, em que a construção do conhecimento é um processo que tem como alicerce a atuação de professores e estudantes, com a finalidade de realizar uma leitura crítica das diversas realidades que estão inseridos. Nesse caminho, Fernandes (1999, p.159) pensa a prática pedagógica como

[...] prática intencional de ensino e aprendizagem não reduzida à questão didática ou às metodologias de estudar e de aprender, mas articulada à *educação como prática social e ao conhecimento como produção histórica e social*, datada e situada, numa relação dialética entre prática-teoria, conteúdo-forma e perspectivas interdisciplinares.

Dessa forma, as práticas pedagógicas não se dão de maneira isolada das sociais, econômicas, políticas e culturais da sociedade, não sendo assim meras técnicas, ao contrário, são repletas de valores, saberes e concepções de quem as pratica e do ambiente que são realizadas. Nessa perspectiva, para que a prática pedagógica se torne *práxis* pedagógica no sentido de transformação dos sujeitos, é necessário que haja, antes da prática, uma reflexão crítica. Nesse contexto, o trabalho “Cinema, formação, invenção de si e do mundo: o que pode o cinema?” (2015), defende o uso de filmes “*como força criadora do pensamento; refletir sobre sua potência como dispositivo que nos permite criar linhas de fuga e novas/outras vivências, em meio a um modus vivendi (hábitos de consumo, visão de mundo, relações, encontros, produção de modos de viver) capitalista que tudo quer homogeneizar.*”.

Nessa linha, Libâneo (2006) defende a importância da formação do professor para essa reflexividade crítica, de forma que o auxilie no fazer - pensar cotidiano para a efetiva formação dos sujeitos.

Pensar é mais do que explicar e, para isso, as instituições precisam formar sujeitos pensantes, capazes de um pensar epistêmico, ou seja, sujeitos que desenvolvam capacidades básicas em instrumentação conceitual que lhes permitam, mais do que saber coisas, mais do que receber uma informação, colocar-se frente à realidade, apropriar-se do momento histórico de modo a pensar historicamente essa realidade e reagir a ela (LIBÂNEO, 2006, p. 72).

Percebe-se que, nas aulas tradicionais, o ensino está centrado no professor, em que o aluno, muitas vezes, não problematiza, não argumenta, não questiona o conteúdo passado, se limitando a recebê-lo e acomodá-lo de forma desvinculada da realidade em que vive. Entretanto, observa-se que a construção do conhecimento se dá nas relações sujeito-objeto-realidade com a mediação do educador, sendo fundamental uma ação reflexiva em torno de todo assunto debatido durante as aulas.

Freire (1979) argumenta que a raiz da educação está na capacidade que o ser humano possui de refletir sobre si mesmo, perceber-se como ser inacabado, que busca aperfeiçoar-se. Essa busca tem caráter permanente na formação do indivíduo. Por isso, o educador não pode se colocar em uma posição superior à posição do educando, pois a busca da autonomia é um processo constante e o docente é um importante mediador desse processo. Nessa perspectiva, encontramos o trabalho de STECZ (2015) que trata do uso de filmes na esfera educativa. Em sua tese “*Cinema e educação: produção e democratização do audiovisual com crianças e adolescentes em Curitiba*”, a autora destaca o uso de filmes como prática emancipadora quando “*em sua dimensão artística, educativa e humanística constrói pontes entre educadores e cineastas que atuam na perspectiva da educação como prática da liberdade.*”.

Paulo Freire (1967) aponta em seu livro *Educação como Prática de Liberdade*, que educadores e educandos devem promover a prática da liberdade em busca de uma educação que favoreça o desenvolvimento crítico e a autonomia do cidadão. E nesse, tomando por base a concepção freiriana, entendemos o uso de filmes como prática emancipadora e de liberdade.

Freire (1979) ainda diz que o educador deve ser capaz de identificar e abordar assuntos que sejam do interesse, que estimulem seus educandos, pois, mais importante que a escola “doutrinar” os alunos, é oferecer ferramentas para que eles sejam capazes de concretizar seus objetivos de vida. É importante conhecer o aluno e identificar o contexto

social no qual ele está inserido, pois, os saberes são originados das relações estabelecidas com a pessoa e o seu mundo, portanto, o contexto social influencia na visão de mundo. Nesse sentido, é importante usar filmes e proporcionar aos estudantes sensações e emoções questionadoras da vida cotidiana.

Quando se discute as práticas pedagógicas com filmes na educação, há uma diversidade de pontos de vista, devido aos vários sentidos carregados pelo termo educação, que pode se relacionar às questões escolares ou abranger um sentido mais amplo relacionado aos saberes, valores, à cultura da sociedade em que o indivíduo está inserido. São diversos os autores que defendem as práticas pedagógicas com filmes na escola, porém, sob perspectivas diferentes. Há os que pretendem usar o filme como uma ferramenta de ensino, buscando a contribuição dessa mídia nas disciplinas escolares; há autores que o apresentam como uma forma de conhecimento cultural, ampliação da visão de mundo e de socialização entre os alunos; além da perspectiva do cinema como arte e ato de criação no ambiente escolar.

Assim como há diferentes práticas com filmes na escola, as formas com que atingem as pessoas também são variadas. Para Duarte¹², cada indivíduo é afetado de maneira diferente, podendo transformar sua racionalidade e também sua sensibilidade. Diante das vastas possibilidades que o uso de filmes pode apresentar no contexto escolar, o educador é peça principal para buscar as variadas maneiras de utilizá-lo, desde sua produção, edição e exibição, ampliando o conhecimento de todos os envolvidos nas atividades com filmes. Assim como Duarte, Fresquet (2016) afirma a importância da

[...] perspectiva de se trabalhar com obras audiovisuais na escola como experiências estéticas portadoras de conhecimento próprio, em diálogo com diferentes conhecimentos disciplinares, em espaços e tempos diferenciados, que podem atravessar o horário de turno e/ou contraturno, no formato de aula, cineclube, e inclusive, oficina de produção audiovisual, em convergência com a diversidade tecnológica que potencializa o acesso e compartilhamento da produção audiovisual brasileira (FRESQUET *et al.*, 2016, p. 181).

Diante disso, considero que as atividades com filmes se caracterizam como práticas pedagógicas que podem contribuir nas relações professor-estudante e comunidade, na ampliação cultural, na construção de saberes diversos e, dessa forma, como instrumento de *práxis* através do cinema.

¹² In: <<http://cineclubesmerj.blogspot.com/p/texto.html>> Acesso em 09 jun. 2018.

O capítulo seguinte apresenta como ocorreu a busca, seleção, organização e análise dos dados retirados dos resumos das teses e dissertações que compõem esse trabalho.

CAPÍTULO II - CAMINHOS METODOLÓGICOS DE PESQUISA

A escolha por essa temática se deu a partir de observações realizadas durante minha prática como docente na educação básica. Além disso, no decorrer da pesquisa, tive contato com as múltiplas possibilidades que o encontro do cinema com a educação proporciona no espaço escolar. A partir disso, essa pesquisa me possibilitou maiores leituras, reflexões e questionamentos sobre a diversidade de práticas pedagógicas com filmes que ocorrem na escola.

A proposta inicial desta pesquisa foi desenvolver práticas pedagógicas com filmes na escola na qual leciono e identificar qual a relação dos estudantes com o cinema. Mas como todo percurso é permeado de dificuldades, nessa caminhada não foi diferente. No decorrer do trabalho foi necessário mudar os rumos da pesquisa devido a algumas dificuldades que tive para executar a proposta inicial. Dessa forma, optei em manter o estudo sobre as práticas pedagógicas com filmes na educação básica, porém, agora com base nas produções realizadas nos programas de pós-graduação *stricto sensu* brasileiros nos últimos cinco anos, realizando assim o estado do conhecimento sobre essa temática.

A escolha por esse novo caminho de pesquisa, voltado para o estudo bibliográfico dessas produções, ocorreu pela necessidade em realizar o estado do conhecimento das práticas pedagógicas com uso filmes na educação básica e discutir como essas práticas têm sido abordadas nos trabalhos das IES desde que a Lei 13.006 entrou em vigor, no ano de 2014, até o ano de 2018. Advoga-se ainda, como justificativa dessa discussão, o fato de que, até o momento não foram encontrados trabalhos que abordassem essa temática dentro da perspectiva de estado do conhecimento, havendo assim lacunas na pesquisa sobre o tema, por isso sua importância e relevância para os que estudam educação e cinema.

A expectativa em realizar essa pesquisa foi grande devido à possibilidade de enriquecer os estudos sobre o tema e estimular debates e reflexões acerca das diversidades de pesquisas sobre práticas pedagógicas com filmes que ocorreram nos últimos cinco anos nos programas de pós-graduação *stricto sensu* do Brasil. A partir das teses e dissertações, buscou-se refletir sobre as investigações realizadas procurando oferecer um panorama das pesquisas e qual a importância do uso de filmes na formação dos estudantes. Importante destacar que este trabalho não busca mapear nenhuma produção em sua totalidade, pois, isso não é possível devido às atualizações frequentes de novos trabalhos, além de sempre

haver falha humana nas buscas, na inclusão dos dados, dentre outros, interferindo na produção de uma pesquisa que abarque a totalidade.

Após essa etapa, foi necessário compreender a metodologia do “Estado da Arte” ou “Estado do Conhecimento” e passou-se a mapear as produções sobre práticas pedagógicas com o uso de filmes na educação básica, no período de 2014 a 2018. Esse recorte temporal foi feito com o objetivo de refletir sobre as pesquisas defendidas a partir da instituição da Lei 13.006/2014. Sobre essa metodologia,

O estado da arte é uma modalidade de pesquisa de caráter bibliográfico, que visa fazer uma síntese integrativa do conhecimento sobre um determinado tema, comumente a partir de teses e dissertações, mas que pode incluir artigos publicados em periódicos e até mesmo comunicações em anais de congressos e seminários. O desafio é mapear e discutir a produção acadêmica em determinado campo do conhecimento, buscando responder que aspectos vêm sendo destacados em diferentes épocas e lugares e de que formas e em que condições essa produção vem sendo engendrada (SANTOS, 2015, p. 41).

Para Ferreira (2002), há diferentes momentos na pesquisa do tipo “estado da arte”. O momento inicial é de quantificar e identificar os dados na busca de mapear as informações de determinada produção, como ano, local e outros. Desse modo, este trabalho busca mostrar um mapa das produções dos programas de pós-graduação, a partir de ano de publicação da Lei 13.006/2014, sobre as práticas pedagógicas com o uso de filmes na escola. A proposta é destacar as variadas práticas com filmes realizadas nesses trabalhos e fazer com que esse estudo sirva de subsídio para as futuras pesquisas sobre o tema. No que se refere às fontes utilizadas na pesquisa, optou-se por pesquisar apenas as teses e dissertações dos programas de pós-graduação (*stricto sensu*) brasileiros. Foi utilizada a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e o Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES como fontes de dados. O catálogo da CAPES apresenta um amplo acervo de teses e dissertações, o que o torna mais completo nesse segmento de pesquisa. Dessa forma, esse banco de dados busca “[...] facilitar o acesso a informações sobre teses e dissertações defendidas junto a programas de pós-graduação do país [...]” (CAPES, 2017).

Este estudo foi intitulado ‘Estado do Conhecimento’ porque se baseia na análise descritiva dos resumos das teses e dissertações dos trabalhos selecionados. Na visão de Romanowski e Ens (2006), uma pesquisa só é denominada ‘Estado da Arte’ quando abarca diversas fontes de pesquisa, como artigos, produções em congressos, vários setores de publicação.

[...] não basta apenas estudar os resumos de dissertações e teses, são necessários estudos sobre as produções em congressos na área, estudos sobre as publicações em periódico da área. O estudo que aborda apenas um setor das publicações sobre o tema estudado vem sendo denominado de “estado do conhecimento”. (ROMANOWSKI; ENS, 2006, p. 39-40).

Então, foi feita uma busca com o objetivo de construir o ‘Estado do Conhecimento’ a partir dos resumos das teses e dissertações selecionadas. Para Romanowski e Ens (2006, p. 39) “esses trabalhos não se restringem a identificar a produção, mas analisá-la, categorizá-la e revelar os múltiplos enfoques e perspectivas”. Com base nos resumos das bibliografias, foi realizada leitura flutuante dos trabalhos. Bardin (1977) aponta a leitura flutuante como um contato com os dados, onde se busca deixar invadir por uma primeira percepção das mensagens neles contidas.

Os critérios escolhidos para realização da leitura flutuante foram: teses e dissertações produzidas na região sudeste, a partir de 2014, que apresentaram práticas pedagógicas com cinema na educação básica sob diversos olhares e contribuições para a aprendizagem do estudante.

Esta investigação iniciou-se em fevereiro de 2019 e como critério de busca no BDTD utilizaram-se as palavras-chave: ‘prática, cinema, educação’. Foram filtrados os anos de interesse: 2014 a 2018. Os dados foram sistematizados em uma tabela contendo o título de pesquisa, autor (a), ano de defesa, instituição de educação superior (IES), região brasileira, tipo da pesquisa (Tese ou Dissertação) e fonte de busca dos trabalhos. No Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, a busca foi realizada em março de 2019 com as seguintes palavras-chave: ‘cinema *and* educação *and* práticas *and* pedagógicas’. O período filtrado permaneceu de 2014 a 2018. Nenhum outro filtro foi selecionado para esta pesquisa.

A escolha em incluir o *and* entre as palavras-chave se deu porque, inicialmente, ao usar apenas as palavras ‘cinema, educação, práticas pedagógicas’ o catálogo da CAPES trouxe 26.578 resultados, tornando inviável a análise de todos esses trabalhos. Ao usar o conectivo ‘*and*’ entre as palavras, o filtro da pesquisa foi mais eficiente e só vieram os trabalhos relacionados ao tema de interesse. Uma tabela com as mesmas informações das produções encontradas no BDTD foi usada para tabular os dados encontrados no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES.

Ao identificar os trabalhos que fariam parte dessa pesquisa, foi aberto um documento *Word* para que os dados de cada trabalho fossem organizados da seguinte forma: um cabeçalho com o sobrenome e nome do (a) autor (a) do trabalho; título do

trabalho; data (ano) de defesa; natureza da pesquisa (dissertação de mestrado ou tese de doutorado) e o nome da instituição (IES).

Após finalizar a etapa de busca pelas produções dos programas de pós-graduação brasileiros sobre práticas pedagógicas com o uso de filmes na educação básica, iniciou-se a fase de elaboração das tabelas. Nesta etapa usamos o programa Excel para criação de tabelas com células organizadas em categorias. Essas células apresentaram informações referentes a cada pesquisa selecionada para desenvolver um cenário da totalidade das produções acadêmicas. Cada célula apresentará o (a) autor (a), título o ano da pesquisa, o tipo (tese ou dissertação), a IES onde o trabalho foi realizado, a fonte onde foi localizada e a região brasileira onde foi produzida.

Após essa etapa, foram investigados os anos que mais apresentaram produções sobre práticas pedagógicas com cinema e educação, em especial uso de filmes, na educação básica. A metodologia para busca de dados dessa pesquisa foi semelhante à utilizada por Silva (2017) em sua dissertação intitulada *Estado da Arte da Leitura no Brasil: 2010 a 2015*.

A partir dos apontamentos feitos sobre palavras-chave e filtros de pesquisa, constituiu-se um quadro de produções acadêmicas sobre práticas pedagógicas com cinema na educação básica, onde mapeamos, sintetizamos e refletimos sobre os resumos das dissertações e teses produzidas no período de 2014 a 2018. Isso auxilia em um conhecimento mais amplo do conjunto de trabalhos científicos produzidos no meio acadêmico e fortalece a investigação teórico-metodológico. Assim, esse capítulo descreve os caminhos da pesquisa, seu planejamento, analisando e refletindo melhor sobre os dados encontrados posteriormente.

O presente trabalho se adequa às exigências da pesquisa qualitativa na área da educação devido aos objetivos propostos, pois, tem documentos como fonte de dados, de caráter bibliográfico, do tipo 'estado do conhecimento'; e como *corpus* documental, para o mapeamento, descrição e análise das pesquisas quanto ao seu contexto de produção, os resumos das dissertações e teses brasileiras, produzidas na região sudeste, que pesquisaram práticas pedagógicas com o uso de filmes na educação básica.

A pesquisa qualitativa tem como principal característica de abordagem sua marca de compreensão e interpretação (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 1998, p. 131). Triviños (1987) aborda que a pesquisa qualitativa é descritiva e o pesquisador valoriza os processos da pesquisa, não se limitando apenas aos seus resultados e produtos.

Para Lüdke e André (2013, p. 44-45), a pesquisa documental “pode se constituir numa técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos”, e ainda, “[...] podem ser retiradas evidências que fundamentem afirmações e declarações do pesquisador” (LÜDKE; ANDRÉ, 2013, p. 45), justificando assim o uso de teses e dissertações como material de pesquisa. O olhar qualitativo foi lançado sobre os resumos encontrados, articulando a análise feita sobre o fazer pedagógico.

Para enriquecer as análises sobre os resumos¹³ das dissertações e teses como objeto de investigação, optamos em descrever tais resumos destes trabalhos no capítulo seguinte, a fim de corroborar com a pesquisa documental defendida por Lüdke e André (2013) acerca do Estado do Conhecimento das práticas pedagógicas com uso de filmes na educação básica, no período de 2014-2018.

Após a coleta de dados nos bancos de teses e dissertações, estes foram organizados por categorias analíticas e, para sua interpretação, foi feita análise de conteúdo (AC), pois foi necessário estabelecer uma interação entre as os dados obtidos e o objeto desse estudo, de forma a ampliar a percepção sobre as práticas pedagógicas com cinema na educação básica nos últimos cinco anos. Sobre o uso de teses e dissertações, Flick (2009, p. 291) afirma que a análise de conteúdo “é um dos procedimentos clássicos para analisar o material textual, não importando qual a origem desse material”.

Bauer e Gaskell (2008, p. 191) sustentam que

A validade da AC deve ser julgada não contra uma ‘leitura verdadeira’ do texto, mas em termos de sua fundamentação nos materiais pesquisados e sua congruência com a teoria do pesquisador, e à luz de seu objetivo de pesquisa. Um corpus de texto oferece diferentes leituras, dependendo dos vieses que ele contém.

Assim, a AC exige constante leitura dos documentos para a construção das categorias de análise e posterior interpretação dos dados (LÜDKE, ANDRÉ, 2013). Bardin (1977, p. 42) define a análise de conteúdo como

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

¹³ Os resumos de todos os trabalhos que compõem essa dissertação são apresentados como texto corrido ao longo do próximo capítulo. Foi uma opção metodológica da pesquisadora não usar o recuo de 4 cm nas citações diretas.

Sobre a construção das categorias de análise, Moraes, R. (1999) indica dois caminhos:

1. Categorias *a priori*: construídas a partir do referencial teórico do pesquisador.
2. Categorias emergentes: construídas no processo de análise do material e das várias vozes que vêm dele.

Moraes, R. (1999) afirma que há autores que usam a combinação das duas categorias, sendo maior a criatividade do autor nessa construção.

Para caracterizar as práticas pedagógicas com uso de filmes na educação básica foram construídas as seguintes categorias: “O uso de filmes como Recurso Didático”, “O uso de filmes como Pedagogia da Criação/ Educação do Olhar” e “O uso de filmes em sala de aula e contribuições para as interações sociais”. Essas categorias foram construídas a partir das mensagens extraídas dos resumos das teses e dissertações selecionadas, sendo, dessa forma, categorias emergentes.

Após a definição das categorias, seguimos para a etapa de identificação das unidades de registro. Segundo Moraes, R. (1999) o pesquisador que define a natureza das unidades de registro, que podem ser palavras, temas, frases ou até o documento na íntegra. Franco (2008, p. 41) aponta que “a unidade de registro é a menor parte do conteúdo, cuja ocorrência é registrada de acordo com as categorias levantadas”, por isso deve estar em conformidade com os objetivos do estudo. Nesta pesquisa o tema foi escolhido como unidade de registro que, para Franco (2008, p.42), pode ser “uma simples sentença (sujeito e predicado), um conjunto delas ou um parágrafo”. Assim, a “classificação sistemática e a contagem de unidades do texto destilam uma grande quantidade de material em uma descrição curta de algumas de suas características” (BAUER; GASKELL, 2008, p. 191). Nessa perspectiva, foram retirados excertos dos resumos das teses e dissertações como unidades de registro para posterior interpretação dos dados e análise do conteúdo.

Para Moraes, R. (1999, p.9) “toda leitura de um texto constitui-se numa interpretação”, não havendo assim leitura neutra. O pesquisador é, então, influenciado nessa leitura por suas ideias, teorias e saberes prévios.

Todos os resumos das teses e dissertações da região sudeste que foram selecionados foram fontes de análise para se discutir as experiências com uso de filmes na educação básica e seus impactos na formação dos estudantes. Com base nas ideias apresentadas, a problemática central desta investigação foi responder como as pesquisas

têm enfatizado as práticas pedagógicas docentes com uso de filmes na educação básica nos programas de pós-graduação (*stricto sensu*) brasileiros, no período de 2014 a 2018.

CAPÍTULO III: DESCRIÇÃO DOS RESUMOS DAS TESES E DISSERTAÇÕES PRODUZIDAS NOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO BRASILEIROS NO PERÍODO DE 2014 A 2018

Este capítulo descreve o resumo de todos os trabalhos citados no texto, inclusive os que não foram analisados por não pertencerem à região sudeste do Brasil. Os resumos estão descritos em ordem crescente de publicação, dos anos de 2014 a 2018.

Vanusa Maria de Melo (PUC-RJ, 2014) em sua dissertação “*Aproveitando brechas: experiência com cinema em escolas prisionais do Rio de Janeiro*” teve como objetivo “analisar experiências e práticas docentes que partem da exibição de filmes em escolas prisionais do Rio de Janeiro, apresentando uma reflexão sobre o lugar ocupado na prática docente por tais atividades, bem como a maneira como os estudantes entendem tais experiências e como transcorrem em um ambiente de privação de liberdade e priorização da segurança, em que convivem cotidianamente objetivos muitas vezes antagônicos, como punir e educar. Em função da imersão no campo de pesquisa, este trabalho é de tipo etnográfico, razão pela qual as notas de campo ganham espaço ao lado das análises de entrevistas. Foram registradas exibições e realizadas entrevistas com os docentes e discentes de escolas prisionais após as exibições. Além disso, apresentam-se dados do próprio sistema penitenciário que colaboram para verificarmos o quanto o Estado do Rio de Janeiro vem investindo para a garantia do direito à educação. Por ser a produção acadêmica acerca das práticas educacionais em ambientes de privação e restrição de liberdade, é possível que este trabalho contribua para os debates em torno da importância de práticas docentes na construção de uma educação para a liberdade”.

Helena Narciso da Silva (UnB, 2014) em sua pesquisa, “*O uso das linguagens audiovisuais nos anos iniciais do ensino fundamental: uma perspectiva curricular*” aponta em sua dissertação que “a nova lógica comunicacional, veiculada por imagens e sons em movimento, acaba por influenciar as formas de perceber e apreender a realidade. Cabe à escola, no contexto atual, inteirar-se dessas novas formas comunicativas e utilizar-se do seu potencial educativo. Por meio desta pesquisa, investigaram-se as possibilidades de uso das linguagens audiovisuais, em especial da cinematográfica, nos anos iniciais do ensino fundamental, a partir de uma perspectiva curricular referenciada nas bases da teoria crítica educacional. Não se trata de incluir a linguagem audiovisual nos currículos escolares no formato de uma disciplina stricto sensu, mas da presença de práticas educativas que contemplem o seu uso na formação dos sujeitos no sentido de contribuir para desenvolver

sua sensibilidade em direção ao humano, destacando a importância da inserção dessa linguagem, em especial do cinema, como espaço de aprendizagens no cotidiano escolar. Um espaço no qual estudantes e professores, por meio de uma leitura crítica, possam compreender a linguagem dos meios de comunicação e passar da condição de telespectadores passivos e parciais à condição de leitores conscientes e críticos e, por conseguinte, possam se expressar por meio dessas linguagens e aprender com elas. Por se tratar de uma temática complexa que envolve múltiplos olhares e um debruçar mais acurado em busca da compreensão do objeto estudado, a metodologia utilizada, de cunho predominantemente qualitativo, pautou-se na perspectiva compreensiva e interpretativa, tendo como estratégia o estudo de caso. Os procedimentos utilizados foram a análise documental, a entrevista semiestruturada, a observação participante e o grupo de visionamento com as crianças. Os resultados do estudo revelam que as linguagens audiovisuais estão passando por nossos currículos sem que destinemos a elas a devida atenção e tratamento. O processo educacional ainda se encontra centrado em um saber escrito desarticulado da realidade dos estudantes, que prioriza a leitura e a escrita em detrimento das demais linguagens que circulam no espaço social. A escola, ao desconsiderar essas novas formas comunicativas e os novos modos de aprender e conhecer dos sujeitos que surgem desse contexto informativo, cria um descompasso entre a cultura escolar e a dos estudantes e coloca em questão seu papel formativo como espaço socializador das novas gerações. Dessa forma, é preciso modificar nossos espaços educativos e incluir essas linguagens na formação dos sujeitos, refletindo pedagogicamente sobre seus usos, no sentido de saber não somente como utilizá-las, mas conhecê-las. Para tanto, faz-se necessário repensar o currículo escolar numa perspectiva política e cultural (GIROUX, 1987) para mediar o trabalho pedagógico, por meio do qual seja possível estabelecer uma pedagogia crítica que integre os conhecimentos escolares com o conhecimento social que prepara os sujeitos para movimentar-se nas diferentes situações cotidianas”.

Alex Mateus Santos de Oliveira, (UFG, 2014), ao pesquisar a dissertação *“Uma reflexão sobre questões de gênero em uma escola pública na cidade de Goiânia através da personagem Dawn Davenport em duas cenas do filme problemas femininos”*, “parte do pressuposto que na educação básica e média há poucas discussões sobre sexo, sexualidade e gênero, sendo ocultadas na grade curricular ou abordadas minimamente com uma perspectiva biologistica e/ou essencialista, esta dissertação procura permear estas questões através de duas cenas do filme estadunidense Problemas Femininos. Desta forma,

ao mesmo tempo em que revejo o histórico e as discussões mais correntes diante da temática procuro entender porque no espaço escolar da pesquisa de campo – Colégio Pré-Universitário – tais discussões não se fazem presente. Esta dissertação toma também como próprio de sua constituição os dados obtidos pela pesquisa de campo através do diálogo com a/os colaboradoræs. Cinco alun@s com a idade de 16 anos de uma escola pública da cidade de Goiânia foram entrevistad@s em um processo misto que reuniu entrevistas semiestruturadas e grupo focal, tendo como base a pesquisa qualitativa com ênfase nos processos de interpretação. A perspectiva teórica abarca os estudos feministas e a teoria queer, procurando desconstruir e clarificar determinadas práticas e discursos sociais, trazendo ainda as possibilidades críticas educativas abordadas pelo campo da cultura visual. Concluo que, além das dificuldades de abordagem próprias da temática, entra em jogo na inserção deste tema na educação a necessidade e dificuldade escolar em dialogar com perspectivas d@s alun@s, com suas variadas experiências culturais e anseios”.

Vitor Ferreira Lino (UFMG, 2014) em sua dissertação, *“Da escola ao cinema, pelas trilhas de um projeto”* descreve que “no cenário múltiplo da escola desenvolvem-se variadas relações e práticas entre os seus sujeitos, sendo as expressões culturais nelas incorporadas. Como forma de compor o trabalho docente, que tem como uma de suas características a relação intersubjetiva entre professores e estudantes, as expressões artísticas como o cinema costumam estar presentes em projetos e demais práticas pedagógicas. Nessa direção, e considerando a importância do cinema como meio de pensar e de se expressar, de compreensão de conteúdos, de aprender e ensinar, de afetação/sensibilização, experimentação estética e apropriação cultural, entre outras de suas potencialidades, investigamos um projeto pedagógico com cinema, que envolveu exibição de filmes na escola e em uma sala de cinema, o Cine Marajá. O projeto foi realizado em uma escola pública da cidade de Pedro Leopoldo MG, a Escola Estadual de Pedro Leopoldo Fazenda Modelo, localizada em uma região de encontro entre o centro urbano da cidade e área rural, que oferece os níveis fundamental e médio de ensino, atendendo cerca de 585 alunos, nos turnos matutino e vespertino, contando com cerca de 23 professores atuantes nesses dois turnos e níveis. A pesquisa foi realizada entre agosto de 2012 e novembro de 2013, com 4 professores e 27 jovens, tendo como foco de análise o Projeto A Escola vai ao Cinema: o Uso da Linguagem Cinematográfica na Educação, desenvolvido nesta escola, tendo como objetivo central a análise dos princípios norteadores, da estrutura e dinâmica da referida proposta, bem como as visões de seus idealizadores e participantes professores e jovens alunos sobre o mesmo. No percurso metodológico da investigação,

buscou-se compreender esta problemática, através da observação direta das atividades do Projeto; de conversas informais, aplicação de questionários e entrevistas semiestruturadas com um grupo de professores e de jovens estudantes, seus atores, bem como entrevista semiestruturada como o proprietário do Cine Marajá, onde foram exibidos alguns filmes para os estudantes. Entre os achados da pesquisa, encontramos perspectivas positivas dos estudantes e professores sobre o Projeto, visto que para os primeiros este colabora para experimentação de espaços e situações externas à escola, e para os últimos, auxilia na melhoria de suas relações interpessoais com os jovens, além de facilitar seu trabalho pedagógico com os conteúdos escolares. As atividades com cinema na escola contribuíram, também, conforme os professores, para a criação de um clima favorável a esta arte no educandário. Ficou também evidente a convivência de perspectivas, ou linhas de ação, diferentes dentro do mesmo Projeto, cujas atividades são diferenciadas segundo o nível de ensino dos jovens. Constatou-se, ainda, a existência de dificuldades e tensões na realização da proposta, em relação à utilização dos tempos escolares para a exibição de filmes e na preparação das atividades, no que concerne ao domínio dos elementos das obras fílmicas por parte dos professores. Além disso, verificamos uma demanda dos jovens alunos por participação, sobretudo nas escolhas dos filmes do Projeto”.

Em sua pesquisa de doutorado, intitulada “*Fora do Quadro: discursos sobre educação e cinema (ARGENTINA E BRASIL- 1910/1940 e 1990/2010)*”, **Ana Lúcia de Faria e Azevedo (UFMG, 2014)**, descreve que na “tese, realizada nos marcos do Doutorado Latino-Americano em Educação, são analisadas as concepções e possibilidades concernentes às relações entre cinema e educação, contidas em discursos educacionais produzidos por intelectuais brasileiros e argentinos em dois momentos do século XX: de 1910 a 1940 e de 1990 a 2010. O recorte espacial justifica-se por serem o Brasil e a Argentina países sul-americanos, nos quais, desde o início do século XX, ocorre uma mobilização de setores sociais pela integração do cinema às práticas pedagógicas nas escolas. Quanto à escolha do recorte temporal, deve-se ao fato de que, nesses dois períodos, as configurações desses discursos assumem características distintas e significativas. Metodologicamente, optamos por uma abordagem de investigação da natureza histórico-social dos discursos, focalizando conteúdos e contextos de enunciação. Primeiramente analisamos o discurso sobre educação e cinema nesses países, através de análise bibliográfica, enfatizando a realidade de um e outro país. Na sequência, elaboramos uma análise semelhante relativa ao período de 1990 a 2010. Para tanto, foram realizadas entrevistas individuais, semiestruturadas, com seis intelectuais da educação que discutem a

relação cinema/educação, complementadas com levantamento e análise documental, extraindo elementos e categorias que salientaram em seus respectivos discursos educacionais. Concluímos que, no primeiro período investigado, a educação pelo cinema foi considerada uma novidade promissora em termos de recurso educacional, sendo que o cinema foi apreciado em termos educativos, em grande parte, por ser considerado um recurso didático tecnicamente eficaz para a transmissão de conhecimentos científicos considerados neutros, valores patrióticos e costumes civilizadores que poderiam ser mais facilmente memorizados e incorporados aos indivíduos. Quanto ao segundo período (1990/2010) constatamos, de modo geral, a presença de recomendações a fim de incentivar a presença de uma cinematografia variada nas salas de aula e atividades pedagógicas com filmes que procurassem favorecer a vivência de experiências mais abertas em relação à arte e menos restritas aos códigos das práticas escolares tradicionais e uma grande preocupação com a formação docente, uma temática destacada e recorrente nos enunciados de 1990-2010, que defendem enfaticamente a formação de professores como uma estratégia fundamental para a efetivação dos projetos de educação cinematográfica”.

Silvio Ronney de Paula Costa (UNIRIO, 2014) na dissertação intitulada “*Pedagogia da imagem: a autoria na relação educador / educando durante o processo de produção de vídeos na escola*” descreve em seu resumo, que “a Pedagogia da Imagem é hoje uma proposta pedagógica que estabelece relação ativa e criativa entre educador e educando no ambiente educacional, despertando no docente, habilidades e estratégias pedagógicas para construir conhecimento através da utilização de imagens visuais e sonoras como recurso didático, unindo as áreas da Educação, Comunicação, Cinema e Autoria na sala de aula. O presente trabalho analisou e debateu um pequeno recorte da Pedagogia da Imagem no processo de autoria na relação educador / educando durante produções de vídeos documentários científicos que foram realizados na disciplina de ciências em uma turma do nono ano da Escola Municipal Américo Vespúcio, localizada na Região do Lagos do Rio de Janeiro, Brasil. Esta análise se dá inicialmente com o levantamento dos conceitos de autor e autoria. Posteriormente, buscamos entender a relação entre a Educação e Comunicação no cotidiano escolar, que em conjunto com os autores do Cinema contribuíram para identificar possíveis indicadores de autoria na produção de vídeo na escola. Foram realizadas reuniões quinzenais com as equipes de direção, pedagógica e docente, elaborados relatórios de observação, filmagens e uma pesquisa junto aos alunos da turma em estudo, no sentido de obtermos dados sobre suas relações com tecnologias atuais. A partir da análise realizada, observamos que, durante o processo de produção dos vídeos

documentários científicos, os alunos atuaram de forma ativa e inovadora dentro e fora do ambiente escolar, colocando em prática os conteúdos ministrados na disciplina de ciências, envolvendo a arte cinematográfica e as tecnologias digitais em suas obras, indicadores de marcas de autoria. Neste estudo de caso, observamos, ainda, que para termos uma relação ativa e autoral na relação educador / educando é necessário o comprometimento docente para proporcionar a este aluno do século XXI, novos espaços educativos que estimulem o aumento do seu repertório, envolvendo em seu planejamento pedagógico, aspectos sociais, culturais e tecnológicos”.

Thiago de Alencar Izabel (UEL, 2014) em sua dissertação “*Geografias de Cinema: contribuições ao ensino da história e cultura do negro-afro-descendente*” argumenta que a “pesquisa tem como objetivo principal contribuir com o ensino da história e cultura negro-afro-brasileira e negro-africana no ensino de Geografia, colaborar com a formação e reflexão dos professores sobre o ensino das relações étnico-raciais através de proposta metodológica que utiliza o cinema como linguagem potencializadora. Relacionamos, nesse trabalho, a Geografia, a linguagem cinematográfica e o ensino da história e cultura negro-afro-brasileira e negro-africana com o intuito de desenvolver práticas pedagógicas positivas. Buscamos também contribuir com os pressupostos da Lei 10.639/03 e com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino da História e Cultura Afro-brasileira e Africana. O estudo proposto investiga as questões levantadas pelo viés da pesquisa qualitativa. Para tal, foi realizado um levantamento bibliográfico, com o objetivo de situar o corpo teórico que alicerça os estudos sobre o ensino de Geografia, o cinema e o ensino da história e cultura negro-afro-brasileira e negro-africana. Estes foram abordados a partir de alguns aspectos fundamentais: a delimitação do campo do ensino de Geografia, a sua relação com o cinema e vice-versa e o cinema como subsídio no tratamento de questões relacionadas ao ensino da história e cultura negro-afro-brasileira e negro-africana no ensino de Geografia. A proposta de utilização do cinema presente na pesquisa adota elementos de análise de filmes e documentários considerando aspectos de investigação crítica e geográficas, possibilitando a proposta de um material didático auxiliar (modelo de catálogo) para o trabalho do professor. As experiências que colaboraram no desenvolvimento da proposta desse trabalho se deram com o minicurso “Cinema e Educação Geográfica: representações da África e formação de professores”, realizado no “VI Seminário Educar para Igualdade Racial - Por uma Educação sem discriminação”, em Marilena-PR, no “VII Fala Professor – Encontro Nacional de Ensino de Geografia”, realizado na Universidade Federal de Juiz de Fora

(UFJF) e durante a realização do Estágio de Docência na Graduação (2GEO056). Os resultados da pesquisa apontam para a necessidade de se pensar práticas pedagógicas que favoreçam o processo de formação do professor, desenvolvendo metodologias que se utilizem de outras formas de ensinar e aprender, além da necessidade de se estabelecer um ensino de Geografia que considere a população negra-afro-descendente nos seus diversos contextos e momentos históricos de forma positiva, com o objetivo de reposicionar o negro-afro-descendente em um lugar de destaque, valorizando todos os aspectos que contribuíram com a formação da identidade e território brasileiro”.

No ano de 2014, conforme pesquisa documental, foram selecionadas sete dissertações e teses sobre cinema e educação. No levantamento realizado nas universidades públicas e privadas durante o ano de 2015, a pesquisadora buscou no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES e BDTD, resumos de teses e dissertações, conforme descrito abaixo.

A presente dissertação, desenvolvida por **Diego Augusto Doimo (UNOESTE, 2015)**, intitulada “*A Filosofia vai ao Cinema: o uso do filme como recurso didático no ensino de filosofia*” teve como objetivo “analisar o Cinema como recurso didático utilizado para apoiar o Ensino de Filosofia no Currículo Paulista, possibilitando pensar a ação docente por meio de roteiros de aula com o uso de filmes. A relevância da pesquisa justifica-se pelo fato de que a educação contemporânea requer que o professor crie novas estratégias de ensino e utilize recursos diferenciados, buscando uma aprendizagem que seja favorável à compreensão de mundo e a reflexão crítica dos alunos. Esta dissertação contemplou uma abordagem qualitativa por meio da pesquisa bibliográfica, análise documental e elaboração de roteiros de aula. Os resultados apontam que além de contribuir para a reflexão filosófica, os roteiros de aula podem suscitar novos olhares para uma educação transformadora, promover melhorias na prática docente e preparar cidadãos conscientes para que sejam autores da própria mudança. Espera-se, assim, que os roteiros de aula aqui apresentados, não sejam vistos como um ponto final para essa dissertação, nem mesmo como um instrumento estático e inalterável. Ao contrário, deseja-se que os mesmos possam abrir caminhos para o Ensino de Filosofia, e também para as demais disciplinas, que poderão utilizar-se dessa metodologia e estrutura para elaborar seus próprios roteiros, adequando-os de acordo com a necessidade e realidade em que estiverem inseridas”.

Tatiane Mendes Pinto, (UFF, 2015) na dissertação “*Cinema e Educação: entre o eu estético e o nós político uma análise de experiências sensíveis a partir do projeto cinema para todos*” “propõe a analisar as experiências dialógicas entre cinema e

educação a partir do projeto Cinema para Todos, de oficinas de audiovisual no Estado do Rio de Janeiro. Partindo das relações entre Mídia e Cotidiano, refletirá sobre o cinema como estratégia comunicacional que vai do ambiente escolar até a experiência do espaço urbano como forma de compartilhamentos sensíveis e estímulo às invenções coletivas - essenciais à formação do ser. Tal análise tem lugar num momento da atualidade onde sujeito e sociedade sofrem importantes mudanças, a escola como meio de reprodução de práticas sociais passa por uma crise sem precedentes e parece haver uma transformação do político na sociedade atual em detrimento de um fortalecimento cada vez maior das mídias no cotidiano. Deste modo busca-se compreender em que medida a experiência sensível com o cinema pode gerar vinculações sociais dos alunos em relação a seus pares e às suas comunidades. Ao longo da pesquisa foi delineado um caminho cujos eixos centrais se sustentam no método de pesquisa de campo, pesquisa qualitativa com entrevistas em profundidade, pesquisa quantitativa com entrevistas fechadas e revisão bibliográfica para pensar o papel do audiovisual na intervenção do cotidiano e na mediação com a sociedade através dos conceitos de cinema (BENJAMIN, 2012; BERGALA, 2008), vinculação social (SODRÉ, 2010), educação (SODRÉ, 2012; SIBILIA, 2012), héxis educativa (SODRÉ, 2010) e experiência sensível (MAFFESOLI, 1998)”.

Danuza de Oliveira Fonseca (UFES, 2015) em seu trabalho *“Cinema, formação, invenção de si e do mundo: o que pode o cinema?”* relata que, “esta pesquisa busca estudar os modos de vida atuais e usar o cinema como dispositivo de invenção de si e do mundo. Cinema fazendo linhas de fuga na docência, cinema como vetor problematizador da vida contemporânea, como veículo que pode promover um novo modo de pensar (DELEUZE, 1990), indagando acerca das imagens dogmáticas do pensamento, possibilitando a produção de outros sujeitos. Ainda, intenta sistematizar subsídios teóricos acerca dos processos de formação e produção de subjetividade em meio ao ethos cultural contemporâneo, baseados em alguns dos pressupostos de Gilles Deleuze e Peter PálPelbart. Neste recorte, procuraremos discutir o que pode o cinema como força criadora do pensamento; refletir sobre sua potência como dispositivo que nos permite criar linhas de fuga e novas/outras vivências, em meio a um *modus vivendi* (hábitos de consumo, visão de mundo, relações, encontros, produção de modos de viver) capitalista que tudo quer homogeneizar. A partir desses aspectos, discutiremos formação pela via da aprendizagem inventiva a partir do cinema, apostando na potencialidade de obras fílmicas como sendo dispositivos pedagógicos estratégicos para promover uma educação problematizadora. Daí, defenderemos uma prática pedagógica que entenda que o cinema, ao forçar pensamento,

possa almejar uma ampliação de autonomia e de um exercício estético filosófico, o que pode provocar um pensar-viver-construir mundos, e (re)pensar nossa posição nele. Acreditamos que este trabalho pode contribuir para a problematização de modos instituídos de viver, promover contribuições estético-políticas de subjetividade, via cinema, além de nos auxiliar na problematização do modo como têm sido feitas as leituras das imagens fílmicas por alunos e professores e, em especial, quando tratamos de formação inventiva. Neste trabalho pensamos modos de formação e como o cinema pode ser um instrumento importante para exercitar o pensar, sem reduzi-lo a recurso didático-metodológico para o ensino-aprendizagem, mas, principalmente, como momentos de abertura de novas práticas educacionais e, então, outros modos de subjetivação no contemporâneo”.

Em sua pesquisa, “*O uso do cinema como ferramenta educativa no ensino de matemática: uma experiência com alunos do ensino médio de Ouro Preto (MG)*”, **Roseana Moreira de Figueiredo Coelho (UFOP, 2015)** descreve “a importância do cinema na educação e a escassez de pesquisas sobre sua utilização no processo de ensino-aprendizagem de matemática justificam a realização desta pesquisa sobre as contribuições que o cinema, enquanto ferramenta educativa, pode oferecer ao processo de ensino e aprendizagem da Matemática. Com isso, o objetivo do estudo é desvendar as contribuições que o cinema, enquanto ferramenta educativa pode oferecer ao processo de ensino-aprendizagem da Matemática. Foi selecionado o filme “Quebrando a Banca” para a abordagem do conteúdo Análise Combinatória. Para obter a resposta ao problema de investigação foi feita uma revisão da literatura produzida sobre a utilização do cinema na educação para evitar riscos de procurar resposta para um problema já solucionado e uma breve incursão na história do cinema, do cinema no Brasil e do cinema na educação. Fundamentando as ações a serem realizadas, foi feito um estudo das correntes pedagógicas, filosóficas e psicológicas que tratam do processo de ensino-aprendizagem, decidindo-se pelas ideias de Vigostki para promover o ensino do conteúdo Análise Combinatória apoiado no uso do filme. A pesquisa foi realizada em uma escola pública da cidade de Ouro Preto (MG) com alunos de uma turma de 2ª série do Ensino Médio. A pesquisa é de natureza qualitativa, pois o problema a ser investigado exigiu o ambiente natural como fonte direta de dados, a pesquisadora diretamente envolvida com os participantes e com o objeto da pesquisa. Em consequência, os instrumentos de coleta de dados foram o questionário, a observação, o caderno de campo da pesquisadora, o registro documental produzido pelos alunos na realização das atividades propostas e uma entrevista com o professor da turma pesquisada. As atividades foram elaboradas para favorecer trabalhos

individuais e grupais, para proporcionar o desenvolvimento de habilidades de registro de resoluções, encontrar regularidades em eventos, comunicação, socialização, interação e cooperação para que pudessem apresentar as características do processo de ensino-aprendizagem concebido. Os dados foram organizados e analisados segundo as contribuições já encontradas pelos pesquisadores que fundamentaram a pesquisa. Foram encontradas contribuições: o filme como fator de motivação para desencadear o interesse para o desenvolvimento das atividades, de novas possibilidades para a condução do processo de ensino - aprendizagem da Matemática sendo que a maior contribuição da utilização do filme ao processo de ensino-aprendizagem da Análise Combinatória foi a atribuição de significado a este conteúdo, associando teoria e prática”.

A pesquisa realizada por **Regina Ferreira Barra (UFRJ, 2015)** intitulada, “*Cinema e Educação: narrativas de experiências docentes em colégios de aplicação*” descreve em seu resumo que “a pesquisa [...] realizada no período de 2011 a 2014, teve o objetivo de investigar possibilidades de encontro do cinema com a educação, com base nas narrativas de docentes que atuam em três dos Colégios de Aplicação de universidades federais brasileiras e que incluem a sétima arte em sua prática pedagógica. O foco desta investigação foi identificar de que modo a experiência de cinema do docente contribui para gerar experiências de iniciação no cinema, no espaço escolar, sem que ele tenha uma formação específica nesta área. Nesta perspectiva, foram propostas algumas indagações: existe uma intenção de endereçamento do olhar da criança e do adolescente no contexto escolar? Quem é o *passeur* que trabalha com o cinema, por meio de experiências significativas e diferentes da clássica instrumentalização pedagógica? Que possibilidades de encontro do cinema com a educação os docentes dos Colégios de Aplicação promovem com seus alunos? Como os Colégios de Aplicação podem contribuir para o diálogo com outras escolas acerca das práticas com o cinema, no contexto da educação brasileira? Para investigar o problema e buscar indicadores referentes a estas questões dialogou-se com vários autores, dentre eles, Alain Bergala, Jacques Rancière, Jorge Larrosa e Adriana Fresquet. Neste trabalho, realizou-se um estudo metodológico de abordagem qualitativa, no formato de entrevistas individuais semiestruturadas com docentes dos Colégios de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). A relevância desta pesquisa consiste em buscar pistas para se desvendar o modo pelo qual os professores foram afetados pelo cinema por meio da análise das narrativas de suas experiências com o cinema e com a educação. A partir disto, investigar o que eles propõem aos seus discentes

como novas experiências de alteridade capazes de despertar o interesse, a curiosidade, a fruição e outros pontos de vista, dentro e/ou fora do contexto escolar. A temática da pesquisa tornou necessária a análise da Lei N°. 13.006, de 26 de junho de 2014, incluindo a abordagem de seus antecedentes e de suas possibilidades. O resultado obtido nesta investigação foi o de que o professor ou o profissional que deseja trabalhar com o cinema na escola não precisa, necessariamente, ter uma formação específica em cinema. No entanto, é imprescindível que ele possua grande interesse pela sétima arte, desenvolva uma autoformação por meio de estudos e pesquisas na área, seja um espectador de bons filmes, participe de eventos que discutam as questões do cinema e de sua interface com a educação, coopere com o debate sobre a inserção do cinema no currículo escolar, acredite na liberdade da experiência e ouse criar com as artes do cinema e da educação”.

Renata Lanza, (Unicamp, 2015) investiga as “*Conjunções entre escola e cinema: pesquisa-intervenção em duas escolas da rede municipal de ensino de Campinas*” e afirma em seu resumo que a “pesquisa implica intervenções com a arte cinematográfica em escolas da Rede Municipal de Ensino de Campinas, envolvendo alunos dos anos finais do ensino fundamental (6º, 7º e 8º anos) com o propósito de estabelecer um encontro entre a Educação e o Cinema como Arte na Escola, bem como as possíveis ressonâncias desse encontro para os seres envolvidos. Para tanto, objetivou-se articular a prática escolar com as práticas socioculturais do ver, do criar e inventar filmes. Articulações que chamamos de Práticas Exploratórias. Assim, o leque de ações dessa intervenção baseou-se numa constante alteração entre o ver, o explorar, o experimentar, o criar, o inventar e o aprender com a criação cinematográfica. Para pensar as dimensões possíveis do Cinema como Arte no campo da Educação, enquanto potencializador de gesto de criação, saberes e aprendizagens para si e para os outros, recorreu-se a diversos autores, dentre eles, Alain Bergala, Adriana Fresquet e Milton de Almeida. O método de pesquisa-intervenção foi a inspiração metodológica para entender a atuação da pesquisadora enquanto professora de Matemática em um plano de experimentação de cinema na escola. Crê-se que trabalhar com cinema nessa perspectiva é operar na transversalidade de um plano de experimentação, "trans"formando professores e alunos pela/para arte, criação e invenção de saberes e conhecimentos”.

Alessandra Gomes (UFSCar, 2015) com sua tese intitulada, “*Poéticas, cinema e educação- um estudo sobre experiências de aprendizagem com cinema na escola*” descreve em seu resumo que a pesquisa se encontra “situado no campo teórico do interpretativismo crítico e por meio de uma abordagem de estudo de caso de cunho

etnográfico, o presente estudo investiga uma ação extensionista realizada por uma universidade pública federal brasileira, cujo trabalho consiste na realização de filmes junto a professores e estudantes de escolas públicas e outras instituições de educação na cidade do Rio de Janeiro. Nossa investigação buscou compreender os processos formativos promovidos pelas atividades com cinema diante de distintos atores que delas participaram como alunos e professores: estudantes de graduação e pós-graduação dessa universidade, um professor, um ex-funcionário e um aluno adolescente de uma mesma escola pública. Interessou-nos observar e analisar situações de fruição cinematográfica, de valorização da cultura escolar, de circulação da palavra, de construção de discursos sobre a escola e sobre si por meio de processos criativos cinematográficos. Outros aspectos, tais como a escrita de mundo via criação cinematográfica, a crença no potencial de crianças e adolescentes para o ato artístico criativo e a mediação cultural sistemática por parte de professores, também compõem as categorias de análise presentes nessa pesquisa. Aproximarmo-nos de uma experiência que acerca escola e universidade nos proporcionou a observação de laços sociais, afetivos e cognitivos que engendram práticas educativas de troca, permeadas por elementos criativos, por táticas artesanais, por expressões políticas e de sensibilidades (CARLI, 2012). Expandiram-se, aos nossos olhos, os conceitos de sala de aula e de aprendizagem e ampliou-se a atuação universitária para além de seus muros. A experiência extensionista estudada mostra-nos não apenas a importância do cinema na escola, mas sua necessidade. Sua colaboração para o ordenamento do mundo frente a um amplo coletivo que se filia às narrativas, protagonistas, discursos e posicionamentos, sua coparticipação na conservação ou subversão de uma ordem estabelecida e a atualização da cultura e do comum que promove, são apenas alguns aspectos que destacam tal necessidade. O trabalho de campo nos permitiu observar algumas dimensões tais como as marcas e transformações em estudantes escolares, professores e estudantes universitários, os laços que se formaram e se fortaleceram, as marcas afetivas impressas nos sujeitos, o sentimento de pertença e de empoderamento, a possibilidade do exercício de outros papéis e a reconfiguração do próprio lugar”.

Fabianna Maria Whonrath Miranda (Unicamp, 2015) apresenta em sua tese intitulada “*Produção de vídeo na escola: um estudo sobre processos de aprendizagem audiovisual*” que “o presente trabalho é resultado das reflexões e análises advindas da experiência docente da pesquisadora com o ensino de produção de vídeo na 1ª série do Ensino Médio por um período de quatro anos em uma escola da rede particular na cidade de Campinas, SP. O objetivo foi o de avaliar aspectos da percepção dos alunos acerca do

próprio aprendizado a partir da descrição dos procedimentos realizados em sala de aula e dos seus resultados. O curso de "Cinema e produção de vídeo", instituído na escola estudada como disciplina regular do currículo de Artes na 1ª série do Ensino Médio em 2009, foi pensado para favorecer, nos estudantes, o desenvolvimento de habilidades e competências relacionadas às exigências de uma sociedade em que o audiovisual passou a ocupar um espaço de destaque nas relações interpessoais como ferramenta de comunicação. A escolha pelo método fenomenológico a partir do relato de experiências dos alunos pretende, portanto, tratar com certa precisão uma realidade imprecisa e dinâmica a qual demandará, cada vez mais, processos de aprendizagem variados e, também, em contínua evolução. A discussão acerca da importância da desconstrução de estratégias pedagógicas antigas e, de certa maneira, desatualizadas em alguns aspectos, busca abordar de que modo o próprio contexto social pode influenciar novas práticas de ensino e estimular o aprimoramento de processos de aprendizagem da linguagem audiovisual. As etapas deste trabalho perpassam pela discussão bibliográfica de obras publicadas sobre produção de vídeo no espaço escolar; pela fundamentação do método fenomenológico; pelo relato das atividades pedagógicas; pela transcrição das entrevistas seguida da análise dos discursos dos alunos. Esta pesquisa pretende discutir as experiências com produção de vídeo do ponto de vista dos sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem e, assim, poder ampliar perspectivas de trabalho com ensino de audiovisual na escola a partir da reflexão crítica sobre a prática pedagógica”.

Cacilda da Silva Rodrigues (UEMG, 2015) na dissertação: “*As percepções das crianças sobre o cinema nas práticas pedagógicas em uma escola de Poços de Caldas/MG*” descreve que o “estudo tem como objetivo investigar a percepção e o ponto de vista das crianças, entre dez e onze anos, sobre a utilização da linguagem cinematográfica nas práticas pedagógicas em uma escola de Poços de Caldas, em Minas Gerais. O estudo realizado pretende favorecer a aproximação entre cinema e educação, considerando, a partir dos recursos audiovisuais, os movimentos de interferência do cinema na formação da criança, ampliando os vários usos que o cinema pode assumir na escola. A abordagem metodológica utilizada na condução desta pesquisa se apoiou no estudo de caso, amparado por procedimentos metodológicos que levassem às possibilidades de ouvir e observar as crianças a partir das atividades realizadas. Foram utilizados procedimentos como observação direta e participante, entrevista semiestruturada, questionário, dentre outros, para obtenção de evidências, visando estabelecer a validade e a confiabilidade do estudo. Para consolidação da pesquisa e análise mais precisa dos dados coletados foi necessário

fazer uma interlocução com teorias e estudiosos que abordam temáticas relacionadas à infância, ao cinema e a ligação destes com a escola. Para uma melhor compreensão dos processos foi necessário lançar o olhar para as crianças e, apoiada por estudos teóricos, tentar compreender por meio de suas falas, o ponto de vista e os significados e sentidos construídos por elas ao vivenciarem ações com cinema nas práticas escolares. No estudo realizado foi fundamental adentrar pelos campos da sociologia da infância para construir, de forma mais precisa, o referencial teórico, a fim de que os procedimentos metodológicos empregados fossem utilizados de acordo com o contexto das crianças. Com tais procedimentos procurei favorecer sua fala e, dentro do possível, sua ação nas práticas observadas. Por meio da investigação e dos estudos realizados foi possível perceber que as crianças associam o cinema à diversão e lazer, mas consideram e valorizam práticas pedagógicas que envolvem o cinema na escola e associam o uso de filmes de variados gêneros às aprendizagens dos conteúdos estudados”.

Rosângela Silveira da Rosa (FURB, 2015) com a dissertação “*Filmes cinematográficos como organizadores prévios para uma aprendizagem matemática significativa*” explicita em seu resumo que “este trabalho tem por objetivo discutir aspectos relevantes acerca da utilização de filmes cinematográficos como organizadores prévios para o ensino da Matemática. Está fundamentado na teoria da Aprendizagem Significativa de David Ausubel, na qual discute-se a importância dos filmes cinematográficos como elementos facilitadores da Aprendizagem Significativa. A didática aplicada na pesquisa, organizada com recortes de cenas fílmicas para abordagem de conteúdos matemáticos, buscou possibilitar condições para amenizar as dificuldades de aprendizagem que a disciplina apresenta, bem como, a necessidade de alternar metodologias de ensino, para alcançar o sucesso na aprendizagem da mesma. Para tanto, realizou-se um estudo de caso de natureza qualitativa, que possibilitou investigar contribuições do cinema para o ensino de Matemática, bem como investigar o progresso dos estudantes com a apresentação do material de aprendizagem, elaborado com recortes de cenas fílmicas e apresentado na perspectiva da Aprendizagem Significativa. O estudo foi realizado com uma turma de 9º ano, de uma escola pública estadual do município de Itajaí, Santa Catarina, na qual foram realizadas duas intervenções. A primeira teve por objetivo explicitar conceitos elementares da Teoria do Caos, utilizando-se recortes de cenas do filme *O dia depois de amanhã*, sendo que estes, foram apresentados como organizadores prévios para o estudo do tema proposto. A segunda intervenção realizou-se durante as aulas de Matemática e teve por objetivo aclarar os estudantes sobre os modelos mais populares da Teoria dos Jogos tais como: O

Dilema do Prisioneiro, A Tragédia dos Comuns e O Equilíbrio de Nash. Na primeira intervenção, foram utilizadas duas aulas consecutivas da disciplina de Ciências, pois o filme *O dia depois de amanhã*, roteiriza mudanças climáticas extremas por decorrência da poluição atmosférica, a didática realizada contribuiu também para a integração das duas disciplinas. Na segunda, utilizaram-se recortes de cenas do filme *Uma mente brilhante*, para servir como organizador prévio para o estudo da Teoria dos Jogos. Para a elaboração do material de aprendizagem utilizado nas duas intervenções, utilizou-se o Movie Maker e o Power Point. O primeiro, para a realização dos recortes de cenas fílmicas relevantes para a abordagem do tema proposto. Já, para a apresentação do material elaborado, utilizou-se o Power Point. Os resultados apurados levaram-nos a concluir que a utilização de filmes cinematográficos como elementos facilitadores de ensino deve ser mais explorada no ambiente escolar, pois além de tornar as aulas mais interessantes e motivadoras para os estudantes, proporciona significado ao conteúdo estudado. Desta forma, é possível concluir que: se o filme *O dia depois de amanhã* contribuiu para o aprendizado de conceitos elementares da Teoria do Caos e o filme *Uma mente brilhante* cooperou para o conhecimento da Teoria dos Jogos, outros filmes poderão favorecer em outros campos do saber”.

Como descrito, doze teses e dissertações sobre a temática foram produzidas em diversas universidades brasileiras durante o ano de 2015. No que diz respeito a teses e dissertações identificadas no ano de 2016, podemos observar os seguintes resumos, conforme apresentados a seguir.

Na dissertação de **Júlio César Brandão Carvalho (Unicap, 2016)**, intitulada *“Aquisição da língua inglesa: curtindo curtas na sala de aula”*, o pesquisador “propõe a união de duas práticas que podem contribuir para a formação sociocultural de um indivíduo. De um lado a aquisição de uma língua, aqui, a inglesa em contexto escolar, a principal língua estrangeira aprendida na maioria das escolas ao redor do mundo, que é passível de ser reconhecida como língua internacional e vem desempenhando um papel importante com a possibilidade de um indivíduo ser entendido, parcialmente pelo menos, em quase todos os lugares, além de ser a língua predominante da mídia mundial, cinema, televisão, música e do mundo da informática, com ênfase na internet, mesmo em países em que o Reino Unido ou os Estados Unidos historicamente tiveram pouca influência; e do outro, a experiência estética do cinema, aqui representado pelos curtas-metragens, com produções que podem lançar luz sobre questões políticas e espirituais, bem como proporcionar catarses e (novas) perspectivas, abrindo nossos olhos para novas maneiras de

pensar, de sentir, de viver e conviver. Além do mais, enfatiza-se que se utilizado adequadamente no contexto escolar, o curta revela-se uma ferramenta fantástica na aquisição da língua inglesa, ao passo que proporciona mais chances de um maior aproveitamento, entendimento, participação e assimilação tornando as aulas mais comunicativas e dinâmicas, indo além do estereótipo de que um filme em sala é apenas uma distração ou enrolação. Dessa maneira, este trabalho tem como objetivo geral investigar curtas-metragens como recurso didático-pedagógico no contexto de ensino e aprendizagem de língua inglesa. Direcionado para a ação e para a autonomia do aluno, busca-se incitar estudantes, professores e profissionais de idiomas a (re)conhecer aspectos linguísticos e extralinguísticos na aprendizagem do inglês, bem como a importância da aliança entre aquisição linguística e cinema para a educação escolar com enfoque natural e comunicativo. A fundamentação teórica se pautou em autores como Chomsky (2006, 1976), Skinner (1957) e outros para uma apresentação sobre aquisição linguística; Krashen (1987, 1985, 1983) e outros para discorrer sobre diferentes abordagens de ensino de idiomas em contextos de aprendizagem formais ou não, com ênfase na Abordagem Natural; Dolz e Schneuwly (2006), Haydt (2006), Hedge (2000) com considerações importantes sobre o uso de audiovisuais em sala de aulas de língua inglesa, inseridos em sequências didáticas; Biskind (2009) e outros para proporcionar uma reflexão acerca de um histórico/evolução do cinema com ênfase nas produções de Hollywood. A utilização dos curtas, como materiais autênticos pode se constituir em uma boa ferramenta para o ensino e aprendizagem de línguas, porque eles são interessantes, usam uma linguagem real, podem ser escolhidos para interesses individuais, ilustram o uso preciso da linguagem na cultura alvo, e podem ajudar os alunos a sistematizar sua fala em relação ao que vêem e ouvem nas telas”.

Eliane Leite Barbosa Bringel (UFT, 2016), no trabalho *“O uso do filme no ensino e aprendizagem de história na educação de jovens e adultos - EJA em Araguaína-TO”* “tem como objeto de estudo o uso do filme como recurso didático-pedagógico no processo ensino-aprendizagem de História. Tomamos como referência para o tratamento do tema nossa experiência com o uso dos filmes —A História das Coisas” e —Tempos Modernos. Aplicamos a proposta didática —Mundo do Trabalho sobre o uso desses filmes na Escola Municipal Zeca Barros, em Araguaína-TO, em uma turma de Educação de Jovens e Adultos – EJA. O estudo pretende contribuir com reflexões que possam auxiliar o professor em suas práticas em sala de aula quanto à utilização do filme como recurso didático para a construção do conhecimento histórico. Nossa proposta é apresentar

experiências advindas do uso do referido recurso, com o objetivo de divulgar resultados que possam ser ajustados a outros ambientes educativos. O estudo foi conduzido a partir de incursões teóricas de autores que se debruçam sobre a temática do ensino de História no Brasil, como Abud (1998, 2009), Bittencourt (2011), em especial autores que se dedicam a relacionar o cinema e o ensino de História, como Fonseca (2009), Saliba (1993) e aqueles que se ocupam em desvelar os pressupostos da didática da disciplina de História como Rüsen (2011). A proposta didática referida foi ancorada nos pressupostos da Aula oficina (BARCA, 2004). Como estratégia metodológica, utilizamos os princípios da pesquisa-ação, cuja abordagem é de natureza qualitativa. Para a geração de dados, recorreremos à aplicação de questionários. Sob uso desse aporte teórico e metodológico, os dados apontam para o fato de que o processo ensino-aprendizagem de História pode ocorrer a partir de diálogos teóricos que remetem para discussões acerca do uso de imagens, o que permite abordagens historiográficas que possam nortear a prática docente”.

Em seu resumo, **Denise Sorpione Caprecci (UNINOVE, 2016)** na dissertação, *“Da língua portuguesa à linguagem cinematográfica: do roteiro ao vídeo”*, descreve que “o presente estudo tem como objeto a linguagem cinematográfica desenvolvida nas aulas de Língua Portuguesa, como uma prática educacional e produto cultural. A pesquisa de cunho qualitativo baseia-se em um método de pesquisa-intervenção através de uma referência apoiada na obra de Paulo Freire e autores que trabalham esta temática e de um projeto de intervenção, durante as aulas de Língua Portuguesa. Os sujeitos da pesquisa foram discentes do 2º ano do Ensino Médio e a pesquisadora/docente de Língua Portuguesa, de uma escola estadual na cidade de São Paulo, visando à prática desta linguagem em sala de aula, do roteiro cinematográfico até a produção de vídeos. A linguagem cinematográfica é um grande meio de comunicação que encanta e desperta em seus espectadores as mais diversas sensações. O objetivo deste estudo é provocar no discente uma nova maneira de se expressar e se desenvolver através desta linguagem, partindo dos fundamentos teóricos literários já adquiridos nas aulas de Língua Portuguesa. Este estudo busca proporcionar meios para que a linguagem cinematográfica possa se tornar um grande recurso pedagógico, desenvolvendo a autonomia de criação e utilizando toda a bagagem que o discente possa trazer. Trabalhar o roteiro desde a construção dos personagens, a dinâmica do enredo, a tipologia de texto que será inserido, pode ser uma experiência gratificante ao discente se bem orientado, principalmente se o cinema deixar de ser abstrato para se tornar um recurso concreto. “O cinema não tem fronteiras nem limites. É um fluxo constante de sonho. “Welles, Orson”.

Karoline Gessiane Persegueiro (Unesp, 2016) em sua pesquisa intitulada “*Inteligências Múltiplas e a educação especial: um debate sobre cinema e educação*”, “tem como objetivo pesquisar em uma escola de educação especial se o cinema pode desenvolver algumas das Inteligências Múltiplas? A teoria das inteligências múltiplas foi desenvolvida pelo psicólogo Howard Gardner (1983) e questiona o conceito de inteligência como uma única faculdade intelectual. Parte do princípio que o ser humano pode apresentar mais de uma inteligência e desempenhar habilidades e competências em diversas áreas de conhecimento. Para o desenvolvimento dessa pesquisa foram selecionados 14 alunos deficientes intelectuais leves para participar de um grupo. Esta pesquisa foi realizada na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), na cidade de Rio Claro. A proposta da pesquisa é compreender o estudo das Inteligências Múltiplas e a contribuição que o cinema pode desempenhar aos alunos deficientes intelectuais. Pautados nesse princípio, destaca-se a importância do cineasta francês Alain Bergala que tem inspirado educadores, pois discute possibilidades metodológicas para a utilização de filmes dentro da escola que visam trabalhar o cinema como arte e como hipótese de alteridade. A partir dessas concepções, foram desenvolvidas com o grupo de alunos na APAE atividades de exibição de filmes. A escolha desses filmes aconteceu por meio de uma seleção com alguns critérios. Os filmes selecionados possuem personagens deficientes intelectuais e são filmes que podem representar conteúdos relevantes para o aprendizado desses alunos. Por isso foram selecionados cinco filmes e temáticas para serem discutidas com o grupo. Os filmes selecionados e as temáticas foram: *Simple como Amar*, que discute as relações amorosas/sexualidade/constituição familiar, *De porta em porta* que discute trabalho / autonomia e independência, *Meu nome é rádio* que discute discriminação e o preconceito, o quarto filme escolhido *Colegas* para discutir a importância dos vínculos sociais (a amizade) e *O guardião de Memórias*, que aborda o tema da rejeição familiar e preconceito sobre o deficiente intelectual/ Síndrome de Down. A metodologia utilizada é a pesquisa de intervenção, sendo desenvolvidas atividades práticas com os alunos. Desta forma, a pesquisa visa discutir a teoria das Inteligências Múltiplas na área da educação especial e o cinema por meio da perspectiva de Alain Bergala”.

Helga Caroline Peres (Unesp, 2016) em seu trabalho “*Entre choques, cortes e fissuras – a (semi)formação estética: uma análise crítica da apropriação de filmes na educação escolar*”, busca “problematizar a reprodução de filmes no âmbito da educação escolar, sendo seu objetivo central compreender a forma com que professores que atuam no Ensino Fundamental I percebem e organizam essa possibilidade. Para chegar a esse escopo,

partimos de determinados questionamentos que envolvem a produção fílmica, a fim de compreender a inserção do filme na educação escolar no domínio da relação produção-reprodução e dos processos e mediações que a cercam. Tais questionamentos nos permitem antever a existência de uma didática do filme que é inerente e intrínseca à intenção nele depositada pelo cineasta ou produtor; esta didática se diferencia da didática puramente escolar, que se preocupa em atribuir aos filmes o caráter extrínseco de objeto, tornando-o passível de ser reproduzido na escola enquanto recurso de apoio aos conteúdos – feito que explicita sua instrumentalização. Considerando tal questão, defendemos a hipótese de que a reprodução dos filmes, na educação escolar, através de sua didática intrínseca, pode vir a dar vistas a um processo de reeducação de nossos sentidos já formatados pelo presente cenário que se caracteriza pela intensificação dos mecanismos da indústria cultural, identificados por Max Horkheimer e Theodor W. Adorno na década de 1940, e que encontra-se marcado atualmente pela produção exacerbada não só de imagens fílmicas, mas de toda sorte de conteúdos e extensões audiovisuais. Para que essa reeducação dos sentidos ocorra, no entanto, é necessário considerar e desvelar o caráter contraditório do filme – pois ao mesmo tempo em que oblitera a reflexão autônoma por integrar o âmbito das mercadorias da indústria cultural, ele pode vir a integrar o campo da arte, esta que fundamenta a reflexão crítica. Com base em tais considerações, buscamos responder a seguinte questão: a forma com que os professores supracitados se apropriam dos filmes em suas práticas docentes dá visibilidade para que a reeducação dos sentidos se torne efetiva no âmbito da educação escolar, em detrimento de sua mera instrumentalização enquanto recurso didático? Para encontrarmos as respostas para essa pergunta central, optamos por uma metodologia fundamentada em nosso referencial teórico-metodológico – qual seja, a primazia dialética do objeto, que implica que tomemos nosso objeto de pesquisa sob a perspectiva da imanência. Através de entrevistas semi-estruturadas realizadas com quatorze professores do Ensino Fundamental I, buscamos compreender os parâmetros através dos quais o filme é inserido no âmbito escolar; esta análise nos mostrou que, na contramão de nossa hipótese, a principal tendência naquilo que se refere à apropriação dos filmes na escola reflete o utilitarismo característico da didática escolar moderna. A partir destas aproximações, encontramos alguns desdobramentos que apontam para a urgência de que a formação docente – mais especificamente, a formação do Pedagogo – abrace uma perspectiva teórico-crítica que se direcione para reflexões e intervenções que tenham em vista o rompimento com os padrões da estética fílmica hegemônica”.

Luciana Tubello Caldas (UFRGS, 2016) em sua dissertação “*Clube das 5: transformação e criação de si em práticas cinematográficas no espaço escolar*”, “trata das relações entre cinema e educação. Tem como foco o trabalho de formação de crianças e adolescentes, integrantes do Projeto de Produção Audiovisual Clube das 5 – projeto de oficinas de cinema realizado na rede pública de ensino do município de Alvorada, na Região Metropolitana de Porto Alegre/RS. O objetivo é discutir a potência educativa e formativa do cinema, mediada pela figura do mestre; no caso, estudamos as estratégias do professor André Bozzetti que, no ano de 2013, idealizou o projeto, fazendo um convite aos seus estudantes, do 4º ao 8º ano escolar, da Escola Municipal Emília de Oliveira. Metodologicamente, nos inspiramos no fazer etnográfico, para levantar, compor e apresentar os dados da pesquisa; basicamente, operamos com a escrita de relatos de campo. Como referencial teórico, centramos a discussão nos conceitos de formação, psicagogia e parresía, como apontados por Foucault, em *A Hermenêutica do Sujeito*. Buscamos empreender uma descrição das escolhas de um mestre que coloca o cinema em discurso, tendo como objetivo não apenas a transmissão de um certo saber, mas modos possíveis de transformação de sujeitos jovens. Dito de outro modo, tratamos da figura do mestre que se forja no âmbito da psicagogia. Por fim, lançamos a hipótese de que o “Clube das 5” figura como um espaço de produção de verdades impulsionadoras de condutas éticas e estéticas – no sentido foucaultiano. Uma dessas condutas diz respeito à ideia de um processo compartilhado – entre professor e aluno – de formação e produção de conhecimento. Tensiona-se, assim, as proposições de um tipo clássico de formação, que supõe o sujeito como carência ou “não saber”. Os dados registrados e analisados evidenciam escolhas que escapam daquela educação que ignora repertórios e desejos tão diversos, apostando, ao contrário, na potência de práticas de formação de si, pela arte do cinema e da criação”.

Daniela Miller de Araújo Lopes (UnB, 2016) em seu trabalho “*Cinema nos discursos e nas práticas pedagógicas de professores de história do ensino médio no Distrito Federal: entre o ideal e o possível*”, “analisa os discursos e práticas pedagógicas de quatro professores de história do ensino médio que lecionam em escolas públicas e privadas do Distrito Federal sobre a utilização de filmes no Ensino de História. O objetivo foi investigar as representações dos docentes sobre história, cinema e quais saberes são mobilizados nas atividades com narrativas fílmicas. Ainda, como esses educadores planejam suas aulas, isto é, a organização das atividades com os filmes para suas turmas, suas articulações com os conteúdos/conceitos históricos discutidos e com as competências/habilidades desejadas na relação ensino-aprendizagem. Também, buscou-se

compreender como os professores usam e articulam a sua prática docente cotidiana com sua formação inicial/continuada e quais contribuições os estudos sobre as representações e saberes docentes podem oferecer para problematizar e contribuir na formação de um ensino/aprendizagem críticos da disciplina História e de uma educação para a cidadania? Os discursos dos docentes, nessa pesquisa, foram interpretados em diálogo com os estudos de Cinema e História, Teoria da História, Teoria das Representações Sociais e com os documentos do Ministério da Educação e Cultura (MEC), com a Lei de Diretrizes e Base (LDB), os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), as matrizes de avaliação para o Programa de Avaliação Seriada (PAS) e o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), dentre outros”.

Líria Gonçalves Machado (UCP, 2016) em sua pesquisa intitulada “*Luz Câmera Educação: projeto de cinema na escola, uma experiência possível*” aponta que a “pesquisa de cunho qualitativo tem como objetivo analisar uma experiência de cinema no espaço escolar, onde procuraremos perceber de que maneira esta vivência produz e desperta habilidades e que aprendizagens são construídas na produção de filmes. O enfoque teórico embasado em Duarte, Bergala, Fresquet, Hoffman, Ausubel, Barbosa, Benjamin, Garcia, Werneck, dentre outros que auxiliaram na construção desta pesquisa, se concentra na dimensão da arte cinematográfica e na mobilização de aprendizagens. Para a coleta de dados, foram utilizados os seguintes instrumentos: entrevista, observação com anotações no diário de campo e registros filmicos. A produção de cultura analisada ao longo da pesquisa, identificou a importância das relações que se estabeleceram em torno do “fazer cinema”, onde as trocas de conhecimentos e experiências dos envolvidos, produziram formas de pensar e agir transformando posturas e incentivando outros jovens a tornarem os sets de filmagem em espaços de convivência, amizade, cultura e aprendizado”.

No que diz respeito a teses e dissertações selecionadas no ano de 2016, podemos observar que foram identificadas oito estudos sobre cinema na educação básica. A seguir serão descritos os resumos produzidos no ano de 2017.

Luiz Maria Dumont (UFG, 2017) na dissertação “*A formação do leitor na filmografia de Walter Salles*” “centra-se no reconhecimento da importância, bem como da necessidade de ênfase em formar leitores de filmes que possam encontrar um fio condutor para compreender o universo cinematográfico. O uso do cinema como prática educativa facilita significativamente o diálogo entre os conteúdos curriculares e os conhecimentos mais gerais. A leitura e análise de imagens e de ferramentas utilizadas pela sétima arte contribuem para o desenvolvimento da compreensão crítica do mundo e das novas formas

de entretenimento, proporcionando assim a formação do cidadão. A partir da problematização do cinema como capaz de transformar o espectador em leitor e amparado pelos suportes teóricos de Rosália Duarte, Jacques Aumont e Robert Stam, dentre outros, a presente pesquisa procura apresentar caminhos para uma prática pedagógica que envolva o cinema e a escola. Além disso, apresenta um conjunto significativo de discussões e ideias que possibilitem a formação do leitor, a partir de uma análise fenomenológica de três filmes de Walter Salles, “Terra Estrangeira” (1995), “Central do Brasil” (1998) e “Abril Despedaçado” (2001), além de tecer comentários de outros diretores que o influenciaram no campo da filmografia, da arte, da cultura e da estética. Essa dissertação busca uma resposta das dimensões que esse tema, o cinema, tem influenciado a formação do leitor, busca também a ampliação da concepção de leitura a partir de uma experiência cinematográfica em que o espectador seja participativo e reconheça as marcas de linguagem e os conhecimentos adquiridos ao longo da escolaridade. Busca ainda incorporar a arte do cinema ao repertório cultural do espectador, ampliando, assim, sua potencialidade no exercício de uma postura crítica e reflexiva na vida”.

Na dissertação de **Michele Santino Filho (UEPB, 2017)** intitulada: “*Além do que se vê, além do que se come: alimentação e cinema como novas linguagens pedagógicas no ensino de história na educação de jovens e adultos*”, “propõe uma reflexão referente ao uso do recurso cinematográfico, em especial do Documentário, em meio às discussões sobre alimentação no campo educacional, a partir do ensino de História na EJA, pensando a respeito de suas contribuições para a compreensão da identidade, memória e cultura regional. Considerando que a imagem pode ser tomada como um documento e sendo o alimento um código sociocultural busca-se investigar a representação da comensalidade no cinema em uma perspectiva pedagógica para o ensino de História na abordagem da memória, identidade e cultura regional na Educação de Jovens e Adultos. Reflete-se, pois, as representações da alimentação a partir das experiências e significações com filmes/documentários em uma turma de jovens e adultos do ensino fundamental de uma escola pública localizada no município de Lagoa Seca- PB. A ênfase desta centralidade projeta-se, primeiro, face ao valor dado à alimentação, na medida em que esta postula uma forma de constituição de uma categoria histórica, cultural e identitária construída significativamente a partir de memórias, segundo, face à instância pedagógica assumida pelo cinema. Tomando como viés de discussão o aporte teórico da Nova História Cultural, pensar-se-á tanto o cinema como a alimentação enquanto ações que expõem e contribuem com novas linguagens para a pesquisa e o ensino de história, estabelecendo possibilidades

múltiplas para se abordar as produções do cinema no tocante à construção de memórias e identidades no contexto da cultura regional. Fundamenta-se, teoricamente, a discussão em autores, tais como: Ferro (2010), Pesavento (2008), Duarte (2008), Napolitano (2008), Silva (2012), Hall (2002), entre outros que lançam compreensões e ampliam perspectivas sobre o presente objeto de estudo. A efetivação da pesquisa far-se-á, portanto, mediante uma discussão de abordagem qualitativa, do tipo pesquisa-ação em articulação com a História Oral, objetivando refletir a representação da comensalidade no cinema em uma perspectiva pedagógica para o ensino de História para se pensar o conceito de memória, identidade e cultura no contexto regional na Educação de Jovens e Adultos através de Oficinas pedagógicas. Acreditamos que o recurso cinematográfico ao ser inserido no ensino de História, apresenta-se enquanto uma linguagem pedagógica que potencializa a prática docente. Isso significa uma evidente renovação metodológica, na medida em que tanto o cinema como o alimento, pensados enquanto práticas socioculturais e pedagógicas, encontram-se permeados de significantes que contribuem na representação da memória e identidade de um grupo”.

Kelcilene Gisela Persegueiro (Unesp, 2017) no estudo “*Olhar Caleidoscópico: a experiência do cinema como prática pedagógica*” apresenta que “o presente trabalho de dissertação de mestrado consistiu em uma pesquisa de campo realizada em uma Escola Municipal de Piracicaba-SP, em que atuava como professora substituta, do 1º ano, em uma sala com 22 crianças, com idade entre 6 e 7 anos, do Ensino Fundamental I. Esta pesquisa apresenta oito oficinas de desenhos animados inspirados nos episódios do Sítio do Pica Pau Amarelo de Monteiro Lobato. Durante esse processo entendeu-se a necessidade de apresentar novos olhares para as práticas pedagógicas, que foram construídas sem camisa de força, a partir das tendências progressistas, que dispuseram mais de quinze práticas pedagógicas calcadas no diálogo, de acordo com a prática educativa Libertária de Paulo Freire (1977). A partir do encontro do cinema na escola foram levantadas as seguintes questões de pesquisa: 1. Que práticas pedagógicas podem ser fomentadas a partir do cinema na escola com crianças do ensino fundamental, ciclo I? 2. A experiência do cinema na escola é capaz de construir uma educação como prática educativa libertária (liberdade em construção) a partir do pensamento de Paulo Freire? 3. Que produções de conhecimentos por parte dos alunos, a partir do cinema, atestam a prática da liberdade e autonomia? Esses problemas desencadearam nossos objetivos, que são: a. Compreender que tipo de práticas pedagógicas podem ser construídas a partir da experiência do cinema e de que maneira podem promover/ criar/afetar/ transmitir/

transformar os alunos e estimular a produção de conhecimento; b. Verificar como a relação das crianças com os filmes conduzem a um aprendizado que permite uma leitura de mundo no qual as experiências prévias das crianças somam-se à própria experiência do cinema. Acreditamos nas propostas do cineasta francês Alain Bergala, que traz reflexões sobre estudos do cinema para a prática educacional na escola e Fresquet (2013) que mantém um questionamento muito intrigante para todos nós educadores, no sentido de servir como reflexão e sair da condição de conforto ao pensarmos a própria prática docente, que tipo de experiências seria promovida numa pedagogia emancipadora? A metodologia utilizada é a pesquisa-ação, tendo sido realizadas as Oficinas de Cinema, seguidas de rodas de conversas de forma livre e sem roteiro, inspirada em Freinet (1973). Nas análises dos dados, utilizamos as inferências por Bardin (1979) discutido por categorias/eixos. O cinema inseriu marcas e significados para as crianças que contribuíram para reflexão sobre tomadas de decisões da própria vida e desfrutaram de ideias e criações que levaram a construção das práticas pedagógicas, podendo se pensar a própria Pedagogia do Cinema, para se refletir a importância do sentido de experiência do cinema na construção de práticas pedagógicas, como formação humana, tecendo elo entre o cinema e educação e cinema na escola, tido como potencialidades para se pensar a educação no país”.

Felipe Leal Barquete (UFPB, 2017) em seu trabalho intitulado, “*O discurso da criação fílmica como mediação da aprendizagem do saber escolar*” descreve em seu resumo que “a imagem visual tem se configurado como um dos pontos cruciais da cultura da sociedade contemporânea. Como tal, ela tem sido posicionada como uma possibilidade de acionar, articular e produzir práticas educativas escolares e não escolares mediadoras da apropriação do saber historicamente acumulado. Nesse cenário, o cinema aparece como um artefato visual qualificado para efetivar esse processo. Inserido no espírito desse movimento histórico, o presente estudo se propôs a fazer uma investigação sobre o discurso da criação fílmica como mediação da aprendizagem do saber escolar. Trata-se de uma pesquisa de caráter analítico descritivo, situada no âmbito das investigações qualitativas. A abordagem teórico metodológica adotada foi a Análise Arqueológica do Discurso (AAD), de Michel Foucault (2008). Por meio da análise dos textos produzidos no contexto do projeto Inventar com a Diferença, promovido pela Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR), e a Universidade Federal Fluminense (UFF), identificamos os correlatos enunciativos que integram a ordem do discurso da criação fílmica como mediação da aprendizagem do saber escolar. Verificamos que a proposta do referido projeto põe em circulação uma série de correlações enunciativas que conferem

visibilidade ao uso do cinema como arte na escola, como dispositivo de aprendizagem de saberes relativos aos direitos humanos, e envolve-os, de modo transversal, na trama específica dos saberes escolares por meio de estratégias pedagógicas e dispositivos de criação fílmica. Nesse cenário, o estudante ocupa a posição de sujeito de direitos e produtor de conhecimentos, através da experiência da criação artística, e o professor, a posição de mediador do processo criativo, promovendo uma prática educativa colaborativa, contextualizada e emancipadora. Concluímos que a ordem do discurso em tela se organiza na correlação de três modalidades discursivas: a artística, a jurídica e a educacional, e constitui um campo enunciativo articulado nonexo entre os domínios da ética, da estética, da política e da comunicação. Dentre os enunciados que têm um status nessa ordem discursiva, destacamos: o uso do cinema como arte na escola com uma prática educativa emancipadora; a valorização da diversidade e da diferença como princípios orientadores de um processo educativo que aborde a questão da alteridade de si, do outro e do mundo através do cinema; a mobilização de oficinas de cinema como dispositivo para a efetivação da criação fílmica no contexto escolar; e a prática da criação fílmica colaborativa como estratégia pedagógica para a aquisição de sensibilidades e valores ligados à cultura dos direitos humanos”.

Maria Paula Pinto dos Santos Belcavello (UFJF, 2017) em sua pesquisa, intitulada “*Cinemaquinação entre montanhas e vale, um sobrevoo*” descreve que “este trabalho se revela como um exercício cartográfico de experimentação com outros modos de produção de vida, de mundo, de educação. O cinema, a imagem-arte cinematográfica, entra no jogo como dispositivo-disparador de escrita, de leitura e de estar com a pesquisa. Entre uma cena e outra, traça diferentes linhas desta composição. Na indefinição de um método a seguir, um corpo-professor-pesquisador arrisca-se a caminhar no intermezzo da pesquisa, entre acontecimentos. Questões desenham os contornos de um possível mapa: O que se propõe? Cartografar as produções de vida que se reinventam junto ao Mutirão da Meninada do Vale Verde. Experimentar e cartografar as movimentações, os processos de produção de subjetividade e a educação que se faz em um vale. Dar a pensar modos outros de compor uma educação nos diversos territórios existenciais. O que se dispõe? Acompanhar os processos de produção de subjetividade nesse exercício de oficinas com essas vidas que se reinventam no Vale Verde. Capturar os efeitos produzidos com os encontros. O que se compõe? Produção com os afetos e efeitos das vibrações experimentadas junto ao mutirão. Um mapa intensivo de uma viagem experimentada no mesmo e em outros territórios. Um desejo que escapa à procura de respostas. Invenção de problemas! Abrir-se ao encontro.

Encontrar-se em devir. Experimentar uma educação como acontecimento: processo ético-estético político. Um sobrevoo, com Deleuze e Guattari, entre montanhas e vale...”.

Damianne Aparecida de Sampaio (UFJF, 2017), em sua pesquisa intitulada, “*O real, a atenção e o tempo: uma cinematografia possível para pensar um estar na escola*” destaca que a pesquisa buscou “pensar acerca de uma certa maneira de estar na escola. Nela é possível que mundos sejam criados a partir da forma como é habitada por aqueles que lhe conferem vitalidade. Tal potência existe a partir do que a escola cria em um momento presente, permeado pela existência de um passado que não cessa de ser. Para levar a diante esta reflexão sobre o estar na escola, procurei explorar as formas de ver o mundo. Assim, encontro a obra do cineasta Cao Guimarães e sua particular maneira de se relacionar com a realidade, de pensá-la e posicionar-se em relação a ela. O mergulho sobre esta cinematografia implica pensar alguns elementos que a constituem, como o tempo, que se torna plástico na imagem. Para pensar este elemento, as contribuições de André Bazin e Henri Bergson foram fundamentais. Os movimentos do pensar implicaram também considerar o estatuto poético das obras de Cao Guimarães, e nesse aspecto, os constructos de Octávio Paz foram de grande valia. A pesquisa perpassa por um momento cuidadoso de análise do filme *A Alma do Osso* (2004), do próprio Cao Guimarães. A escolha recaiu sobre este documentário por apresentar alguns elementos que permitem dizer algo sobre o estar na escola, mesmo que o filme não se faça nela ou diga, por si mesmo, algo sobre ela. Outras categorias presentes no filme, como a de suspensão, discutida por Maarten Simons e Jan Masschelein para pensar a própria escola permitiram estabelecer uma ponte entre o filme e os modos de habitar a escola; nesse mesmo sentido, é também destacada a ideia de atenção, que aqui ganha centralidade a partir destes autores e de Jorge Larrosa. Todos estes elementos e outros pensados ao longo da pesquisa, abrem a possibilidade de afirmar certa forma de estar na escola e permitem pensar sua potência em relação ao agora, em contraposição à ideia de futuro que hoje parece tê-la cativa”.

Daniel Assis Freitas (UFSC, 2017), na pesquisa “*A produção de curtas-metragens nas aulas de Geografia*” apresenta em seu resumo que o trabalho foi “desenvolvido na linha de pesquisa de Geografia em processos educativos, no Mestrado do Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal de Santa Catarina, este estudo analisou a inserção do cinema do contexto educacional, propondo sua utilização como uma ferramenta para estimular os estudantes do 9º ano dos anos finais do ensino fundamental a produzirem curtas-metragens como fomento para a construção de conhecimentos e saberes geográficos. Repensar o uso de instrumentos que estimulem a

aprendizagem e provoquem novos olhares sobre os conceitos/conteúdos geográficos na educação básica é o dilema principal desta dissertação. Para tanto, as questões metodológicas das Geografias desenvolvidas na educação básica são examinadas e tensionadas em relação ao modelo atual de escola pública em tempos de cultura digital e produção de conteúdos. O estudo foi realizado com base em elementos metodológicos da pesquisa-ação, tendo como método de registro os diários de campo, observação participante e o grupo focal ao final do projeto. Os resultados demonstraram que o uso das tecnologias digitais e do cinema no âmbito educacional potencializa o processo de aprendizagem, uma vez que os estudantes tenham autonomia e um letramento digital para as elaborações de suas ideias. O cinema e a produção de curtas-metragens protagonizam a criação de momentos de reflexão e experiências importantes tanto para a formação do indivíduo quanto para o desenvolvimento do pensamento geográfico”.

Tânia Regina Montanha Toledo Scoparo (UEL, 2017), em sua tese intitulada *“Entre romance e filme: leitura e ensino em Lavoura Arcaica”* descreve em seu resumo que “a semiótica greimasiana explora os sentidos dos textos, procurando descrever, analisar e explicar suas estruturas e combinações para desvendar mecanismos e conexões nas informações implícitas ao longo do texto. Ela possui estreita relação com a aprendizagem, pois fornece em sua constituição uma metodologia que nos favorece a assumir o compromisso com o ensino, possibilitando-nos o uso de suas modalidades do /Poder/ e do /Saber/ para /fazer-querer-aprender/ e /fazer-dever-aprender/. No ensino de leitura realizado nas escolas, espera-se que o professor proporcione condições para que o aluno atribua sentidos àquilo que lê, visando à construção de um sujeito atuante nas práticas de multiletramento da sociedade. As novas orientações pedagógicas para o ensino de língua e de literatura sugerem aos docentes o trabalho com textos de diversos gêneros que circulam na sociedade. A semiótica da Escola de Paris apresenta ferramentas de trabalho muito consistentes para novas possibilidades de leitura e compreensão desses gêneros. Ela investiga esses textos para identificar o processo de produção de sentido, possibilitando o reconhecimento das vozes presentes no discurso, das marcas explícitas e implícitas. Assim, este trabalho tem como objetivo uma leitura comparativa do discurso do romance *Lavoura Arcaica*, 1975, de Raduan Nassar, e a obra homônima transmutada para o cinema, 2001, de Luiz Fernando Carvalho, como incentivo à leitura de textos literário e fílmico, como também de outros que circulam na esfera social. Investigaremos como o sentido é construído nesses textos e como os instrumentos específicos de cada linguagem auxiliam nessa construção, utilizando a metodologia de análise do Percurso Gerativo de Sentido,

sistematizada por Greimas, assim como aportes teóricos do cinema, no que concerne às imagens e à linguagem fílmica. Esperamos viabilizar caminhos para que o leitor de escola pública da educação básica, mais especificamente, leitor do ensino médio, melhore sua performance no fazer interpretativo da leitura desses textos. Os textos escolhidos são analisados enquanto texto sincrético, para onde convergem diferentes linguagens no trabalho de construção de determinado efeito de sentido, em que os caracteres imagéticos mantêm relação entre o plano de conteúdo e o plano de expressão”.

O estado de conhecimento de teses e dissertações apontadas no ano de 2017 correspondem a oito trabalhos voltados para educação e cinema. No que diz respeito ao ano de 2018, os resumos das teses e dissertações investigadas podem ser observadas na descrição abaixo.

Bruno Eduardo Morais de Araújo (UFG, 2018) pesquisou sobre “*Cinema de ficção científica na escola*”. O objetivo desta pesquisa foi “discutir a inclusão de filmes de ficção científica nas dinâmicas da instituição escolar de educação básica, bem como perceber a maneira como os estudantes se relacionam com essas narrativas fílmicas. Foi desenvolvida pesquisa de campo em contexto escolar da rede pública de ensino em Goiânia. Nela, foram feitas entrevistas com professores e oficinas sobre cinema com os estudantes, dentro de uma escola estadual. Os dados levantados foram analisados a fim de compreender as relações observadas entre escola, cinema de ficção científica e práticas educativas, bem como a maneira como essas relações ocorrem, considerando-se o ponto de vista de professores e estudantes. Essas e outras questões apontadas neste texto são abordadas no contexto dos estudos da cultura visual, que também orientam metodologicamente os caminhos seguidos pela pesquisa”.

Luana Beatriz Silveira (UFG, 2018) investigou sobre “*Trabalho, vida prática e tempo: consciência histórica de trabalhadores em situação escolar a partir do contato com a narrativa cinematográfica*”. Silveira (2018) abordou em seu resumo, que “na Alemanha Ocidental, entre o período de 1960 e 1970, devido a uma crise da Ciência Histórica e do Ensino de História, que já não mais correspondiam aos anseios da sociedade alemã, surgiu um movimento intelectual que culminou na revisão da tradição historicista de pensamento histórico. Neste contexto surgiu um campo de estudo denominado Didática da História, que construiu seus fundamentos sobre a égide do conceito de consciência histórica. Isto é, o emprego do saber histórico na vida prática. Para Rüsen, tanto a teoria da História como o ensino de história podem ser concebidos como fruto de uma mesma preocupação: as necessidades da vida. Dentro desta perspectiva a presente pesquisa se

enquadra em um dos pilares do campo da Didática da História: a análise da função do conhecimento e da explicação histórica na vida pública, o que implica a investigação e relação do conhecimento histórico com a cultura histórica de uma sociedade, na proposta da pesquisa, o cinema. Partindo desta premissa, tem-se a hipótese de que a narrativa cinematográfica, como pertencente à cultura histórica de uma sociedade, pode mobilizar a consciência histórica dos indivíduos. Com base nesta hipótese, este trabalho apresenta o processo de realização de uma investigação empírica que visou averiguar o constructo de uma consciência histórica sobre a atividade do trabalho, a partir da narrativa cinematográfica de *Tempos Modernos* de Charlie Chaplin, com enfoque nas categorias de: trabalho, vida prática e tempo. Os indivíduos desta pesquisa são jovens e adultos, estudantes do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA), do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG/GO). Defendemos a tese de que a interpretação que estes indivíduos fazem da história da humanidade avança de uma consciência histórica tradicional para elementos de uma consciência histórica crítica, cujo eixo central é a ideia de progresso. Além do ideal de progresso, pelo qual os alunos produzem uma concepção de narrativa histórica tradicional, outros temas como a religião, a escravidão, o trabalho feminino, a qualidade de vida, o desemprego, a educação, o sentido do trabalho, são abordados em seus discursos”.

Marcelo Henrique da Costa (UFG, 2018) em sua pesquisa intitulada “*Olhares móveis: narrativas audiovisuais, aparatos móveis e experiências cartográficas*” defende que “o cinema e a educação sempre flertaram. Embora sejam campos consolidados, a cada flerte novos pontos de vista são constituídos a partir das experiências e dos conhecimentos construídos a partir dessa aproximação. O “*Olhares Móveis*” surge de uma ação extensionista em que oficinas de realização audiovisual com aparatos móveis foram com adolescentes, alunos do Colégio Estadual Pedro Gomes no bairro de Campinas, cidade de Goiânia, estado de Goiás, Brasil. O projeto encampou a proposta de instigar reflexões sobre o universo digital e os “novos” suportes digitais de captação, edição e distribuição de imagens e sons, proporcionando atividades práticas nas quais os alunos pudessem experimentar e experienciar o processo de produção e construção de sentido e significação por meio do manuseio dos elementos da linguagem cinematográfica, utilizando seus aparelhos de telefone celular. As atividades propostas possibilitaram aos estudantes o desenvolvimento do pensamento crítico acerca das imagens e, sobretudo, sobre as imagens produzidas por eles mesmos. Partindo dessa experiência a presente tese discute as

possibilidades de subversão do suporte a partir da prática de produção de narrativas audiovisuais em ambiente escolar, procurando estabelecer conexões acerca do contexto de produção de imagens técnicas com intuito pedagógico e a emergência dessas imagens em uma perspectiva de abordagem pedagógica”.

Camila Josefa Nunes Rossato (Unesp, 2018) em seu trabalho de dissertação, denominado “*Cultura digital e a experiência estética na educação básica*”, “trata das possibilidades de experiência estética no ensino de artes por meio da aproximação da linguagem audiovisual e as formas de criação, produção e compartilhamento dos dispositivos digitais. O contexto que recorro como privilegiado para a minha análise é a escola municipal em que leciono aulas para crianças e adolescentes do Ensino Fundamental I e II, EMEF Profª Marina Melander Coutinho, localizada na zona sul de São Paulo. É a partir da prática com os estudantes de 7º ao 9º ano do Ensino Fundamental II, inicialmente envolvendo fotografia e cinema, seguida da ampliação das formas de criação de narrativas visuais vivenciadas na rede cibernética, que se consolida um fazer artístico em arte-educação que considere as tramas simbólicas e a transitoriedade de ambientes característicos da vida contemporânea e a ressignificação de uma educação voltada para o sujeito e os sentidos de suas experiências. Dessa forma, o trabalho articula diferentes procedimentos para a coleta de dados: levantamento teórico para problematizar a experiência docente, registros dos estudantes durante e no pós-aula e registro docente acerca do processo. Ao longo da análise pretendeu-se destacar a função do professor como protagonista de sua jornada e mediador da inteligência coletiva, a apropriação dos elementos do ciberespaço e a importância da imagem-som, representadas na fotografia, cinema, televisão e a internet combinadas para propor novos roteiros pedagógicos baseados na incorporação da cultura multimídia”.

Rodrigo Garcia Lopez Ria (Unesp, 2018) investigou a “*Educação musical através dos desenhos animados Silly Symphonies*”. A “pesquisa de caráter qualitativo e de natureza bibliográfica procura apresentar alguns elementos musicais presentes em duas animações das Silly Symphonies que sirvam de conteúdo para o ensino-aprendizagem de música no Ensino Fundamental Anos Iniciais. A partir dessa temática, desenvolver um material pedagógico-musical construindo e relacionando as práticas e experiências em sala de aula com a pedagogia musical. Investigar de que forma essa teoria é expressa em conceitos e traduzida em práticas e processos musicais para melhor serem transmitidos por meio de um material didático acessível e diversificado. Para tanto, fez-se necessário a apropriação de alguns conceitos diretamente ligados à escola, à mediação do professor, ao

meio social, à educação musical e à formulação de ideias referentes à própria música, em si organizados da seguinte maneira: (1) a indispensável responsabilidade do professor de conhecer o meio dos alunos aos quais leciona e o caráter intercultural (Queiroz, 2015) do mesmo, evitando estigmatizações (Elias, 2000) e combatendo a violência simbólica (Bourdieu, 1992 e 2007); (2) a visão clara que o professor deve ter do seu papel mediador (Vygotsky, 1999 e 2014 e Libâneo 2013) exercido entre o conhecimento e os alunos; (3) a importante influência exercida pela arte cinematográfica junto às crianças e os jovens, através de diversos meios como as salas de cinema (Duarte, 2009 e 2013) e a TV e utilizando desses meios para aproximá-los de gêneros musicais que não fazem parte do cotidiano deles; (4) a concretização da teoria em prática por meio de atividades musicais elaboradas utilizando as Silly Symphonies como referência musical. A apreciação dos referenciais teóricos somou-se à vivência em sala de aula para a elaboração de atividades que pudessem auxiliar os professores que queiram trabalhar com a educação musical por meio dos desenhos animados”.

Ricardo Nunes Coringa (UFRN, 2018) no estudo “*Luz, Câmera, Ação: uma experiência com o cinema no ensino de artes na escola*” descreveu que “o presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. O estabelecimento de parâmetros que definam a relevância do cinema como arte e forma de alfabetização visual foi abordado de forma sistemática durante a escrita dissertativa em questão, além de ser salientada aqui a importância do cinema nas práticas pedagógicas, já que o mesmo vem sendo um fomentador de conhecimento em sala de aula há décadas. A experimentação envolvendo a arte fílmica e a escola no caso do projeto Luz, câmera, ação: o cinema na escola, que serviu de norte para essa escrita, deu-se por meio da vivência em sala de aula com a produção e experimentação em cinema, por meio de análises críticas, assim como compreensão da construção poética e técnica de um filme. A pesquisa teve como objetivo descrever e analisar a experiência vivenciada em sala de aula com a produção de curtas-metragens a partir da utilização do uso do celular, bem como compreender como se deu o processo de aprendizagem visual no componente curricular Arte a partir de tal experiência. A pesquisa que deu origem a esta dissertação pautou-se nas seguintes questões de estudo: Quais são as potencialidades pedagógicas do cinema em sala de aula? É possível uma produção cinematográfica de curtas-metragens no espaço escolar utilizando-se de um aparelho celular? Há condições de uma alfabetização visual a partir do cinema na escola? A metodologia que embasa esse estudo é de natureza qualitativa descritiva sob o viés da

pesquisa ação. São três os capítulos contidos neste estudo, são os mesmos denominados de “Luz”, “Câmera”, “Ação”, culminando com as considerações finais, nomeadas de “Desfecho” e as referências, chamadas de “Personagens”. O primeiro capítulo nomeado de “Luz” aborda parte da história do cinema e da própria arte fílmica (imagem) como instrumento de alfabetização (ROSSI, 2009), assim como traz também uma reflexão sobre o apreciar, o contextualizar e o fazer da Abordagem Triangular proposta por Barbosa (2009) em consonância com a escrita de Duarte (2009) e Napolitano (2015) no que tange a tríade citada buscando assim discorrer sobre as formas e possibilidades do cinema na educação. Já o capítulo seguinte da dissertação que foi denominado de “Câmera” traz um relato de experiência envolvendo a importância do cinema como instrumento pedagógico e sua experiência exitosa em sala de aula, bem como também salienta a produção cinematográfica desenvolvida pelos discentes envolvidos, buscando assim uma descrição fílmica das principais cenas dos curtas-metragens selecionados, sendo as mesmas descritas de forma didática e sucinta, havendo dessa maneira ganho na compreensão das ideias essenciais e formadoras dos filmes, que passaram por quatro etapas dentro do projeto “Luz, câmera, ação: O cinema na escola”. As etapas descritas serão mais bem explicadas no decorrer desse segundo capítulo. O capítulo três foi denominado de “Ação” e analisa a produção dos curtas descritos no capítulo anterior. Antecedendo os capítulos tem-se uma introdução intitulada de “Com quantas tomadas se faz o cinema?” E sucedendo-os as considerações finais chamada de “Desfecho” e as referências nominadas de “Personagens”.

Mario Abbade Neto (UCP, 2018) investigou *“O papel do cinema como ferramenta para o ensino e suas contribuições para uma turma de educação de jovens e adultos da escola municipal Dr. Cocio Barcellos”*. “O presente trabalho tem por objetivo analisar em que medida a experiência cinematográfica é capaz de influenciar uma turma de ensino médio do programa de Educação de Jovens e Adultos (EJA). Considerando o crescente potencial da utilização de recursos como o cinema no meio educacional, surge a possibilidade de uso do mesmo como elemento incentivador de discussões em ambiente escolar. Dessa forma, foi feita inicialmente a definição dos conceitos pertinentes sobre o assunto. Em seguida realizou-se a exibição do filme *Juan e a Bailarina* (2011), bem como a aplicação de um questionário posterior, abordando conteúdos sobre o filme e questões sobre cinema e educação em geral. Por fim, foram elencadas e analisadas as respostas obtidas. Caracteriza-se como uma pesquisa quantitativa e qualitativa, pois foca na obtenção de dados objetivos em uma população delimitada, e também na interpretação de tais informações por uma perspectiva mais ampla, considerando elementos não objetivos como

motivações, opiniões e expectativas. Mediante o estudo, conclui-se que o cinema como ferramenta de ensino no caso da instituição analisada é bastante válido, sendo capaz de estimular discussões posteriores e causar o interesse nos alunos pelos assuntos veiculados em tela. Recomenda-se, portanto, o uso de tal ferramenta em casos semelhantes, sempre atentando para a importância de um profissional que guie o debate, já que, pelo caráter dinâmico e multifacetado da experiência cinematográfica, não pode ser descartada a possibilidade de se desviar do conteúdo”.

Daniela da Silva (UNOCHAPECÓ, 2018) em seu trabalho, *“Hoje tem filme: a abordagem da diversidade em experiências com o cinema na educação”* destaca que “a educação, como a escola, aparece sempre em constante questionamento, na sua forma, conteúdo e enquanto possibilidade. Quando nos propomos a conhecer práticas educativas, expomos relações de avaliação, de ensino e de aprendizagem. Pensemos assim, este meandro, contextualizado em uma contemporaneidade repleta de imagens e informações, que implicam, não sem uma consequência, em uma enxurrada de novas atribuições e visões acerca do espaço e da prática educacional. O cinema, velho conhecido das salas de aula, situado nesta floresta de símbolos, na medida em que emerge potencialmente, se revela também estrangeiro. A partir de algumas experiências possíveis durante minha trajetória como estudante do Ensino Médio, aluna da graduação em Jornalismo, participante de cineclube e de produções audiovisuais, assim como no papel de espectadora, que jamais cessa, foram elaboradas as primeiras cenas desta pesquisa. Já, por meio do encontro com a minha orientadora, as aulas, os autores e os professores do Mestrado em Educação, angariei outras experiências de investigação, de educação, de filosofia e de cinema, essenciais para a montagem e a finalização desta obra. Dito isso, a conjunção dessas experiências, levaram ao desenvolvimento de um estudo interessado em investigar as práticas com o cinema, a educação e a diversidade, com foco na perspectiva dos docentes da Educação Básica. Uma vontade de saber que culminou na seguinte questão de pesquisa: De que modo a temática da diversidade como princípio formativo, prevista na Proposta Curricular de Santa Catarina, é abordada em experiências com o cinema nas aulas da educação básica da rede estadual? Na busca de apresentar discussões e elementos de possibilidade para tal questionamento, foram elaboradas também quatro questões de pesquisa: Como filmes que abordam a diversidade são adotados pelos docentes da educação básica da rede estadual como dispositivo pedagógico? Como a Lei 13.006/14 de difusão do cinema nacional nas escolas reverbera nas práticas escolares? Quais as possibilidades de sensibilização que a narrativa fílmica possibilita aos professores e estudantes? Como os filmes são

potencializados pelos professores para gerar debates e construir concepções acerca da diversidade? Tendo esta estrutura condutora, a coleta das materialidades empíricas, realizadas em uma escola da rede estadual de Chapecó, Santa Catarina, aconteceu através de entrevistas narrativas e de um estudo etnográfico, durante as exibições de filmes, com quatro docentes dos anos finais do Ensino Médio, selecionados pela aproximação com o cinema em suas práticas pedagógicas. As falas desses docentes, foram organizadas de acordo com as questões de pesquisa, servindo como norteadoras para a criação de agrupamentos temáticos, constituídos para auxiliar no processo de análise de discurso. Cabe ressaltar, assim, que esta dissertação é atravessada, construída e inspirada por referenciais encontrados nos pensamentos de Michel Foucault, especialmente, na medida em que apresenta as noções de discurso, cuidado de si, de dispositivo e da subjetivação. Elementos e fundamentações que, constituem e se relacionam constantemente nesta dissertação, permitiram olhar para o cotidiano de uma escola e para a experiência de docentes, através de uma lente interpelada pela linguagem audiovisual. As reverberações da Lei 13.006/14, que diz respeito à obrigatoriedade do cinema nacional, nas escolas de educação básica, no enunciado dos docentes expõe uma série de possibilidades, mas especialmente de lacunas e limitações, na histórica relação entre cinema e educação. Esta aproximação, basilar à construção da noção de dispositivo pedagógico do cinema, apresenta a necessidade da educação se abrir ao mundo da comunicação e das artes, na busca de uma pedagogia cultural. De um modo que uma não exerça um desserviço a outra, de um lado regulando os educadores e de outro instrumentalizando o cinema. Com isso, o conceito de sensibilização através da imagem e de educação do olhar, se apresentam como fundantes no exercício de tensionar o conceito de diversidade, para uma discussão acerca da identidade e da diferença na sociedade e, por assim dizer, na educação, a partir de práticas éticas e estéticas. A experiência, conceito tão caro a este trabalho, pensada a partir das práticas de um cuidado de si, conduzem à necessidade de pensar o espaço-tempo atribuído ao cinema, especialmente na escola, mas também na formação inicial e continuada dos docentes, e porque não na vida dos sujeitos da educação”.

No ano de 2018 foram identificadas oito pesquisas no repositório da CAPES e BDTD. No período de 2014 a 2018 foram selecionados quarenta e quatro resumos de Teses e Dissertações, deste total, trinta e cinco dissertações e nove teses são descritas nos resumos apresentados acima.

CAPÍTULO IV: AS PRODUÇÕES NOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO BRASILEIROS (2014-2018): ABORDAGEM SOBRE O USO DE FILMES NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Este capítulo apresenta os resultados quantitativos das teses e dissertações encontradas nos bancos BDTD/CAPES. Ao defrontar-se sobre as produções selecionadas, foram questionadas as formas que esses dados seriam trabalhados e apresentados para os leitores, de forma a contribuir nas próximas pesquisas sobre as práticas pedagógicas com uso de filmes na educação básica. Assim, exibimos, na forma de tabela e por ano de publicação, os trabalhos acerca do estado do conhecimento sobre o tema, no período de 2014 a 2018, tendo como foco os trabalhos produzidos a partir de 2014, ano de criação da Lei 13.006/2014.

Em seguida, será apresentada uma breve descrição dos resumos das teses e dissertações que foram realizadas em IES da região sudeste, que é o foco de análise desta pesquisa. Do total de trabalhos encontrados, foram selecionados 44 (quarenta e quatro) sobre o tema. Destas, 35 (trinta e cinco) dissertações de mestrado e 9 (nove) teses de doutorado em todas as regiões brasileiras, como representado no gráfico abaixo.

Gráfico 1- Percentual e o número total de teses e dissertações sobre práticas pedagógicas com uso de filmes, disponibilizadas no BDTD e no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, referentes ao período de 2014 a 2018.

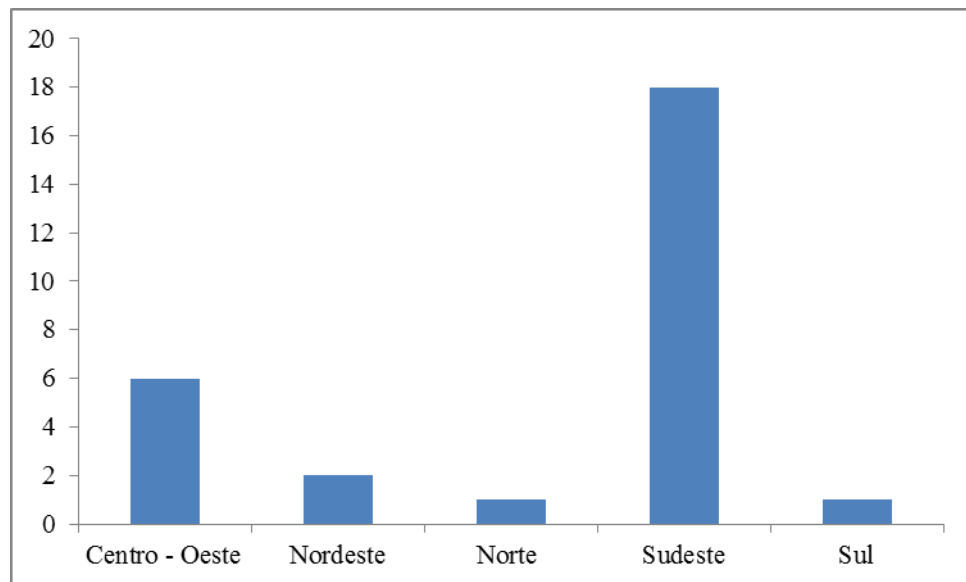


Fonte: Dados coletados e organizados pela pesquisadora.

Na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) foram selecionados vinte e oito trabalhos produzidos em diversas regiões brasileiras. Desse total, cinco dissertações e uma tese foram produzidas na região Centro – Oeste, totalizando seis

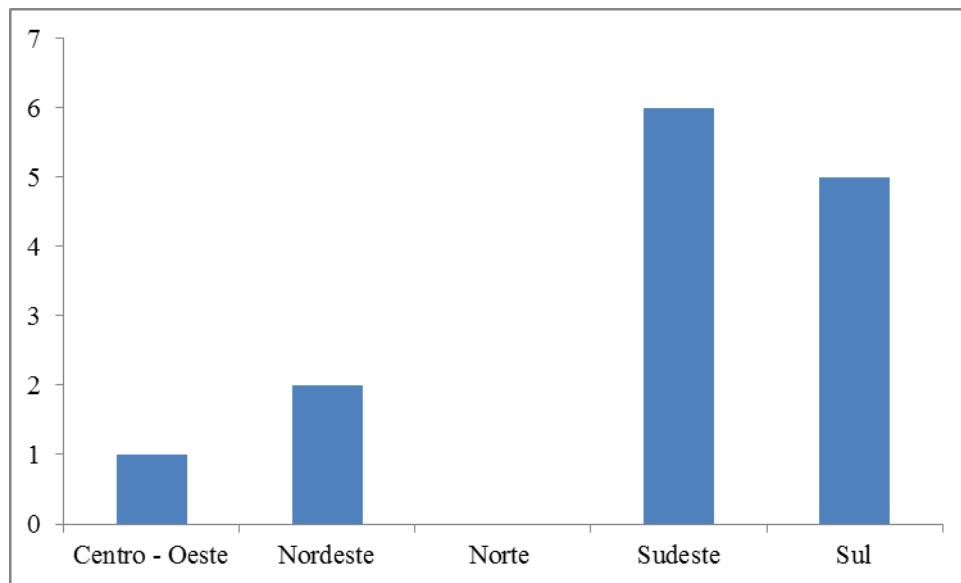
trabalhos. Na região Nordeste foram produzidas duas dissertações. Na região Norte, uma tese. A região sudeste apresentou doze dissertações e seis teses, totalizando dezoito trabalhos e a região Sul produziu uma dissertação nesse período. O gráfico abaixo representa a quantidade de produções por região do Brasil.

Gráfico 2- Quantidade de produções por região do Brasil (BDTD)/2014-2018)



Fonte: Dados coletados e organizados pela pesquisadora.

No Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES foram selecionados quatorze trabalhos produzidos nas regiões brasileiras. Desse total, uma dissertação foi produzida na região Centro – Oeste; duas dissertações na região Nordeste. Na região sudeste foram seis dissertações, e, na região Sul, foram produzidas quatro dissertações e uma tese, totalizando cinco trabalhos. Nenhum trabalho foi encontrado na região Norte. O gráfico a seguir representa a quantidade de produções nas regiões brasileiras.

Gráfico 3- Quantidade de produções por região do Brasil (CAPES)/2014-2018)

Fonte: Dados coletados e organizados pela pesquisadora.

Como apresentado nas tabelas, do total de 44 trabalhos, 24 foram produzidos em IES localizadas na região sudeste. Pode-se observar que, em ambos os bancos de dados pesquisados, a região sudeste se destacou com pesquisas voltadas para cinema, educação, sala de aula, práticas pedagógicas e uso de filmes na escola. Segundo pesquisa realizada por Santos (2019, p. 59), pode-se justificar essa discrepância entre as regiões brasileiras, pois,

a disparidade entre as regiões, observada no gráfico organizado por Santos (2019, p.59) é produto de uma característica que se apresenta em quase todas as áreas de graduação e pós-graduação do Brasil, que é a concentração na Região Sudeste. De acordo com o censo da Educação Superior de 2015, o Sudeste concentra 53% do total de programas de pós-graduação do Brasil; a Região Sul concentra 21%; a Região Nordeste concentra 15%; a Região Centro-Oeste concentra oito por cento 8%, e a Região Norte concentra 3% do total de programas de pós-graduação do Brasil (BRASIL, 2015 apud SANTOS, 2019, p.58-59).

A seguir serão apresentadas, em forma de tabela, as dissertações e teses produzidas na região sudeste brasileira no período de 2014 a 2018. Ao término de cada tabela, são apresentados os resumos descritivos dos trabalhos apontados. As produções serão apresentadas por ano crescente da defesa, autor, título, tipo e IES onde o trabalho foi produzido.

Tabela 3 - Teses e Dissertações publicadas no ano de 2014 sobre práticas pedagógicas com o uso de filmes.

Região	Ano da defesa	Autor (a)	Título	Tipo	IES
Sudeste	2014	Melo, Vanusa Maria de	Aproveitando brechas: experiência com cinema em escolas prisionais do Rio de Janeiro	D	PUC-RJ
Sudeste	2014	Lino, Vitor Ferreira	Da escola ao cinema, pelas trilhas de um projeto	D	UFMG
Sudeste	2014	Azevedo, Ana Lúcia de Faria e	Fora do quadro: discursos sobre educação e cinema (Argentina e Brasil- 1910/1940 e 1990/2010)	T	UFMG
Sudeste	2014	Costa, Silvio Ronney de Paula	Pedagogia da imagem: a autoria na relação educador / educando durante o processo de produção de vídeos na escola	D	UNIRIO

Fonte: Dados coletados e organizados pela pesquisadora.* Legenda: D- Dissertação T-Tese

A autora Melo (2014) aborda em sua dissertação *Aproveitando brechas: experiência com cinema em escolas prisionais do Rio de Janeiro* a exibição de filmes em escolas prisionais nesta cidade. A autora traz uma reflexão sobre como essas práticas com cinema se desenvolvem em um ambiente prisional e como os estudantes lidam com isso dentro de um espaço onde punir e educar são objetivos muitas vezes contrários. (MELO, 2014).

Na dissertação *Da escola ao cinema, pelas trilhas de um projeto*, Lino (2014) aponta os diversos benefícios do cinema como meio de pensar, expressar-se, compreender conteúdos, de sensibilização, apropriação cultural, dentre outras. Dessa forma, foi investigado um projeto pedagógico com cinema que envolveu a exibição de filmes na escola e em uma sala de cinema para alunos de uma escola pública de Minas Gerais. A pesquisa teve como objetivo analisar o projeto "A escola vai ao cinema", seus princípios, dinâmicas e a visão dos professores e alunos sobre sua prática. Após a coleta de dados, o autor encontrou perspectivas positivas dos professores e estudantes sobre o projeto, afirmando que ele melhorou as relações interpessoais e facilitou o trabalho pedagógico do professor com seu conteúdo, além disso, houve uma grande demanda de alunos interessados em participar do projeto. Um ponto apontado pela pesquisa foi a dificuldade na exibição dos filmes devido aos tempos escolares e a preparação das atividades pelos professores, devido à dificuldade de domínio dos elementos das obras. (LINO, 2014).

Na tese *Fora do quadro: discursos sobre educação e cinema (Argentina e Brasil- 1910/1940 e 1990/2010)*, Azevedo (2014) trata da análise das concepções e

possibilidades relacionadas ao cinema e educação em discursos educacionais produzidos por intelectuais brasileiros e argentinos em dois momentos do século XX: de 1910 a 1940 e de 1990 a 2010. A autora justifica esse recorte por ser o Brasil e a Argentina países onde ocorrem mobilizações sociais pela integração do cinema às práticas pedagógicas na escola. Concluiu-se que no primeiro período investigado, o cinema foi apreciado em termos educativos por ser considerado um recurso didático eficaz na transmissão de conteúdos escolares e na incorporação de valores patrióticos. No segundo período avaliado constatou-se que, de modo geral, há um grande incentivo para o uso da cinematografia variada nas salas de aulas, trazendo o filme como aparato de vivências mais abertas a arte e menos limitadas às práticas escolares tradicionais. Levantou-se ainda a preocupação com a formação docente para efetivação dos projetos de educação cinematográfica. (AZEVEDO, 2014).

O trabalho *Pedagogia da imagem: a autoria na relação educador / educando durante o processo de produção de vídeos na escola* traz, de acordo com Costa (2014), a discussão sobre a pedagogia da imagem, relatando que ela é, hoje, uma proposta pedagógica que estabelece relação ativa e criativa entre educador e educando no ambiente educacional, despertando no docente, habilidades e estratégias pedagógicas para construir conhecimento através da utilização de imagens visuais e sonoras como recurso didático, unindo as áreas da Educação, Comunicação, Cinema e Autoria na sala de aula. O presente trabalho analisou e debateu um pequeno recorte da Pedagogia da Imagem no processo de autoria na relação educador / educando durante produções de vídeos que foram realizados na disciplina de ciências com uma turma do 9º ano de uma escola municipal do Rio de Janeiro. A partir das análises, o autor observou que os alunos atuaram de forma ativa e inovadora na produção dos vídeos documentários dentro e fora do espaço escolar, colocando em prática os conteúdos das disciplinas de ciências e envolvendo a arte cinematográfica e as tecnologias digitais em suas obras. (COSTA, 2014).

Tabela 4 - Teses e Dissertações publicadas no ano de 2015 sobre práticas pedagógicas com o uso de filmes.

Região	Ano da defesa	Autor (a)	Título	Tipo	IES
Sudeste	2015	Doimo, Diego Augusto	A filosofia vai ao cinema: o uso do filme como recurso didático no ensino de filosofia	D	UNOESTE
Sudeste	2015	Pinto, Tatiane Mendes	Cinema e educação: entre o eu estético e o nós político uma análise de experiências	D	UFF

			sensíveis a partir do projeto cinema para todos		
Sudeste	2015	Fonseca, Danuza de Oliveira	Cinema, formação, invenção de si e do mundo: o que pode o cinema?	D	UFES
Sudeste	2015	Coelho, Roseana Moreira de Figueiredo	O uso do cinema como ferramenta educativa no ensino de matemática: uma experiência com alunos do ensino médio de Ouro Preto (MG)	D	UFOP
Sudeste	2015	Barra, Regina Ferreira	Cinema e educação: narrativas de experiências docentes em colégios de aplicação	T	UFRJ
Sudeste	2015	Stecz, Solange Straube	Cinema e educação: produção e democratização do audiovisual com crianças e adolescentes em Curitiba	T	UFSCar
Sudeste	2015	Lanza, Renata	Conjunções entre escola e cinema: pesquisa-intervenção em duas escolas da rede municipal de ensino de Campinas	T	Unicamp
Sudeste	2015	Gomes, Alessandra	Poéticas, cinema e educação- um estudo sobre experiências de aprendizagem com cinema na escola	T	UFSCar
Sudeste	2015	Miranda, Fabianna Maria Whonrath	Produção de vídeo na escola: um estudo sobre processos de aprendizagem audiovisual.	T	Unicamp
Sudeste	2015	Rodrigues, Cacilda da Silva	As percepções das crianças sobre o cinema nas práticas pedagógicas em uma escola de Poços de Caldas/MG	D	UEMG

Fonte: Dados coletados e organizados pela pesquisadora.* Legenda: D- Dissertação T- Tese

Na dissertação *A filosofia vai ao cinema: o uso do filme como recurso didático no ensino de filosofia*, Doimo (2015) trata do uso do cinema como recurso didático para as aulas de filosofia. O autor traz no resumo do seu trabalho que as atividades com os alunos foram desenvolvidas com base nos roteiros dos filmes, e relata que o uso do cinema como ferramenta didática amplia os olhares dos alunos e possibilita uma formação crítica. O autor também afirma que o uso do cinema na escola traz melhorias para a prática docente. (DOIMO, 2015).

Para Pinto (2015), na dissertação *Cinema e Educação: entre o eu estético e o nós político uma análise de experiências sensíveis a partir do projeto cinema para todos* as experiências com cinema e educação ocorreram por meio de um projeto de oficinas de audiovisual. O trabalho propõe uma reflexão sobre o cinema como estratégia de comunicação que vai do ambiente escolar até a vida cotidiana, as relações, contribuindo assim para a formação do indivíduo. (PINTO, 2015).

Na dissertação *Cinema, formação, invenção de si e do mundo: o que pode o cinema?* Fonseca (2015) busca discutir os modos de vida atuais e como o cinema pode ser

uma arte problematizadora que contribui para um novo modo de pensar e na construção de um novo sujeito. A autora procura usar o cinema com uma estratégia pedagógica que questiona, estimula a autonomia e faz refletir sobre nosso papel no mundo. Além disso, o trabalho problematiza como têm sido feitas as leituras de imagens por professores e alunos, na busca de discutir a importância de não reduzir o cinema a um mero recurso pedagógico. (FONSECA, 2015).

Na dissertação *O uso do cinema como ferramenta educativa no ensino de matemática: uma experiência com alunos do ensino médio de Ouro Preto (MG)*, Coelho (2015) argumenta que o trabalho se justifica pela escassez de estudos que usam o cinema como ferramenta pedagógica para o ensino de matemática. Dessa forma, o estudo objetivou desvendar as contribuições que o cinema pode dar ao ensino-aprendizagem em matemática. A pesquisa foi realizada com alunos de uma escola pública do 2º ano do ensino médio, foi selecionado um filme para abordar o tema sobre análises combinatórias. Para o autor, o filme contribuiu para desencadear o interesse pelas atividades de matemática, confirmando o benefício dos filmes no ensino e aprendizagem da disciplina, com foco na análise combinatória, contribuindo assim para que o aluno associe o conteúdo na teoria e na prática. (COELHO, 2015).

O estudo *Cinema e educação: narrativas de experiências docentes em colégios de aplicação* foi realizado no período de 2011 a 2014 por Barra (2015), com o objetivo de investigar as possibilidades de encontro do cinema com a educação a partir das narrativas de docentes que atuam em três Colégios de Aplicação de universidades brasileiras e que trabalham com a sétima arte em sua prática pedagógica. Foram levantados os seguintes questionamentos: existe uma intenção de endereçamento do olhar da criança e do adolescente no contexto escolar? Quem é o *porteur* que trabalha com o cinema, por meio de experiências significativas e diferentes da clássica instrumentalização pedagógica? Que possibilidades de encontro do cinema com a educação os docentes dos Colégios de Aplicação promovem com seus alunos? Como os Colégios de Aplicação podem contribuir para o diálogo com outras escolas acerca das práticas com o cinema, no contexto da educação brasileira? O resultado obtido nessa pesquisa foi que o professor não precisa ter formação específica na área, porém, é imprescindível que ele possua grande interesse por cinema e procure desenvolver sua auto formação constantemente (BARRA, 2015).

A tese *Cinema e Educação: produção e democratização do audiovisual com crianças e adolescentes em Curitiba* é uma produção de Stecz (2015) que teve como ponto de partida o projeto 'Criança e Cinema de Animação', realizado pela cinemateca de Curitiba

na década de 70 e 80, cujo caráter se assemelhava aos projetos audiovisuais contemporâneos que focam na democratização audiovisual. Essa pesquisa defende que, o audiovisual em sua dimensão artística, humanística e educativa, constrói pontes entre educadores e cineastas na perspectiva da educação como prática da liberdade. Assim, esse estudo objetivou refletir sobre as relações entre o audiovisual e a educação em Curitiba, tendo como referência o projeto citado e as experiências contemporâneas em audiovisual. Este estudo se baseia em autores como Bergala, que defendem a incorporação do cinema como fruição da arte na escola (STECZ, 2015).

No estudo *Conjunções entre escola e cinema: pesquisa-intervenção em duas escolas da rede municipal de ensino de Campinas*, Lanza (2015) se baseia nas análises das intervenções com cinema em uma escola municipal de Campinas com alunos do 6º ao 8º ano, visando estabelecer um encontro com a arte e sua relação entre os seres envolvidos através do cinema. Dessa forma, este estudo buscou articular práticas escolares com as práticas do ver, criar, experimentar, inventar e aprender com os filmes. Para discutir as relações do cinema como arte na escola o autor se baseou em autores como Bergala e Fresquet. Concluiu-se que trabalhar com o cinema na perspectiva de arte e alteridade no espaço escolar transforma professores e alunos pela e para a arte na invenção, criação, e assim, na construção de saberes e conhecimentos (LANZA, 2015).

A autora Gomes (2015) na sua tese intitulada *Poéticas, Cinema e Educação-um estudo sobre experiências de aprendizagem com cinema na escola* investiga uma ação extensionista realizada por uma universidade pública federal brasileira, cujo trabalho consiste na realização de filmes junto a professores e estudantes de escolas públicas e outras instituições de educação na cidade do Rio de Janeiro. O trabalho se baseia em um estudo de caso de cunho etnográfico e buscou investigar e compreender os processos de formação com atividades de cinema com alunos de escola pública, professor, ex-funcionário, estudantes de graduação e pós-graduação da universidade selecionada. Buscou-se observar e analisar situações de fruição cinematográfica, de valorização da cultura escolar, de circulação da palavra, de construção de discursos sobre a escola e sobre si por meio de processos criativos cinematográficos. A autora concluiu que, a partir das diversas atividades cinematográficas realizadas durante a extensão, houve transformação dos estudantes e professores envolvidos, como a formação e fortalecimento de laços afetivos, empoderamento e sentimento de pertencimento (GOMES, 2015).

Na pesquisa *Produção de vídeo na escola: um estudo sobre processos de aprendizagem audiovisual* Miranda (2015) propôs um trabalho que surgiu a partir da

experiência e análises da docência da pesquisadora com a produção de vídeos realizada com alunos da 1ª série do ensino médio de uma escola da rede particular de Campinas, SP. O trabalho teve o objetivo de avaliar aspectos da percepção dos alunos acerca do próprio aprendizado a partir da descrição dos procedimentos realizados em sala de aula e dos seus resultados com o curso de cinema e produção de vídeo, instituído em 2009 na disciplina de Artes. A pesquisa pretendeu discutir experiências com produção de vídeo do ponto de vista dos sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem e fazer uma reflexão crítica sobre a prática pedagógica com audiovisual (MIRANDA, 2015).

A dissertação *As percepções das crianças sobre o cinema nas práticas pedagógicas em uma escola de Poços de Caldas/MG* tem o objetivo de investigar a percepção e o ponto de vista de crianças, entre dez e onze anos, sobre a utilização da linguagem cinematográfica nas práticas pedagógicas em uma escola em Poços de Caldas, Minas Gerais. Rodrigues (2015) busca aproximar o cinema da formação da criança, ampliando as diversas possibilidades do seu uso na escola. A autora aponta que as crianças associam o cinema ao lazer e à diversão, mas associam o uso de filmes às aprendizagens dos conteúdos escolares (RODRIGUES, 2015).

Tabela 5 - Teses e Dissertações publicadas no ano de 2016 sobre práticas pedagógicas com o uso de filmes.

Região	Ano da defesa	Autor (a)	Título	Tipo	IES
Sudeste	2016	Caprecci, Denise Sorpione	Da língua portuguesa à linguagem cinematográfica: do roteiro ao vídeo	D	UNINOVE
Sudeste	2016	Persegueiro, Karoline Gessiane	Inteligências múltiplas e a educação especial: um debate sobre cinema e educação.	D	Unesp
Sudeste	2016	Peres, Helga Caroline	Entre choques, cortes e fissuras – a (semi)formação estética: uma análise crítica da apropriação de filmes na educação escolar	D	Unesp
Sudeste	2016	Machado, Líria Gonçalves	Luz câmera educação: projeto de cinema na escola, uma experiência possível	D	UCP

Fonte: Dados coletados e organizados pela pesquisadora. * Legenda: D- Dissertação

Da língua portuguesa à linguagem cinematográfica: do roteiro ao vídeo é a dissertação de Caprecci (2016) que tem o objetivo de desenvolver a linguagem cinematográfica. O estudo desenvolvido tem como objeto a linguagem cinematográfica compreendida como uma prática educacional e produto cultural nas aulas de Língua Portuguesa, durante um projeto de intervenção. Os participantes da pesquisa foram alunos do 2º ano do ensino médio e a pesquisadora/docente de Língua Portuguesa em uma escola

estadual na cidade de São Paulo. As práticas em sala de aula visaram a linguagem, roteiro cinematográfico e a produção de vídeos. Este estudo busca meios para que a linguagem cinematográfica possa se tornar um valioso recurso cinematográfico que desenvolva a autonomia da criação (CAPRECCI, 2016).

No trabalho *Inteligências múltiplas e a educação especial: um debate sobre cinema e educação* levanta a seguinte questão: como uma escola de educação especial pode desenvolver inteligências múltiplas através do cinema? Esta pesquisa de Persegueiro (2016) foi realizada na APAE e buscou compreender a contribuição do cinema para desenvolver inteligências múltiplas em aluno com deficiência intelectual. O estudo destaca a importância de Bergala como inspiração para os educadores que buscam utilizar o cinema dentro da escola como arte e como hipótese de alteridade. Foram selecionados filmes com deficientes intelectuais que apresentavam conteúdos relevantes para os alunos, como relações amorosas, sexualidade família, autonomia, independência, preconceito, amizade, vínculos sociais dentre outros. Dessa forma, a pesquisa buscou integrar o cinema na prática escolar com base nas concepções de Allain Bergala (PERSEGUEIRO, 2016).

Na pesquisa *Entre choques, cortes e fissuras – a (semi)formação estética: uma análise crítica da apropriação de filmes na educação escolar* Peres (2016) busca problematizar a reprodução de filmes na escola e tem o objetivo de compreender como os professores que atuam no ensino fundamental percebem e organizam essa possibilidade. O trabalho defende a hipótese de que a reprodução dos filmes, na educação escolar, através de sua didática intrínseca, pode vir a dar vistas a um processo de reeducação de nossos sentidos já formatados pelo presente cenário que se caracteriza pela intensificação dos mecanismos da indústria cultural e levanta a seguinte questão: a forma com que os professores se apropriam dos filmes em suas práticas docentes dá visibilidade para que a reeducação dos sentidos se torne efetiva no âmbito da educação escolar, em detrimento de sua mera instrumentalização enquanto recurso didático? A partir disso o trabalho apontou alguns desdobramentos que indicam urgência de que a formação docente – mais especificamente, a formação do Pedagogo – abrace uma perspectiva teórico-crítica que se direcione para reflexões e intervenções que tenham em vista o rompimento com os padrões da estética fílmica hegemônica (PERES, 2016).

Na dissertação de Machado (2016), denominada *Luz câmera educação: projeto de cinema na escola, uma experiência possível* tem o objetivo de analisar uma experiência de cinema no espaço escolar, onde se procura perceber de que maneira esta vivência produz e desperta habilidades e que aprendizagens são construídas na produção de filmes. O

trabalho se baseia em Duarte, Bergala, Fresquet dentre outros que se concentram na dimensão da arte cinematográfica e na mobilização de aprendizagens. Ao longo da pesquisa, a autora identificou a importância das relações que se estabeleceram em torno do “fazer cinema”, incentivando os jovens a tornarem os sets de filmagem em espaços de convivência, amizade, cultura e aprendizado (MACHADO, 2016).

Tabela 6 - Teses e Dissertações publicadas no ano de 2017 sobre práticas pedagógicas com o uso de filmes.

Região	Ano da defesa	Autor (a)	Título	Tipo	IES
Sudeste	2017	Persegueiro, Kelcilene Gisela	“Olhar caleidoscópico”: a experiência do cinema como prática pedagógica.	D	Unesp
Sudeste	2017	Belcavello, Maria Paula Pinto dos Santos	Cinemaquinação entre montanhas e vale, um sobrevoo	D	UFJF
Sudeste	2017	Sampaio, Damianne Aparecida de	O real, a atenção e o tempo: uma cinematografia possível para pensar um estar na escola	D	UFJF

Fonte: Dados coletados e organizados pela pesquisadora. * Legenda: D- Dissertação

Persegueiro (2017) traz em seu trabalho “*Olhar caleidoscópico*”: a experiência do cinema como prática pedagógica um estudo realizado em uma escola municipal com crianças entre seis e sete anos de idade. Foram apresentadas nesse trabalho oito oficinas de desenhos animados, baseada em episódios de Monteiro Lobato, na perspectiva de propor novos olhares para a prática pedagógica com cinema a partir da prática da libertação de Paulo Freire. Este trabalho apresenta os objetivos de: compreender os tipos de práticas pedagógicas que podem ser realizadas com o intuito de transformar o aluno e estimular a produção de conhecimento no espaço escolar; verificar como a relação das crianças com os filmes conduzem a um aprendizado que incorpore a experiência prévia das crianças com um novo saber, permitindo uma leitura ampla de mundo. O trabalho se baseia nas propostas de Bergala e Fresquet, que propõem o cinema na escola para além de uma ferramenta de ensino, e sim como uma prática emancipadora. Concluiu-se nessa pesquisa que o cinema inseriu marcas nas crianças que contribuíram para autonomia das mesmas e, também, quando aliado a uma prática libertadora, contribui na formação humana e, conseqüentemente, para a educação no país (PERSEGUEIRO, 2017).

No trabalho *Cinemaquinação: entre montanhas e vale, um sobrevoo*, Belcavello (2017) revela como um exercício cartográfico de experimentação com outros modos de produção de vida, de mundo, de educação. A autora traz o cinema como arte e

como dispositivo de escrita e leitura, onde crianças e adolescentes aprendem experimentando (BELCAVELLO, 2017).

A dissertação *O real, a atenção e o tempo: uma cinematografia possível para pensar um estar na escola* busca refletir sobre o estar na escola e tudo que a torna um espaço de vitalidade. Para aprofundar nessa relação de estar na escola, Sampaio (2017) mergulhou na obra cinematográfica de Cao Guimarães denominado 'A Alma do Osso'. Este documentário apresenta alguns elementos que permitem dizer algo sobre estar na escola, mesmo que o filme não se faça ou diga sobre ela. Outras categorias presentes no filme, como a de suspensão, discutida por Maarten Simons e Jan Masschelein para pensar a própria escola permitiram estabelecer uma ponte entre o filme e os modos de habitar a escola. (SAMPAIO, 2017).

Tabela 7 - Teses e Dissertações publicadas no ano de 2018 sobre práticas pedagógicas com o uso de filmes.

Região	Ano da defesa	Autor (a)	Título	Tipo	IES
Sudeste	2018	Rossato, Camila Josefa Nunes	Cultura digital e a experiência estética na educação básica	D	Unesp
Sudeste	2018	Ria, Rodrigo Garcia Lopez	Educação musical através dos desenhos animados SillySymphonies	D	Unesp
Sudeste	2018	Neto, Mario Abbade	O papel do cinema como ferramenta para o ensino e suas contribuições para uma turma de educação de jovens e adultos da escola municipal Dr. Cocio Barcellos	D	UCP

Fonte: Dados coletados e organizados pela pesquisadora. * Legenda: D- Dissertação

Já o trabalho de Rossato (2018) intitulado *Cultura digital e a experiência estética na educação básica* trata das possibilidades de experiência estética no ensino de artes a partir da aproximação da linguagem audiovisual. A pesquisa foi realizada com estudantes do 7º ao 9º ano do ensino fundamental, com práticas envolvendo cinema e fotografia, focando em uma educação voltada para o sujeito e suas experiências. Ao longo do estudo o autor procurou destacar a função do professor como mediador da inteligência coletiva e a importância da apropriação e incorporação da cultura multimídia nas escolas (ROSSATO, 2018).

Na dissertação de Ria (2018) *Educação musical através dos desenhos animados Silly Symphonies*, a pesquisa relata o uso dos elementos musicais de um filme de animação como recurso pedagógico para auxílio da aprendizagem em música com alunos dos anos iniciais do ensino fundamental. A partir dessa temática o estudo propôs o

desenvolvimento de um material pedagógico musical para auxiliar nas aulas de música. Para o autor, apresentar a arte cinematográfica nas salas de cinema ou na TV aproximam os alunos dos gêneros musicais que não fazem parte do seu cotidiano. Como conclusão, o autor ressaltou que esse estudo somou às atividades em sala de aula e contribuiu para os professores que tenham interesse em trabalhar com educação musical por meio dos desenhos animados (RIA, 2018).

No estudo *O papel do cinema como ferramenta para o ensino e suas contribuições para uma turma de educação de jovens e adultos da escola municipal Dr. Cocio Barcellos*, Neto (2018) tem o objetivo de analisar em que medida a experiência cinematográfica é capaz de influenciar uma turma de ensino médio do programa de Educação de Jovens e Adultos (EJA). O autor concluiu que o cinema é muito válido como ferramenta de ensino, sendo capaz de estimular discussões e causar interesse dos alunos pelos assuntos veiculados no filme (NETO, 2018).

No próximo capítulo são apresentados dados sobre a quantidade de produções por ano, região e as categorias que foram construídas a partir dos resumos das teses e dissertações, na busca de descrever e analisar quantidade de produções e as diferentes práticas pedagógicas com uso de filmes e seus objetivos na sala de aula.

CAPÍTULO V: AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS COM O USO DE FILMES NA EDUCAÇÃO BÁSICA DA REGIÃO SUDESTE DO BRASIL – UM OLHAR NA PRODUÇÃO ACADÊMICA (TESES E DISSERTAÇÕES/ 2014-2018)

Neste capítulo será feita descrição e análise sobre as práticas com o uso de filmes realizadas em escolas de educação básica, na região sudeste, discutindo os resumos que abordam o tema com diferentes percepções no âmbito escolar. Para análise utilizaremos os dados (excertos) extraídos dos resumos das teses e dissertações selecionadas como material de análise. Buscou-se utilizar como base a análise de conteúdo Bardin (1977). Esta metodologia de análise apresenta como proposta a realização de etapas de trabalho na organização da análise, categorização, inferência.

Como já mencionado, as buscas no BDTD e no Catálogo de Teses e Dissertação da CAPES, no período de 2014 a 2018, resultaram em 44 (quarenta e quatro) trabalhos. Destes, 24 (vinte e quatro) foram produzidos em IES da região sudeste. Dadas as especificidades e peculiaridades das práticas pedagógicas que foram desenvolvidas, focamos nos trabalhos que investigaram exclusivamente o uso de filmes no contexto escolar, mesmo que estes não buscassem analisar e descrever as práticas pedagógicas com o uso de filmes na educação básica.

A tabela 8 mostra o ano de defesa, o autor, o título e as palavras-chave destas 24 (vinte e quatro) produções.

Tabela 8 - Relação das dissertações e teses que compõem o corpus documental desta pesquisa

Ano da defesa	Autor (a)	Título	Palavras - chave
2014	Melo, Vanusa Maria de	Aproveitando brechas: experiência com cinema em escolas prisionais do Rio de Janeiro	Educação nas prisões; cinema e educação; escola prisional.
2014	Lino , Vitor Ferreira	Da escola ao cinema, pelas trilhas de um projeto	Educação e Cinema; Prática Pedagógica; Projeto Pedagógico com Cinema.
2014	Azevedo, Ana Lúcia de Faria e	Fora do quadro: discursos sobre educação e cinema (Argentina e Brasil- 1910/1940 e 1990/2010)	Educação Brasil; Professores Formação; Cinema na educação; Educação Argentina.
2014	Costa, Silvio Ronney de Paula	Pedagogia da imagem: a autoria na relação educador / educando durante o processo de produção de vídeos na escola	Pedagogia da Imagem; Autoria; Relação Educador / Educando; Produção de Vídeos na Escola.

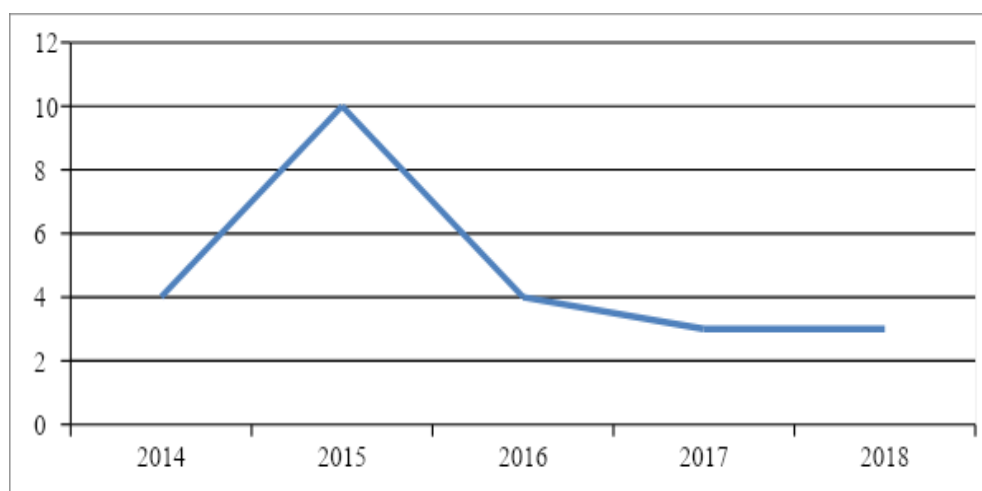
2015	Doimo, Diego Augusto	A filosofia vai ao cinema: o uso do filme como recurso didático no ensino de filosofia	Ensino de Filosofia. Cinema. Currículo. Roteiros de Aula.
2015	Pinto, Tatiane Mendes	Cinema e educação: entre o eu estético e o nós político uma análise de experiências sensíveis a partir do projeto cinema para todos	Cinema. Educação. Héxis educativa. Experiência sensível. Vinculação social
2015	Fonseca, Danuza de Oliveira	Cinema, formação, invenção de si e do mundo: o que pode o cinema?	Formação. Cinema. Pensamento.
2015	Coelho, Roseana Moreira de Figueiredo	O uso do cinema como ferramenta educativa no ensino de matemática: uma experiência com alunos do ensino médio de Ouro Preto (MG)	Cinema na Educação, Meios de Ensino, Processo de Ensino e Aprendizagem de Matemática.
2015	Barra, Regina Ferreira	Cinema e educação: narrativas de experiências docentes em colégios de aplicação	Educação. Cinema. Narrativas docentes. Experiências docentes. Colégios de Aplicação.
2015	Stecz, Solange Straube	Cinema e educação: produção e democratização do audiovisual com crianças e adolescentes em Curitiba	Cinema, Educação, Descentralização da cultura.
2015	Lanza, Renata	Conjunções entre escola e cinema: pesquisa-intervenção em duas escolas da rede municipal de ensino de Campinas	Educação; Cinema; Criação; Pesquisa; Intervenção.
2015	Gomes, Alessandra	Poéticas, cinema e educação- um estudo sobre experiências de aprendizagem com cinema na escola	Cinema e educação, educação escolar, alteridade, mediação cultural, ética e educação, estética e educação.
2015	Miranda, Fabianna Maria Whonrath	Produção de vídeo na escola: um estudo sobre processos de aprendizagem audiovisual.	Ensino audiovisual; Comunicação audiovisual; Educação cooperativa; Recursos audiovisuais.
2015	Rodrigues, Cacilda da Silva	As percepções das crianças sobre o cinema nas práticas pedagógicas em uma escola de Poços de Caldas/MG	Cinema, Infância, Educação e Práticas pedagógicas.
2016	Caprecci, Denise Sorpione	Da língua portuguesa à linguagem cinematográfica: do roteiro ao vídeo	Prática educacional, produto cultural, Linguagem Cinematográfica, discente, Paulo Freire.
2016	Persegueiro, Karoline Gessiane	Inteligências múltiplas e a educação especial: um debate sobre cinema e educação.	Cinema; Educação Especial; Inteligências Múltiplas.
2016	Peres, HelgaCaroline	Entre choques, cortes e fissuras – a (semi)formação estética: uma análise crítica da	Cinema e educação; didática fílmica; indústria cultural; formação estética;

		apropriação de filmes na educação escolar	reeducação dos sentidos.
2016	Machado, Líria Gonçalves	Luz câmera educação: projeto de cinema na escola, uma experiência possível	Educação, cinema, aprendizagem, experiência.
2017	Persegueiro, Kelcilene Gisela	“Olhar caleidoscópico”: a experiência do cinema como prática pedagógica.	cinema na escola. Práticas pedagógicas. cinema. produção de conhecimento. educação.
2017	Belcavello, Maria Paula Pinto dos Santos	Cinemaquinação entre montanhas e vale, um sobrevoo	Experimentação, (n-1), cinema, educação.
2017	Sampaio, Damianne Aparecida de	O real, a atenção e o tempo: uma cinematografia possível para pensar um estar na escola	Cinema; Cão Guimarães; Escola; Atenção. Tempo; Realismocinematográfico.
2018	Rossato, Camila Josefa Nunes	Cultura digital e a experiência estética na educação básica	ensino de artes; experiência estética; audiovisual; cibercultura.
2018	Ria, Rodrigo Garcia Lopez	Educação musical através dos desenhos animados Silly Symphonies	educação musical; desenhos animados; <i>Silly Symphony</i> ; trilhas sonoras.
2018	Neto, Mario Abbade	O papel do cinema como ferramenta para o ensino e suas contribuições para uma turma de educação de jovens e adultos da escola municipal Dr. Cocio Barcellos	Cinema; Educação; Filmes.

Fonte: Dados coletados e organizados pela pesquisadora.

Para mapear os contextos de produção destes 24 trabalhos, foram considerados os dados institucionais como ano de defesa do trabalho, título, grau de titulação acadêmica e IES a qual a pesquisa está vinculada.

O Gráfico 4 mostra a linha de evolução das produções que abordam as práticas pedagógicas com o uso de filmes na educação básica no período de 2014 (ano de criação da Lei 13.006/2014) a 2018, ano que antecede o início desta pesquisa.

Gráfico 4- Quantidade de teses e dissertações no período de 2014 a 2018

Fonte: Dados coletados e organizados pela pesquisadora.

A partir dos dados apresentados no gráfico, observamos que, a partir de 2014, ano de publicação da lei, não houve aumento contínuo nas produções abordando o cinema na educação. No ano de 2014 foram encontrados quatro trabalhos, três dissertações e uma tese sobre o tema; no ano de 2015 houve um aumento considerável saltando para dez produções, destas cinco dissertações e cinco teses. Porém, nos anos seguintes houve um declínio, com quatro dissertações em 2016, três dissertações em 2017 e também em 2018. Com base nesses dados, acredita-se que ainda há pouco interesse em investigar as práticas pedagógicas com o uso de filmes na educação básica, visto que não se observou um crescimento constante no número de trabalhos nos últimos cinco anos analisados. Acredita-se que esse aumento no ano de 2015 não tem relação com a publicação da lei 13.006/14, já que foi no ano seguinte à sua publicação e esse crescimento não se manteve. Segundo Santos (2019, p. 20), “apesar da promulgação da lei, ela ainda não foi regulamentada e continua sem efeitos práticos nas escolas”. Dessa forma,

[...] o fato de existir uma lei que obriga a exibição de filmes nacionais não garante pelo simples fato de existir que a mesma será efetivamente aplicada. Isso ocorre até mesmo por fatores concretos como a própria estrutura deficitária de grande parte das escolas. Ora, criar uma lei sem que haja a mínima estrutura para a sua aplicação, ou, sem que haja um plano para sanar tais problemas estruturais é no mínimo algo passível de questionamentos (CABRAL, 2019, p. 39).

Sobre a real aplicabilidade dessa lei, é importante levantar alguns pontos. Sabemos que uma lei, para que possa “funcionar” de fato, precisa de alguns fatores que são indispensáveis, como a vontade por parte dos sujeitos envolvidos no processo e, do outro lado, o poder público. Assim, apenas o fato de existir uma lei não garante a exibição de

filmes nacionais na escola de maneira efetiva, sendo necessário romper outras barreiras. Para Fresquet e Paes, ainda há

[...] um grande desafio para programas de educação (tanto na parte curricular quanto orçamentária e estrutural) para sua viabilidade. Para se adequar, as escolas terão que, além de repensar seus currículos, horários e perfis docentes para cumprir com essa demanda, lutar por recursos para formação de espaços e equipamentos básicos para a exibição dos filmes (FRESQUET; PAES, 2016, p.163).

Outro fator de grande importância para que o cinema adentre no espaço escolar vai muito além da criação da lei. É fundamental a formação continuada dos professores que atuam na educação básica. Assim, os professores,

ao se aproximarem do audiovisual, sentem necessidade de se assenhorar tanto de questões técnicas, necessárias para qualificar as sessões e seus desdobramentos, quanto e, principalmente, do que é inerente ao trabalho sobre as experiências com os filmes. Sua discussão e seu desvelamento produzem a educação dos olhares singulares e coletivos e colocam-nos a todos como apreciadores éticos e estéticos dos filmes (SANTOS; BARBOSA; LAZZARETI, 2015, p.35).

Dessa forma, essa lei precisa ser divulgada, pensada, debatida coletivamente com a comunidade escolar para que o uso de filmes na escola se torne uma prática formadora, emancipadora, divertida e criativa na escola.

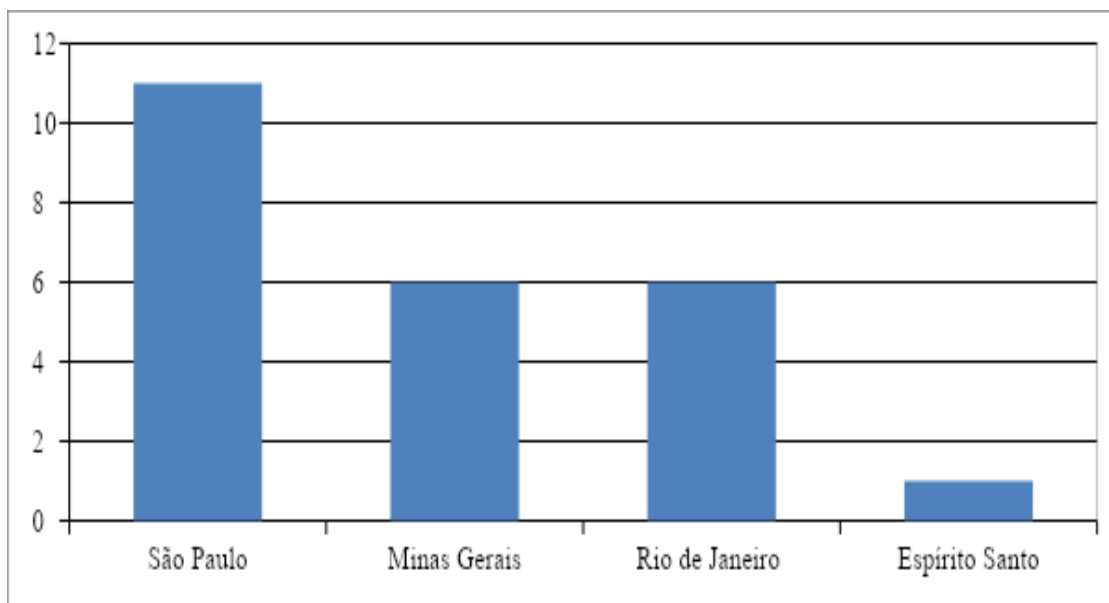
No que se refere aos trabalhos publicados na região sudeste, das vinte e quatro produções selecionadas, seis são teses de doutorado e dezoito são dissertações de mestrado. Essas pesquisas foram defendidas principalmente em Instituições de Ensino Superior (IES) localizadas no estado de São Paulo, seguido de Minas Gerais, Rio de Janeiro e Espírito Santo, o que reforça levantamentos já realizados por outros trabalhos de mapeamentos de pesquisas sobre a predominância da região sudeste, com ênfase no estado de São Paulo, nas produções de pesquisa acadêmica no Brasil. Dentre as instituições do estado de São Paulo, destacamos: a Universidade Estadual Paulista (Unesp), que produziu 5 (cinco) dissertações sobre cinema e educação; a Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), com 2 (duas) teses; a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) com 2 (duas) teses; a Universidade do Oeste Paulista (UNOEST) com 1(uma) dissertação e a Universidade Nove de Julho (UNINOVE) com 1 (uma) dissertação. Como aponta SIDONE *et al.* (2016, p. 17),

no Brasil, também se verifica enorme heterogeneidade espacial das atividades de pesquisa científica, onde o padrão regional da distribuição das publicações e dos pesquisadores é altamente concentrado na região Sudeste, com destaque às

capitais dos estados. Como exemplo, a cidade de São Paulo concentra cerca de 20% da produção científica brasileira e cresceu 21 posições na lista das cidades de maior geração de conhecimento no mundo durante a última década (SIDONE; HADDAD; CHALCO, 2016, p. 17).

O Gráfico 5 apresenta as produções distribuídas por estado da região sudeste do Brasil.

Gráfico 5- Distribuição de produções por estado da região sudeste do Brasil (2014-2018)



Fonte: Dados coletados e organizados pela pesquisadora.

Quanto à diversidade de práticas pedagógicas realizadas com o uso de filmes na escola, cada pesquisa apresentou o tema com diferentes olhares e objetivos. Os resumos das teses e dissertações focaram seu estudo no uso de filmes como “Recurso Didático”, “Prática da Liberdade”, “Comunicação e Interação Social”, “Formação Humana”, “Pedagogia da Criação”, “Ferramenta de Manipulação” e “Ampliação Cultural”. A partir desses temas gerais presentes nos resumos selecionados, foram construídas as categorias de análise deste trabalho apresentadas na seção seguinte.

4.1 A presença das categorias de análise

Trataremos da análise dos dados distribuídos em três categorias/eixos, apresentados a seguir:

- 1- O uso de filmes como Recurso Didático;
- 2- O uso de filmes como Pedagogia da Criação/ Educação do Olhar;
- 3- O uso de filmes em sala de aula e contribuições para as interações sociais.

Para caracterizar as práticas pedagógicas com relação às categorias de análise foi usada análise de conteúdo e buscou-se, no *corpus* documental, excertos dos resumos das teses e dissertações que apontaram para a presença das categorias construídas. Foi utilizado fonte em itálico para os excertos retirados dos textos que foram analisados.

Na tabela 9 são apresentadas as categorias e as unidades de registro que representam cada uma.

.

Tabela 9 - Categorização das teses e dissertações de acordo com as categorias que serão analisadas sobre as práticas pedagógicas com o uso de filmes na educação básica

Categorias de análise	Unidades de registros
O uso de filmes como Recurso Didático	<i>Práticas pedagógicas com uso de filmes em conteúdos curriculares</i>
O uso de filmes como Pedagogia da Criação/ Educação do Olhar	<i>Linguagem do cinema na escola</i>
O uso de filmes em sala de aula e contribuições para as interações sociais	<i>Relações interpessoais em sala de aula</i>

Fonte: Dados coletados e organizados pela pesquisadora.

Inicialmente apresentaremos os resumos sobre as práticas pedagógicas com o uso de filmes como Recurso Didático, depois os que abordam o uso de filmes como Pedagogia da Criação/ Educação do Olhar, e, por fim, os resumos que trazem o uso de filmes em sala de aula e contribuições para as interações sociais.

4.2 Análise e descrição dos dados da categoria “O uso de filmes como recurso didático”

A partir da leitura do resumo dos trabalhos de DOIMO (2015), CAPRECCI (2016), RIA (2018), COELHO (2015), AZEVEDO (2014), RODRIGUES (2015), NETO (2018) e COSTA(2014) , observa-se que o objetivo principal dos trabalhos foi utilizar os filmes como uma ferramenta que auxiliasse na aprendizagem do conteúdo escolar. Nota-se a presença do uso de filmes nas disciplinas de Filosofia, Língua Portuguesa, Música, Matemática, Educação Infantil, Ciências e também na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Os excertos dos resumos descritos abaixo exemplificam essa abordagem. Como afirma Doimo (2015), sua pesquisa buscou “[...] *analisar o Cinema como recurso didático utilizado para apoiar o Ensino de Filosofia*” e que o uso de filmes em sala de aula, tem como objetivo, “[...] *abrir caminhos para o Ensino de Filosofia, e também para as demais disciplinas*”.

No que se refere à Língua Portuguesa, a pesquisa realizada por Caprecci (2016) trabalha com a “[...] *linguagem cinematográfica desenvolvida nas aulas de Língua Portuguesa, como uma prática educacional e produto cultural*”. Duarte (2002). A autora considera que “*este estudo busca proporcionar meios para que a linguagem cinematográfica possa se tornar um grande recurso pedagógico, desenvolvendo a autonomia de criação e utilizando toda a bagagem que o discente possa trazer.*”.

Quanto ao trabalho realizado com música e cinema, Ria (2018) relata o uso dos elementos musicais de um filme de animação como recurso pedagógico para auxílio da aprendizagem em música com alunos dos anos iniciais do ensino fundamental. O autor aponta a importância de “[...] *desenvolver um material pedagógico-musical construindo e relacionando as práticas e experiências em sala de aula com a pedagogia musical.*” e defende a “[...] *influência exercida pela arte cinematográfica junto às crianças e os jovens, através de diversos meios como as salas de cinema [...] para aproximá-los de gêneros musicais que não fazem parte do cotidiano deles*”.

Coelho (2015) aponta que trabalho se justifica pela escassez de estudos que usam o cinema como ferramenta pedagógica para o ensino de matemática. Dessa forma, o estudo objetivou desvendar as contribuições que o cinema pode dar ao ensino-aprendizagem em matemática. A autora defende o uso de filmes como recurso pedagógico porque o filme é um “[...] fator de motivação para desencadear o interesse para o desenvolvimento das atividades, de novas possibilidades para a condução do processo de ensino - aprendizagem da Matemática sendo que a maior contribuição da utilização do filme ao processo de ensino-aprendizagem da Análise Combinatória foi a atribuição de significado a este conteúdo, associando teoria e prática”.

Cada um dos trabalhos citados acima abordou o uso de filmes em diferentes perspectivas, mas todos defendiam sua importância como instrumento de aprendizagem das disciplinas.

Segundo Coelho (2011), os filmes são uma importante ferramenta didático-pedagógica no espaço escolar, ele possibilita ao professor ministrar aulas diferenciadas e atrativas, buscando despertar no aluno interesse pelo conteúdo estudado, de forma que não seja apenas um momento de entretenimento, e sim uma forma de aprender com prazer, garantindo um bom desenvolvimento e participação no decorrer das aulas.

Foi possível identificar nos trabalhos a preocupação por parte dos pesquisadores em utilizar filmes que incentivassem o debate e o interesse dos estudantes pelos temas veiculados. Destaca-se novamente o trabalho Doimo (2015), em que o autor defende que o uso de filmes na escola desperta nos alunos uma visão crítica e, também, aponta a necessidade de se utilizar recursos diferenciados na educação escolar. Sobre a ideia de visão e formação crítica, esta se relaciona a metodologias que favorecem a autonomia do estudante, provoque sua curiosidade e o estimule na tomada de decisões.

Nessa perspectiva, o pensamento freiriano aborda que para a formação de um sujeito crítico é necessário que este seja consciente e construtor da sua história, e que essa formação tenha como base um processo educacional que atenda às necessidades do povo, a partir de sua realidade. Assim,

não há conscientização se, de sua prática não resulta a ação consciente dos oprimidos, como classe explorada, na luta por sua libertação. Por outro lado ninguém conscientiza ninguém. O educador e o povo se conscientizam através do movimento dialético entre a reflexão crítica sobre a ação anterior e a subsequente no processo de luta (FREIRE, 1981, p.88).

Dessa forma, os filmes proporcionam espaços de debate e reflexão entre professores e estudantes, mas para que haja um processo de formação crítica e transformadora, o olhar dos estudantes deve ir muito além da compreensão restrita ao conteúdo escolar, tendo como alvo a ampla formação humana.

Quanto à pesquisa de Caprecci (2016), a autora destaca o processo de construção de roteiros cinematográficos até a produção de vídeos pelos alunos do ensino médio como meios para o desenvolvimento da linguagem cinematográfica, nas aulas de Língua Portuguesa, e sua importância como meio de comunicação e autonomia.

Quando nos referimos à linguagem, o termo abarca variadas formas de comunicar, de projetar ideias e sentimentos através de diferentes signos, que podem ser sonoros, textuais, gestuais, dentre outros. A linguagem cinematográfica articula diversos elementos e se comunica de diversas maneiras, podendo, por exemplo, um mesmo filme trazer várias entradas interpretativas para um mesmo referente. Logo,

um filme é um ato de comunicação altamente complexo e nenhum ato de comunicação é eficaz a menos que se leve em consideração como o receptor irá recebê-lo. Se um filme deve ter o efeito desejado, o cineasta precisa saber exatamente como a tela se comunica. Ele precisa saber como as imagens produzidas serão entendidas pelo público e trabalhar conforme sua imaginação. (EDGAR-HUNT, 2013, p. 1).

A autora ainda afirma que *“Trabalhar o roteiro desde a construção dos personagens, a dinâmica do enredo, a tipologia de texto que será inserido, pode ser uma experiência gratificante ao discente se bem orientado, principalmente se o cinema deixar de ser abstrato para se tornar um recurso concreto.”* (CAPRECCI, 2016).

Entendendo-se a importância da comunicação em nossa sociedade, é importante salientar que o cinema propaga diferentes conceitos e ideias, afetando os jovens em diversos aspectos. Dessa maneira, ele movimenta muito mais do que elementos gramaticais nas aulas de Língua Portuguesa, ele textualiza valores e ideologias.

Nos trabalhos *Fora do quadro: discursos sobre educação e cinema (Argentina e Brasil- 1910/1940 e 1990/2010)* (AZEVEDO, 2014); *As percepções das crianças sobre o cinema nas práticas pedagógicas em uma escola de Poços de Caldas/MG* (RODRIGUES, 2015); *O papel do cinema como ferramenta para o ensino e suas contribuições para uma turma de educação de jovens e adultos da escola municipal Dr. Cocio Barcellos* (NETO, 2018) e *Pedagogia da imagem: a autoria na relação educador / educando durante o processo de produção de vídeos na escola*” (COSTA, 2014), mesmo que apresentem o uso de filmes de maneiras diversas, todos trazem como foco suas contribuições para o ensino –

aprendizagem das disciplinas do currículo escolar, independente do nível de ensino. Todos os trabalhos que se enquadraram nessa categoria aproximam o cinema da escola na perspectiva de estimular a busca de novas práticas de ensino e aprimorar o conhecimento com a inserção de novas tecnologias no espaço educacional. Fresquet (2013, p. 40) ressalta que

as novas tecnologias vêm produzindo certa revolução na relação da escola com o cinema. A leveza e a simplicidade de operação de equipamentos e programas de edição, cada vez mais acessíveis em custo e uso, facilitam que o cinema penetre no espaço escolar a partir de diversas iniciativas de produção simples: curtas-metragens de animação e ficção; documentários; “cinema teatro”; pequenas filmagens com celulares ou câmeras digitais de fotografia, para citar alguns exemplos. [...] todas essas produções pretendem aproximar, de um modo cada vez mais contundente, a experiência do cinema e a educação formal.

Como apresentado nos trabalhos aqui citados, o uso de filmes na escola possibilita maior integração e troca de ideias entre estudantes e professores, estimulam a criatividade e auxiliam na compreensão dos conteúdos trabalhados. No entanto, como apontam outros autores, o encontro do cinema com a educação pode ir muito além das contribuições nas disciplinas, podendo criar espaços de relações sociais, culturais, artísticas e, principalmente, participando da construção e formação humana desses sujeitos.

Porém, alguns questionamentos sobre o uso ou produção de filmes na escola devem ser feitos, afinal, nem sempre seu uso alcança o objetivo proposto quando não é bem planejado e/ou a seleção de filmes não ocorre da maneira ideal. Assim,

os projetos e as propostas curriculares que fomentam o encontro do cinema com o aluno podem gerar, em um primeiro momento, uma aura de inovação nos meios educacionais, no entanto, não é apenas o fato do cinema ou do ensino de cinema existir nas escolas que automaticamente acontecerá um processo de ensino/aprendizagem excelente. Pelo contrário, temos que empregar certa atenção e cuidado com algumas dessas propostas educacionais ditas “inovadoras” ou “revolucionárias”. Não é a simples posse de uma câmera pelo aluno que fará com que exista um processo significativo de ensino/aprendizagem, mas sim, para onde e como (metaforicamente) este aluno apontará a câmera. (BARBOSA, 2018, p. 51)

Dessa maneira, a formação dos professores é um aspecto fundamental para que o uso de filmes na escola ultrapasse as fronteiras das disciplinas e de análises fílmicas, sendo uma arte de possibilidades amplas, um ato de criação. Nesse sentido, a inclusão do cinema afeta

[...] a própria formação dos nossos professores, que precisam lidar de maneira produtiva com o potencial criativo que esse repertório fílmico proporciona, a fim de que o cinema brasileiro não seja domesticado através de práticas pedagógicas

inapropriadas ou meramente normatizadoras, subtraindo-lhe sua potência inventiva e de comunicação com o mundo. (AMÂNCIO et al., 2015, p.30)

Portanto, possibilitar o fazer cinematográfico como arte na escola é romper com a concepção de ferramenta de ensino, de aprendizagem conteudista; é assistir filmes com intuito de apreciação estética, de educação do olhar nas crianças e jovens para a beleza de um mundo inteiro a ser descoberto através do cinema.

4.3 Análise e descrição dos dados da categoria “O uso de filmes como Pedagogia da Criação/ Educação do Olhar”

Com base na leitura dos resumos, pode-se afirmar que os trabalhos com a dimensão “O uso de filmes como Pedagogia da Criação/ Educação do Olhar” na educação básica está presente nas práticas pedagógicas realizadas e descritas nos estudos dos autores ROSSATO (2018), PERSEGUEIRO (2016), PERSEGUEIRO (2017), BARRA (2015), STECZ (2015), LANZA (2015), AZEVEDO (2014), GOMES (2015), MIRANDA (2015), PERES (2016), MACHADO (2016), cada uma conduzindo suas práticas sob diversos aspectos da formação humana. No trabalho *“Cultura digital e a experiência estética na educação básica”* (ROSSATO, 2018), a experiência estética com cinema e fotografia aconteceu nas aulas de arte, focando na linguagem, criação e produção para educar os sentidos dos sujeitos participantes. A autora descreve que *“[...] a partir da prática com os estudantes de 7º ao 9º ano do Ensino Fundamental II, inicialmente envolvendo fotografia e cinema, seguida da ampliação das formas de criação de narrativas visuais vivenciadas na rede cibernética, que se consolida um fazer artístico em arte-educação que considere as tramas simbólicas e a transitoriedade de ambientes característicos da vida contemporânea e a ressignificação de uma educação voltada para o sujeito e os sentidos de suas experiências”*.

Persegueiro (2017) destacou a importância da imagem-som, presentes em várias mídias, no intuito de ampliação cultural e educação a partir das experiências desses sujeitos, assim a autora apresentou em seu trabalho *“[...] oito oficinas de desenhos animados inspirados nos episódios do Sítio do Pica Pau Amarelo de Monteiro Lobato. Durante esse processo entendeu-se a necessidade de apresentar novos olhares para as práticas pedagógicas, que foram construídas sem camisa de força, a partir das tendências progressistas, que dispuseram mais de quinze práticas pedagógicas calcadas no diálogo, de acordo com a prática educativa Libertária de Paulo Freire (1977)”*. A autora defende

“[...] a importância do sentido de experiência do cinema na construção de práticas pedagógicas, como formação humana, tecendo elo entre o cinema e educação e cinema na escola, tido como potencialidades para se pensar a educação no país.”

Quando nos referimos à educação a partir das experiências, defende-se aqui um processo de formação onde se tem as vivências e saberes dos estudantes como base para a construção de novos conhecimentos. Para que novos conceitos sejam incorporados, o professor precisa trazer para as discussões os saberes prévios já existentes para formar novos, ou complementar os saberes já estabelecidos. De acordo com Freire (1993, p. 59),

é preciso que o educador saiba que o seu “aqui” e o seu “agora” são quase sempre o “lá” do educando. Mesmo que o sonho do educador seja não somente tornar o seu “aqui agora”, o seu saber, acessível ao educando, mas ir mais além de seu “aqui agora” com ele ou compreender, feliz, que o seu educando ultrapasse o seu “aqui”, para que esse sonho se realize tem que partir do “aqui” do educando e não do seu. No mínimo, tem de levar em consideração a existência do educando e respeitá-lo. No fundo, ninguém chega lá partindo de lá, mas de um certo aqui. Isto significa, em última análise, que não é possível ao educador desconhecer, subestimar ou negar os “saberes de experiências feitas” com que os educandos chegam à escola.

Nesse sentido, a televisão, as fotografias, os filmes e a internet são mídias que fazem parte do cotidiano dos estudantes e (des)constroem muitos conhecimentos e culturas, conforme seu uso, e, por isso, podem ser um importante instrumento de formação social, cultural, política e artística no meio escolar. Dessa forma, compreender a complexidade dessas relações midiáticas é

apostar que há um emaranhado rico de práticas, envolvendo toda uma tecnologia de produção de imagens, modos diferenciados de recepção e apropriação de narrativas audiovisuais, é apostar na análise das mídias como elementos fundamentais da cultura contemporânea (FISCHER, 2007, p. 298).

Nessa perspectiva, o cinema é uma mídia que proporciona diálogo entre os produtores, espectadores e as obras fílmicas, assim como apontado no trabalho de PERSEGUEIRO (2016), que utiliza filmes que contribuem na aprendizagem de alunos deficientes intelectuais, pois aborda o cinema na perspectiva artística e como hipótese de alteridade. Quando nos referimos à alteridade, termo também utilizado no trabalho *“Cinema e educação: narrativas de experiências docentes em colégios de aplicação”* (BARRA, 2015), Ramos; Teixeira (2011) apontam que o cinema assume o papel de estrangeiro dentro do espaço escolar, proporcionando aos alunos enxergarem o mundo de outra forma.

O cinema pensado como alteridade interroga o já visto, remove o instituído, desloca os olhares, inventa ideias, possibilidades, outros enredos, novas imagens, luminosidades tantas [...] O cinema deve estar na escola não como um conteúdo curricular e campo de especialidade de um professor, mas de outra maneira, em outra perspectiva, fugindo a racionalidade instrumental e conteúdos a serem aferidos e mensurados pelos profissionais especializados nisso e naquilo. Trata-se, ao revés de um encontro com o cinema como expressividade, como um largo horizonte de possibilidades que permitem a experiência estética (RAMOS; TEIXEIRA, 2010, p.14).

Nessa perspectiva de alteridade, Fresquet (2010, p. 2) destaca

o grande desafio de estreitar a relação entre o cinema e a educação é favorecer condições para uma revolução. Uma revolução coletiva de alteridade. Uma revolução pacífica, amorosa que, através do trabalho de professores, artistas e profissionais, legitime a autoria das crianças e adolescentes no ato de criação e produção cultural. Trata-se de um grupo social que ainda não tomou (tomamos) consciência de seu poder pelo número e pela força criativa. Inventar formas de aproximação do cinema e a educação dentro e fora do currículo, e inclusive dentro e fora da escola nos anima a um devaneio: o combate ao imperialismo e outras formas de hegemonia econômica e cultural.

Nas experiências dos trabalhos *“Cinema e educação: produção e democratização do audiovisual com crianças e adolescentes em Curitiba”* (STECZ, 2015); *“Conjunções entre escola e cinema: pesquisa-intervenção em duas escolas da rede municipal de ensino de Campinas”* (LANZA, 2015); *“Fora do quadro: discursos sobre educação e cinema (Argentina e Brasil- 1910/1940 e 1990/2010”* (AZEVEDO, 2014); *“Poéticas, cinema e educação- um estudo sobre experiências de aprendizagem com cinema na escola”* (GOMES, 2015); *“Produção de vídeo na escola: um estudo sobre processos de aprendizagem audiovisual”* (MIRANDA, 2015); *“Entre choques, cortes e fissuras – a (semi)formação estética: uma análise crítica da apropriação de filmes na educação escolar”*(PERES, 2016) e *“Luz câmera educação: projeto de cinema na escola, uma experiência possível”*(MACHADO, 2016), os autores defendem a sensibilização do olhar a partir de um cinema como arte na escola, de valorização da cultura escolar e de reeducação de novos sentidos, para além das práticas escolares tradicionais, como tratado nos trabalhos da categoria anterior. Essas experiências confirmam a importância de uso/criação de filmes no espaço escolar como instrumento de (des)construção de saberes, vivências, relações, valores e tantas outras dimensões que participam da formação humana. Silva (2017, p.78) salienta que

o cinema tem função problematizadora da realidade, da vida e das coisas que a cercam. Além desses aspectos, desperta curiosidades, alimenta o debate de questões socialmente polêmicas, transitórias e transformadoras. [...] abre novas possibilidades de acesso ao conhecimento que implicam uma forma de expressão

e de comunicação, capaz de aproximar educação, comunicação, arte e cultura através de um processo coletivo [...].

Neste sentido, entende-se que a pedagogia da criação busca, na escola, habituar os estudantes a experimentarem sensações próprias da criação no processo de produção do cinema, dos curtas, dessa forma,

talvez fosse preciso começar a pensar – mas não é fácil do ponto de vista pedagógico – o filme não como objeto, mas como marca final de um processo criativo como arte. Pensar o filme como a marca de um gesto de criação. Não como um objeto de leitura, descodificável, mas, cada plano, como a pincelada do pintor pela qual se pode compreender um pouco seu processo de criação. Trata-se de duas perspectivas bastante diferentes (BERGALA, 2008, p. 33-34).

Os trabalhos da categoria “O uso de filmes como pedagogia da criação/educação do olhar” buscaram aproximar da escola obras audiovisuais que não vem somente da mídia de massa, na busca da difusão cultural que outras obras oferecem. Não se quer negar o que é hegemônico, e sim ampliar os horizontes com outras obras fílmicas, inclusive as nacionais. Importante destacar que não se pretende apontar a melhor ou pior maneira de se usar filmes na escola, mas sim apresentar a imensidão de possibilidades do cinema como arte, que vai além do recurso didático, e oferece aos professores e alunos que se envolvem com filmes, experiências de alteridade e de descobertas do desconhecido.

4.4 Análise e descrição dos dados da categoria “O uso de filmes em sala de aula e contribuições para as interações sociais”

A partir da leitura dos resumos, destacamos alguns que apresentam como eixo temático as interações sociais que acontecem entre os estudantes e a comunidade escolar quando os filmes passam a fazer parte da mesma, proporcionando “um meio de reconhecimento de si e do outro” (ZANINI; BERNARDI, 2016, p. 1). Os trabalhos que apontaram em seus resumos esse importante papel social do uso dos filmes na escola foram: LINO (2014), PINTO (2015), GOMES (2015), MACHADO (2016) e SAMPAIO (2017). Em seu trabalho “*Da escola ao cinema, pelas trilhas de um projeto*”, LINO (2014) relata que há “*perspectivas positivas dos estudantes e professores sobre o Projeto, visto que para os primeiros este colabora para experimentação de espaços e situações externas à escola, e para os últimos, auxilia na melhoria de suas relações interpessoais com os*

jovens, além de facilitar seu trabalho pedagógico com os conteúdos escolares. As atividades com cinema na escola contribuíram, também, conforme os professores, para a criação de um clima favorável [...].” Dessa forma, o autor reforça como o uso de filmes é um importante instrumento de aproximação entre estudante e professor e como essa relação, favorece o diálogo entre as partes e, conseqüentemente, o aprendizado mútuo. Dessa forma, segundo Birznek e Higa,

A teoria de Vygotsky evidencia a importância da interação social para o desenvolvimento do que somos, seres humanos advindos da cultura construída ao longo da história, nos fazendo diferenciar dos animais (não tendo apenas as funções psicológicas inferiores), mas sim termos ações voluntárias, onde o indivíduo imerso nessa sociedade tem uma interação dialética pois “ao mesmo tempo em que o ser humano transforma o seu meio para atender suas necessidades básicas, transforma-se a si mesmo” (REGO, 2014, p. 41) (BIRZNEK; HIGA, 2017, p.4).

Nesse contexto, defende-se o uso de filmes no espaço escolar porque este cria espaços de trocas, diversão, opiniões e de uma interação com o outro e consigo capaz de contribuir na aprendizagem escolar, socialização entre os sujeitos e, assim, na sua construção. Segundo Duarte (2002), entende-se

[...] a socialização como um processo no qual o indivíduo socializado tem participação ativa, interfere nas condições em que ela acontece e modifica o mundo social. Desse ponto de vista, a socialização é algo em permanente construção, em que os protagonistas são, ao mesmo tempo, agentes e produtos da interação social- “os indivíduos se socializam produzindo o social”, afirmava Simmel (1983). (DUARTE, 2002, p.16)

Na tese *“Poéticas, Cinema e Educação- um estudo sobre experiências de aprendizagem com cinema na escola”*, Gomes (2015) destaca em seu resumo o importante impacto positivo que a realização de filmes trouxe nas relações entre os participantes do projeto. Neste trecho a autora descreve como o a experiências trouxeram “[...]marcas e transformações em estudantes escolares, professores e estudantes universitários, os laços que se formaram e se fortaleceram, as marcas afetivas impressas nos sujeitos, o sentimento de pertença e de empoderamento, a possibilidade do exercício de outros papéis e a reconfiguração do próprio lugar.”. Essa fala da autora demonstra como os filmes, seja através da sua produção ou exibição, contribui nas relações e boa convivência na escola, já que este é um ponto tão marcante e almejado no dia a dia escolar.

Machado (2016) também defende em sua pesquisa *“Luz câmera educação: projeto de cinema na escola, uma experiência possível”*, a relevância dos filmes na escola na construção das relações. A autora destaca que *“A produção de cultura analisada ao*

longo da pesquisa, identificou a importância das relações que se estabeleceram em torno do “fazer cinema”, onde as trocas de conhecimentos e experiências dos envolvidos, produziram formas de pensar e agir transformando posturas e incentivando outros jovens a tornarem os sets de filmagem em espaços de convivência, amizade, cultura e aprendizado.”. Assim,

É inegável que as relações que se estabelecem entre espectadores, entre estes e os filmes, entre cinéfilos e cinema e assim por diante são profundamente educativas. O mundo do cinema é um espaço privilegiado de produção de relações sociabilidade [...] (DUARTE, 2002, p.17).

Nesse caminho, SILVA (2010) reforça a ideia que

[...] o cinema constitui-se em uma matriz social singular de percepção, elaboração e transmissão de saberes e fazeres, possibilitando distintas formas de apreensão, compreensão e representação do mundo. Nesses termos, enquanto uma modalidade integrante do conhecimento humano, o cinema orienta e explica percursos individuais e grupais formados em ambiências em que a imagem em movimento constitui e possibilita aprendizados que passam a compor o estoque de experiências da sociedade (SILVA 2010, p.161-162).

Dessa forma, a partir das discussões apresentadas nessa categoria, compreende-se o quanto o uso de filmes na sala de aula se torna um importante instrumento de aproximação e de transformação do espaço socioafetivo, pois é importante *“[...] pensar acerca de uma certa maneira de estar na escola. Nela é possível que mundos sejam criados a partir da forma como é habitada por aqueles que lhe conferem vitalidade.”* (SAMPAIO, 2017). Logo, essas experiências de socialização a partir dos filmes “acabam interagindo na produção de saberes, identidades, crenças e visões de mundo de um grande contingente de atores sociais. Esse é o maior interesse que o cinema tem para o campo educacional – sua natureza eminentemente pedagógica” (DUARTE, 2002, p. 19).

Os resumos das teses e dissertações apresentadas nesse trabalho nos mostram como os caminhos e desafios para o uso de filmes na escola são múltiplos, não havendo um consenso e levando-nos a entender como o uso de filmes é um campo amplo de possibilidades educacionais e pedagógicas, mas que o uso emancipatório implica a educação e formação do educador, pois ele ocupa papel fundamental da mediação do instrumento, do olhar e do fazer cinema.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar um percurso, sempre buscamos refletir sobre a trajetória que percorremos e as contribuições que ela traz para nossas vidas. Assim, procurou-se apresentar nessa conclusão os caminhos trilhados nesta pesquisa e as potencialidades e desafios que o encontro do cinema e a educação realizam na escola. Ao longo desta pesquisa foram realizadas buscas, observações, estudos e reflexões a cerca do que os pesquisadores produziram sobre o uso de filmes na educação básica no período de 2014 a 2018.

O principal objetivo desta dissertação foi sistematizar, descrever e apresentar os dados sobre o estado do conhecimento das práticas pedagógicas com o uso de filmes na educação básica, tendo como fonte de análise os resumos das teses e dissertações dos programas de pós- graduação da região sudeste do Brasil. De modo geral, a quantidade de trabalhos que tratam o tema é modesta em relação ao total de trabalhos que tem como tema geral cinema e educação. No entanto, assim como tratado ao longo da dissertação, podemos entender os limites do trabalho aqui apresentado, pois reconhecemos que o uso de palavras chaves escolhidas pelos investigadores podem ter exaurido tantas outras possibilidades de acesso aos trabalhos sobre o uso de filmes nas práticas pedagógicas.

Após a seleção dos quarenta e quatro trabalhos, destes, trinta e cinco teses e nove dissertações, nos debruçamos sobre os vinte e quatro resumos da região sudeste. Desse quantitativo, o ano de 2015 foi o que apresentou número mais elevado de estudos com essa temática, com dez trabalhos. Mesmo o ano de 2015 sendo posterior a promulgação da lei 13.006/2014, acredito que esse aumento nas teses e dissertações não tiveram relação com a lei, uma vez que o aumento não foi contínuo nos anos de 2016, 2017 e 2018. Esses dados apontam para a importância em dar continuidade às pesquisas com o objetivo de responder se as produções sobre a temática aumentaram nos programas de pós-graduação após a criação da lei 13.006/2014, sendo necessária uma análise de vários anos subsequentes a lei para se obter uma resposta para o problema.

Da leitura e análise dos resumos despontaram as categorias que revelaram os diversos propósitos que o uso de filmes nas práticas pedagógicas assume no fazer educacional. Os principais resultados dos estudos apresentados demonstram que, grande parte dos trabalhos desenvolvidos na região sudeste utilizou-se dos filmes como instrumento de mediação do conteúdo a ser ensinado. Os autores que defenderam o uso de filmes como ferramenta de ensino apontam diversas atividades que podem ser

desenvolvidas a partir do seu uso, como desenvolver aulas a partir de roteiros fílmicos; discutir a linguagem cinematográfica desde a construção de roteiros até a produção de vídeos; o uso de desenhos animados; exibição de filmes para estimular e assimilar o conteúdo matemático; para incentivar debates nas aulas e, assim, aumentar o interesse nas aulas. Dessa forma, esses resultados mostraram que os filmes, usados nas escolas hoje, seguem uma linha diferente do cinema educativo proposto pelo INCE, em 1937, que é a de divulgar conhecimentos técnicos e científicos à população.

Outros trabalhos apresentados nessa pesquisa defendem a o uso de filmes na escola na perspectiva criativa, artística e de prática social como caminho para formação dos sujeitos. Com base nesse potencial educativo dos filmes como pedagogia da criação e não apenas como ferramenta de apoio ao conteúdo escolar, percebe-se a importância de criar oportunidades de ensino e vivências participativas dos alunos, incluindo a linguagem cinematográfica na escola como meio de apropriação dos conhecimentos de qualquer tipo de ciência, de maneira crítica e transformadora, por meio de atividades artísticas e criativas que levem à descoberta do saber através da imaginação, sensibilização e criação na busca da educação do olhar.

Os pesquisadores que apresentam experiências com filmes nesse caminho de sensibilização, arte, interação social e formação humana, que vai além dos conteúdos, destacam que, quando o cinema chega à escola de uma maneira estranha à habitual, ele abala as estruturas institucionais e nos possibilita aprender, desaprender e reaprender com as obras fílmicas, como defende Fresquet (2009), e isso nos permite reeducar nossos sentidos e transformar os sujeitos escolares a partir da emancipação destes.

Pode-se afirmar que, com base nos resultados mostrando as diferentes percepções que as práticas pedagógicas com o uso de filmes proporcionam, é fundamental a formação de professores, seja em nível de graduação ou pós-graduação, para que as possibilidades de uso de filmes sejam amplas e repletas de significados. Apesar das atividades com filmes terem como foco a formação do estudante, os destaques foram as práticas realizadas, e esse trabalho, em grande maioria, foi realizado pelos docentes em sala de aula. Dessa forma, é necessário que a professora e o professor se sintam seguros para explorar e vivenciar todos os recursos e possibilidades que os filmes proporcionam no espaço escolar.

A formação continuada e a formação para o uso do cinema e dos filmes tem grande relação com a promulgação da lei 13.006/2014, uma vez que ela obriga a exibição de filmes na escola por, no mínimo, duas horas mensais. No entanto, para que o cinema

brasileiro realmente ganhe espaço na escola é fundamental, antes de tudo, que essa temática seja, de fato, debatida nas instituições de ensino básico já que, segundo Cabral (2019, p.7), “filmes *hollywoodianos* são considerados como o modelo ideal a ser copiado e os filmes brasileiros ainda não encontraram seu lugar nas escolas de educação básica”. Logo, formar professores é fundamental para que esses profissionais tenham clareza, gosto pelas artes e compreensão sobre o cinema brasileiro. A formação cultural do professor tem a função de proporcionar melhor seleção e utilização das obras fílmicas e, conseqüentemente, auxiliar na formação de apreciadores estéticos dos filmes, contribuindo na formação humana e intelectual dos estudantes e dos educadores.

Por fim, considera-se pertinente que haja mais pesquisas com foco de investigar a relação entre cinema e educação e os possíveis impactos que Lei 13.006/2014 pode trazer para o uso de filmes no espaço escolar e as possibilidades de formação que o cinema pode trazer para a escola. Apoiando-se em estudos de pesquisadores sobre o cinema e a educação, como Fresquet, Bergala, Teixeira, Duarte e Silva, espera-se que esse trabalho sobre práticas pedagógicas com filmes na educação básica amplie e permita sua utilização por professores de todas as disciplinas, sobretudo por seu potencial de dissolver os limites entre as disciplinas.

REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. **O Método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. São Paulo: Pioneira, 1998.

AMÂNCIO, A. C. et al. Novos desafios frente à lei 13.0006/14. In: FRESQUET, A. (Org.). **Cinema e Educação: a lei 13.006/14: reflexões, perspectivas e propostas**. Belo Horizonte: Universo Produção, 2015. p. 26-31.

AUMONT, J.; MARIE, M. **Dicionário teórico e crítico do cinema**. São Paulo: Texto & Grafia, 2009.

AZEVEDO, A. L. de F. e. **Fora do quadro: discursos sobre educação e cinema (Argentina e Brasil - 1910/1940 e 1990/2010)**. 2014. 242f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

BALÁZS, B. Nós estamos no filme. In: I. Xavier (org.). **A experiência do cinema - antologia**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

BARBOSA, D. J. de M. L. **Cinema no contexto escolar: por uma pedagogia da criação**. 2018. 125f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BAUER, M.W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2008.

BERGALA, A. **A hipótese-cinema: pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola**. Trad. Mônica Costa Netto, Silvia Pimenta. Rio de Janeiro: Booklink, CINEAD-LISE-FE/ UFRJ, 2008.

BIRZNEK, F. C.; HIGA, I. A interação social em Paulo Freire e Vygotsky como referencial teórico na reflexão sobre as interações discursivas na aprendizagem de Física. 2017. In: Xi Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências- enpec (Vol.11. pp. 1-10). **Anais...** Florianópolis, 2017. Disponível em: <<http://www.abrapecnet.org.br/enpec/xi-enpec/anais/resumos/R1944-1.pdf>>. Acesso em: 25 set. 2019.

BRASIL. Lei nº 378, de 13 de janeiro de 1937. Dá nova organização ao Ministério da Educação e Saúde Pública. **Diário Oficial da União - Seção 1 - 15/1/1937**, Página 1210. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1930-1939/lei-1937-1939/lei-378-13-janeiro-1937-398059-publicacaooriginal-1-pl.html>>. Acesso em 07 jan. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, 23 de dezembro de 1996. Seção 1 – 27/6/2014. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2014/lei-13006-26-junho-2014-778954-publicacaooriginal-144445-pl.html>> . Acesso em 18 set. 2019.

CABRAL, E. R. **Cinema brasileiro na escola: um estudo exploratório em tempos da lei 13.006/2014**. 2019. 117f. Dissertação (Mestrado em Educação e Formação Humana) – Universidade do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

CALDEIRA, A. M. S.; Z Aidan, S. Prática pedagógica. In: OLIVEIRA, D. A.; DUARTE, A. C.; VIEIRA, L. M. F. (Org.). **DICIONÁRIO: trabalho, profissão e condição docente**. Belo Horizonte: Gestrado/UFMG, 2010. Disponível em: <<http://www.gestrado.net.br/?pg=dicionario-verbetes&id=328>>. Acesso em 07 set. 2019.

CARVALHO, M. do Carmo B.; NETTO, J. P. **Cotidiano: conhecimento e crítica**. São Paulo: Cortez, 1994.

CARR, W. **Una teoría para la educación: Hacia una investigación educativa crítica**. España, Madrid: Morata y Fundación Paideia, 1995.

CATELLI, R. O cinema educativo nos anos vinte e trinta: algumas tendências presentes na bibliografia contemporânea. **Intexto**, Porto Alegre: UFRGS, v. 1, n. 12, p. 1-15, jan.-jun./2005.

CATELLI, R. **Dos “naturais” ao documentário: o cinema educativo e a educação do cinema entre os anos de 1920 e 1930**. 2007. 244f. Tese (Doutorado em Artes) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

CHAVES, A. B., FRAZÃO, P. S. P. O cinema e a manipulação das massas. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 14, p. 54-65, n. 163 (2014), dezembro de 2014. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/issue/view/945>>. Acesso em 05 out. 2019.

COELHO, T.J. **Dicionário crítico de política cultural**. São Paulo: Iluminuras, 1999

COELHO, R. M. F.; VIANA, M. C. V. A utilização de filmes em sala de aula: um breve estudo no Instituto de Ciências Exatas e Biológicas da UFOP. **Revista da Educação Matemática**, v. 1, 2011. Disponível em: <http://www.pucrs.br/ciencias/viali/tic_literatura/filmes/C13.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2019.

CORDEIRO, A. A. P. **Desvelando a arte na cidade de Belo Horizonte pela educação do olhar: sequência didática para alunos do ensino médio**. 2016. 159f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

CORROCHANO, M. C.; PISTILLI, P. Gerações em diálogos: Cinema e produção audiovisual no ensino médio. In: FRESQUET, A.. (Org.). **Cinema e Educação: A Lei 13.006 – Reflexões, perspectivas e propostas**. 1ed. Belo Horizonte: Universo Produção, 2015, v. 1, p. 157-166.

COUTINHO, L. M. **Cinema e educação: um espaço em aberto. Salto para o futuro**. TV Escola: 2009. 38 p. vol. 4. Disponível em: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000012190.pdf> >. Acesso em: 27 ago. 2018.

CHRISTOFOLETTI, R. Filmes na sala de aula: recurso didático, abordagem pedagógica ou recreação? **Educação**. 2009; 34(3): 603-16. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/871/605>>

DEUS, A.I.S. de. Cinema na educação como dispositivo de formação e ação pedagógica. In: Reunião Científica Regional da ANPED, 11, 2016, Curitiba. **Anais eletrônicos**. Curitiba: UFPR, 2016. Disponível em: <http://www.anpedsul2016.ufpr.br/wp-content/uploads/2015/11/EIXO6_ANA-IARA_SILVA-DE-DEUS.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2018.

DUARTE, R. **Cinema & educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

_____. **O cinema de cada um**. Disponível em: <<http://cineclubesmerj.blogspot.com/p/texto.html>> Acesso em: 09 jun. 2018.

EDGAR-HUNT, R., MARLAND, J., RAWLE, S. **A linguagem do cinema**. Porto Alegre: Bookman, 2013. (Coleção Fundamentos de Cinema).

FANTIN, M. Audiovisual na escola: abordagens e possibilidades. In: BARBOSA, M C.S., SANTOS, M. A. **Escritos de Alfabetização Audiovisual**. Porto Alegre: Libretos, 2014, p.47-68.

_____. Cinema e imaginário infantil: a mediação entre o visível e o invisível. **Revista Educação e Realidade**, v. 34, n. 2, p. 205-223, mai./ago. 2009. Disponível em: <seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/download/9357/5546>. Acesso em 09 set. 2019.

FARIA, N.V.F. **A linguagem cinematográfica na escola: o processo de produção de filmes na sala de aula como prática pedagógica**. 2011. 91f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2011.

FERNANDES, C. À procura da senha da vida-de-senha a aula dialógica? In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro (Org.). **Aulas: gênese, dimensões, princípios e práticas**. Campinas: Papirus, 1999.

FERREIRA, N. S. de A. As pesquisas denominadas “estado da arte”. **Educação & Sociedade**, São Paulo, ano 23, n. 79, p.257-272, ago. 2002.

FISCHER, R.M.B. Mídia, máquinas de imagens e práticas pedagógicas. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 35, p. 290-299, maio/ago. 2007.

FERREIRA, A. B. de H. **Dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010. 2222 p. ISBN 978-85-385-4198-1.

FLICK, U. (2009). **Introdução à pesquisa qualitativa** (3a ed., J. E. Costa, Trad.). São Paulo: Artmed.

FRANCO, M. L. P. B. **Análise de conteúdo**. 3. ed. Brasília: Líber Livro, 2008.

FRANCO, M. A. S. Prática pedagógica e docência: um olhar a partir da epistemologia do conceito. **Rev. bras. Estud. pedagog.** (on-line), Brasília, v. 97, n. 247, p. 534-551, set./dez.

2016. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rbeped/v97n247/2176-6681-rbeped-97-247-00534.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2019.

FRANCHINI, R. (2005). **Incentivos fiscais ao audiovisual brasileiro**: mercado, público e sociedade. Trabalho de Monografia. Unesp.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. **Educação como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

_____. **Ação cultural para a liberdade**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

_____. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se complementam. 23. ed. São Paulo. Autores associados: Cortez, 1989.

_____. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

FRESQUET, A. *et al.* **Proposta do grupo de trabalho cinema escola sobre formação docente**. Ouro Preto: Universo, 2016.

FRESQUET, A. **Documentários na escola**. GRUPEM Grupo de Pesquisa Educação e Mídia vinculado ao Programa de Pós-Graduação da PUC Rio e certificado pelo CNPQ. Desenvolve estudos sobre as relações de crianças e jovens com as mídias. 2009.

_____. **Cinema, infância e educação**. Anped. GE: Educação e Arte /n.01. 2007. Disponível em < http://30reuniao.anped.org.br/grupo_estudos/GE01-3495--Int.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2017.

_____. Cinema e educação. In: OLIVEIRA, D.A.; DUARTE, A.M.C.; VIEIRA, L.M.F. **DICIONÁRIO**: trabalho, profissão e condição docente. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. CDROM

_____. **Cinema e educação**. Reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e “fora” da escola. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

FRESQUET, A.M.; PAES, B.T., A escola e o cinema: algumas reflexões e apreensões frente à lei 13.006/14. **Revista Teias**. Rio de Janeiro. v.17, n. 47, p. 163-172, jan./mar. 2016.

GALVÃO, E. **A ciência vai ao cinema**: uma análise de filmes educativos e de divulgação científica do Instituto Nacional do Cinema Educativo (INCE). 2044. 277 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-graduação em Educação, Gestão e Difusão de Ciências, Departamento de Instituto de Ciências Biomédicas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

GOMES, P. E. S. **Cinema**: Trajetória no Subdesenvolvimento. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

KLAMMER, C. R. *et al.* Cinema e educação: possibilidades, limites e contradições. In: **Simpósio Nacional de História Cultural**, Florianópolis, v. 3, 2006, p. 872-882.

- LEITE, S. F. **Cinema Brasileiro: das origens à retomada**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.
- LEITE, G. P. de C. **Linguagem cinematográfica no currículo da educação básica: uma experiência de introdução ao cinema na escola**. 2012. 100f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.
- LEITE, C. D. P.; CHRISTOFOLETTI, R. Pra quê cinema? O que pode o cinema na educação e a educação no cinema? Fronteiras de encontros. In: FRESQUET, A.. (Org.). **Cinema e Educação: A Lei 13.006 – Reflexões, perspectivas e propostas**. 1ed. Belo Horizonte: Universo Produção, 2015, v. 1, p. 40-50.
- LIBÂNEO, J. C. Reflexividade e formação de professores: outra oscilação do pensamento pedagógico brasileiro? In: PIMENTA, S. G.; GHEDIN, E. (Org.) **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2006. p. 53 – 80.
- LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** São Paulo: Cortez, 2007.
- LINO, V. F. **Da escola ao cinema, pelas trilhas de um Projeto**. 2014. 212f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.
- LUCCAS, M. B. **Práticas pedagógicas em educação ambiental na educação infantil: análise de dissertações e teses brasileiras**. 2016. 243f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, 2016.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 2. ed. São Paulo: EPU, 2013.
- MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.
- MORETTIN, E. Uma história do cinema: movimentos, gêneros e diretores. In: TOZZI, D. (org). **Caderno de cinema do professor: dois**. São Paulo: FDE, 2009. p 46-71.
- NETA, P. C. P. S. Cinema e História: o INCE e a construção do “novo homem” do Estado Novo. In: Encontro Estadual de Ensino de História, 4., 2017, Conceição do Coité BA. **Anais eletrônicos...** Conceição do Coité, out. 2017. p. 1-9. Disponível em <http://www.ensinodehistoria2017.bahia.anpuh.org/resources/anais/8/1506261930_ARQUIVO_ARTIGO-PEROLINA.pdf> Acesso em: 14 set. 2019.
- PEREIRA, A.M.; PEREIRA, A.F.; CARVALHO, K.L. **Cinema e educação: tecendo redes entre os professores das escolas de educação básica de Diamantina-mg**. 2014. 56f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Biológicas) – Faculdade de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, 2014.
- RAMOS, A. L. A. ; TEIXEIRA, I. A. C. Os professores e o cinema na companhia de Bergala. **Revista Contemporânea de Educação**, v. 4, p. 07-22, 2010.

ROMANOWSKI, J. P.; ENS, R. T. As pesquisas denominadas do tipo “Estado da Arte” em educação. **Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 6, n. 19, p. 37- 50, set./dez. 2006.

SALIBA, M. **Cinema contra cinema: o cinema educativo de Canuto Mendes (1922-1931)**. São Paulo: Annablume, FAPESP, 2003.

SANTOS, R. M. do. **Estado da arte e história da pesquisa em Educação Estatística em Programas brasileiros de Pós-Graduação**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.

SANTOS, M. A. dos; BARBOSA, M. C. S.; LAZZARETI, A. À luz da Lei. In: FRESQUET, Adriana et al. (Org.). **Cinema e educação: a lei 13.006, reflexões, perspectivas e propostas**. Belo Horizonte: UNIVERSO PRODUÇÃO, 2015. 215 p. Disponível em: <<http://cinead.org/wp-content/uploads/2019/06/A-lei-13.006.pdf>>. Acesso: em 20 set. 2019.

SANTOS, J. B. dos. **S. Educação e Cinema: aspectos da produção acadêmica em educação disponibilizada em plataformas digitais de divulgação científica do Brasil (1987-2016)**. 2019. 113f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São João Del Rei, São João Del Rei, 2019.

SIDONE, O. J. G., HADDAD, E. A., MENA-CHALCO J. P. A ciência nas regiões brasileiras: evolução da produção e das redes de colaboração científica. **Transinformação**, Campinas. 2016; 28(1):15-31.

SILVA, G. de S. O. **Estado da arte da leitura no Brasil: 2010 a 2015**. 2017. 170f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Goiás/ Regional Catalão, Catalão, 2017.

SILVA, J.V. **O Potencial educativo de práticas pedagógicas com filmes na Licenciatura**. 2017. 334f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

SILVA, V. A. S. da. **Memória e cultura: cinema e aprendizado de cineclubistas baianos dos anos 1950**. 2010. 169f. Dissertação (Mestrado em Memória: Linguagem e Sociedade) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2010.

SOUSA, D.M.C. **O cinema na escola: aspectos para uma (des)educação**. 2017. 355 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

TEIXEIRA, I.A.C., et al. **Telas da docência: professores, professoras e cinema**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

UNIVERSITAS: a produção científica sobre educação superior no Brasil, 1968 – 2000. Porto Alegre: GT Política de Educação Superior/ ANPED, 2002 *apud* MOROSINI, M. C. Estado do conhecimento sobre internacionalização da Educação Superior: conceitos e práticas. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 28, p. 107-124, 2006.

VANOYE, F.; GOLLOT-LÉTÉ, A. **Ensaio sobre a análise fílmica**. 2. ed. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

VIANA, M. C. V.; TEIXEIRA, A. F., A história da Matemática vai ao cinema In: VIII Seminário Nacional de História da Matemática, 2009, Belém-PA. **Anais do VIII Seminário Nacional de História da Matemática**. Rio Claro-SP: SBHMat, 2009. p. 1 – 11.

VILAÇA, S. H. C. **Inclusão audiovisual na educação**: a experiência do projeto horizontes periféricos. 2013. 352f. Tese (Doutorado em Artes) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

ZANINI, R.; BERNARDI, G. **O cinema na escola**: possibilidades múltiplas. 2016. 21p.

Disponível em:

<http://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/607/Zanini_Rejane.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 04 jan. 2017.